

Online ISSN 2447-4878

Revista
**ENSAIOS
TEOLÓGICOS**

Vol. 9 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2023

Faculdade Batista
Pioneira

ISSN 2447-4878

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Bíblia – Teologia – Prática

Volume 09 – Número 02 – Dezembro / 2023

Missão

Proporcionar espaço para compartilhamento
dos saberes teológicos em construção

Projeto de Iniciação Científica

Faculdade Batista
Pioneira



R454 Revista Ensaios Teológicos: Bíblia, teologia, prática /
Faculdade Batista Pioneira; editora responsável Marivete Zanoni Kunz
v. 09, n. 02, Dez. 2023. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2023. -
141 p.

Semestral

ISSN 2447-4878

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade Batista Pioneira. II. Kunz, Marivete Zanoni. III. Título. IV. Título: Bíblia, teologia, prática.

CDU : 2(05)

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10/1879

Site: ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Projeto de Iniciação Científica

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Indexador



Rua Dr. Pestana, 1021 – Centro – Ijuí / RS – 98700-000
(55) 3332-2205 – faculdade@batistapioneira.edu.br
www.batistapioneira.edu.br

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Direção Geral

Dr. Claiton André Kunz

Editora Responsável

Dr^a Marivete Zanoni Kunz

Conselho Editorial

Dr. Alcir Souza (Seminário Teológico Batista de Queluz / Portugal)
Dr^a. Analzira Nascimento (Faculdade Batista de SP)
Dr. Claiton André Kunz (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Claus Schwambach (Faculdade Luterana de Teologia)
Dr. David Bledsoe (Southeastern Baptist Theological Seminary)
Dr. Gleyds Silva Domingues (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a. Madalena Molochenco (Faculdade Evangélica de São Paulo)
Dr^a. Monica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Rogel Esteves de Oliveira (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. William Lacy Lane (Faculdade Teológica Sul Americana)

Comissão Consultiva

Me. Anderson Guimarães Cavalcanti (Seminário Teológico Batista de São Luís)
Me. Carlos Alberto Bezzera (Faculdade Batista do Cariri)
Me. Cleison R. R. Mlanarczyki (Regent College / Canadá)
Me. Edmar Pedrosa (Faculdade Teológica Batista de Campinas)
Me. Efstathios Tsotsos (Faculdade Teológica Batista de SP)
Me. Gabriel Giroto Lauter (Séminaire Baptiste Évangélique du Québec / Canadá)
Ma. Harriet Wondracek Krüger (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Igor Pohl Baumann (Durham University / Inglaterra)
Dr. Josemar Valdir Modes (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Reginaldo P. de Moraes (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a Sandra Fátima Krüger Gusso (Faculdades Batista do Paraná)
Dr. Vitor Hugo Schell (Faculdade Luterana de Teologia)
Me. William Tenório Quintela (Faculdade Teológica Batista de SP)

Revisão

Dr^a Marivete Zanoni Kunz

Revisão do Abstract

Micael Fernando Timer

Diagramação e Editoração Eletrônica

Dr. Claiton André Kunz

Capa

Delize Grando



LEMA

Vocação levada a sério.

VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico,
tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a
qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

VALORES

Bíblia como Palavra de Deus
Amor a Deus e ao próximo na prática
Cristo como único Senhor e Salvador
Teoria aliada à prática ministerial
Excelência no ensino acadêmico
Estímulo ao senso crítico
Atitude de cooperação
Integridade de vida
Visão Missionária

SUMÁRIO

Apresentação	8
---------------------------	---

ARTIGOS

PAIS EM SEU DEVER DE ENSINAR SOBRE DEUS: DICAS PRÁTICAS – PARTE 2 PARENTS IN THEIR DUTY TO TEACH ABOUT GOD: PRACTICAL HINTS – PART 2 <i>Josemar Valdir Modes</i>	9
A RESILIÊNCIA E FIDELIDADE PROFÉTICA EM TEMPOS DE CRISE: LIÇÕES DO LIVRO DE DANIEL RESILIENCE AND PROPHETIC FIDELITY IN TIMES OF CRISIS: LESSONS FROM THE BOOK OF DANIEL <i>Francisco Rafael Rodrigues Tomazini</i>	25
EPISTEMOLOGIA REFORMADA: UMA BREVE APRESENTAÇÃO DAS PRINCIPAIS E FUNDAMENTAIS CARACTERÍSTICAS DA TRADIÇÃO EPISTEMOLÓGICA REFORMADA REFORMED EPISTEMOLOGY: A BRIEF PRESENTATION OF THE MAIN AND FUNDAMENTAL CHARACTERISTICS OF THE REFORMED EPISTEMOLOGICAL TRADITION <i>Bruno Litz</i>	34
EPÍSTOLA AOS ROMANOS: AUXÍLIOS PARA A IGREJA EPISTLE TO THE ROMANS: HELP FOR THE CHURCH <i>Flaviano Nogueira Siedeliske</i>	43
A EDUCAÇÃO CRISTÃ COMO ANTÍDOTO À COSMOVISÃO SECULAR MODERNA CHRISTIAN EDUCATION AS AN ANTIDOTE TO THE MODERN SECULAR WORLDVIEW <i>Carlos Eduardo Brechani</i>	59
O TESTEMUNHO DOS PAIS NA EDIFICAÇÃO DE RELACIONAMENTOS SIGNIFICATIVOS PARENTS' TESTIMONY IN BUILDING MEANINGFUL RELATIONSHIPS <i>Wellington Balbino Costa</i>	68
A LINGUAGEM ANTROPOMÓRFICA NO ANTIGO TESTAMENTO E O “ARREPENDIMENTO” DE DEUS EM ÊXODO 32.14 ANTHROPOMORPHIC LANGUAGE IN THE OLD TESTAMENT AND GOD'S “REPENTANCE” IN EXODUS 32:14 <i>Werbston da Silva Coelho</i>	87
ACONSELHAMENTO PASTORAL: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E SUA RELEVÂNCIA NO ÂMBITO EVANGÉLICO ATUAL PASTORAL COUNSELLING: A HISTORICAL APPROACH AND ITS RELEVANCE IN THE CURRENT EVANGELICAL FRAMEWORK <i>Régis Carvalho Bueno</i>	104

**MULHERES NO CONTEXTO DAS ESCRITURAS, IDENTIDADE E PAPEIS QUE GERAM
POSICIONAMENTOS**

WOMEN IN THE CONTEXT OF SCRIPTURES, IDENTITY AND ROLES THAT GENERATE POSITIONS

Shirlei Lopes de Oliveira Souza.....114

A TRANSIÇÃO DOS SISTEMAS DE GOVERNO SOBRE A DESCENDÊNCIA DE JACÓ NO ÊXODO
THE TRANSITION OF SYSTEMS OF GOVERNMENT OVER THE DESCENDANTS OF JACOB IN THE
EXODUS

Suzinete Cristina da Silva Cobiak.....128

Normas para publicação 140

APRESENTAÇÃO

Prezados Leitores,

A Revista *Ensaios Teológicos* apresenta mais uma edição de 2023. Com temas instigantes e conteúdo teológico de qualidade, trazemos nesta edição novamente dez artigos. Acadêmicos e estudiosos escreveram e apresentaram suas pesquisas auxiliando as pesquisas da academia e a prática ministerial.

Os temas trabalhados nesta edição foram os seguintes: *“Pais em seu dever de ensinar sobre Deus: dicas práticas – parte 2”*, pelo Dr. Josemar Valdir Modes; *“A resiliência e fidelidade profética em tempos de crise: lições do livro de Daniel”*, pelo mestrando Francisco Rafael Rodrigues Tomazini; *“Epistemologia reformada: uma breve apresentação das principais e fundamentais características da tradição epistemológica reformada”*, pelo bacharelado Bruno Litz; *“Epístola aos Romanos: auxílios para a igreja”*, pelo especialista Flaviano Nogueira Siedeliske; *“A educação cristã como antídoto à cosmovisão secular moderna”*, pelo mestrando Carlos Eduardo Brechani; *“O testemunho dos pais na edificação de relacionamentos significativos”*, pelo bacharel Wellington Balbino Costa; *“A linguagem antropomórfica no Antigo Testamento e o ‘arrepentimento’ de Deus em Êxodo 32.14”*, pelo mestrando Werbston da Silva Coelho; *“Aconselhamento pastoral: uma abordagem histórica e sua relevância no âmbito evangélico atual”*, pelo mestrando Régis Carvalho Bueno; *“Mulheres no contexto das Escrituras, identidade e papéis que geram posicionamentos”*, pela mestre Shirlei Lopes de Oliveira Souza; e *“A transição dos sistemas de governo sobre a descendência de Jacó no Êxodo”*, pela mestre Suzinete Cristina da Silva Cobiak.

Certamente estes artigos auxiliarão na reflexão e estudos de cada leitor. Desejamos a todos uma excelente leitura!

Dr^a. Marivete Zanoni Kunz
Editora Responsável

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n2.001



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

PAIS EM SEU DEVER DE ENSINAR SOBRE DEUS: DICAS PRÁTICAS – PARTE 2 Parents in their duty to teach about God: practical hints – part 2

Josemar Valdir Modes¹

RESUMO

O artigo expôs três ferramentas de auxílio para os pais na sua tarefa de ensinar sobre Deus a seus filhos. Destaca a necessidade de os pais buscarem os líderes da igreja para conversar sobre a educação dos filhos, de conversarem sobre o conteúdo repassado na igreja como forma de recapitulação e aplicação pessoal e ainda a execução de tarefas diárias para retenção do conteúdo aprendido.

Palavras-chave: Conversar. Crianças. Discipulado. Líderes. Pais. Tarefas.

ABSTRACT

The article presented three tools to help parents in their task of teaching their children about God. It highlights the need of the parents to seek out church leaders to talk about their children's education, to talk about the content taught in church as a way of recapitulating and applying it personally, and also to perform daily tasks to retain the content learned.

Keywords: Talking. Children. Discipleship. Leaders. Parents. Tasks.

¹ Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, tem especialização em Liderança e Gestão de Pessoas pela FABAPAR, mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e mestrado em Teologia Pastoral pela FABAPAR. É doutor em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor de crianças na Primeira Igreja Batista Pioneira em Ijuí e como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira. ORCID: <https://orcid.org/0001-5094-1173> E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

INTRODUÇÃO

Vida com Deus se aprende em casa! Em outros dois artigos as abordagens mostraram que é dever dos pais ensinar a fé aos seus filhos, o que implica que o ensino religioso é uma abordagem familiar. Também foram apresentadas ferramentas e abordagens para que os pais tivessem condições de compartilhar esta mensagem transformadora em seus lares, impactando a vida de seus filhos.

Neste artigo outras três perspectivas serão apresentadas, as quais visam empoderar os pais para a tarefa de falar sobre Deus e a Sua Palavra. São dimensões simples de serem vivenciadas, aplicáveis a todos os lares, mas que representam um início contundente de pregação aos filhos. O pastoreio e discipulado é tarefa doméstica e cabe aos pais a responsabilidade e o privilégio de fazê-lo.

Mas a pesquisa não busca apenas auxiliar os pais; há o propósito de reorientar a igreja e os ministérios com crianças, a fim de que a comunidade não usurpe e assuma para si uma tarefa além da sua capacidade e que não seja sua responsabilidade. A igreja está no lugar em que está para preparar os santos para a boa obra do ministério. Em outras palavras: a igreja tem a função de preparar os pais para cumprirem o seu ministério de pais e mães, não podendo agir de forma inapropriada, como se a educação espiritual fosse responsabilidade dela. A igreja apenas complementa os ensinamentos e prepara os pais.

Se destacará primeiro, novamente e com outros argumentos, a necessidade de pais e líderes dialogarem. Se de um lado os pais precisam abrir suas casas, cabe por outro lado, a igreja, abrir seus espaços para que os pais participem efetivamente do ensino e estratégias adotados pelos ministérios com crianças.

Ao chegar em casa, o aprendizado precisa continuar. Conversar sobre o que foi passado na igreja, perceber as reações e as ideias fixadas, aproveitando a oportunidade para uma aplicação pessoal constitui-se de uma oportunidade singular que apenas os pais terão. Ao mesmo tempo realizar as tarefas domésticas propostas pelos professores, assim como realizar outras atividades que tenham vínculo e nexos com o aprendizado da igreja, farão com que as crianças relembrem e apliquem o ensino.

Há oportunidades que apenas os pais têm. Se a igreja busca ocupar este espaço, por ter atuação reduzida impactará muito menos do que a família pode impactar; já os pais precisam enxergar o quanto Deus lhes dá a oportunidade de formar o caráter destes pequenos, que poderão se tornar grandes seguidores de Jesus ao aprenderem em casa sobre.

1. A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO COM OS LÍDERES DO MINISTÉRIO INFANTIL

A igreja é, muitas vezes, encarada pelos pais como uma espécie de escola de ensino religioso, sofrendo, portanto, os mesmos dilemas que enfrenta a escola de ensino formal: a baixa ou até mesmo a inexistência da relação entre os pais com os líderes/professores e instituição. Os filhos são deixados na igreja para os *profissionais da fé* ensinarem sobre Deus.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se a uma divisão de responsabilidades.²

Na perspectiva atual, de terceirizar a comunicação da religião para a igreja e o ministério com crianças, há a necessidade dos líderes destes ministérios empoderarem as famílias, delegando-lhes de volta a missão de ensinar sobre Deus. O contato entre líderes e pais é de fundamental importância para que este compromisso familiar seja compreendido e que a tarefa seja delegada ao ponto de os pais estarem em condições de ensinar adequadamente. A perspectiva é criar uma equipe de trabalho com as famílias, em que todos juntos buscam os resultados, e a comunicação é o ponto de partida para a formação desta equipe de trabalho. Desse modo, será “possível estreitar a relação com a família e formar uma parceria produtiva”.³

Há aqui a necessidade de discutir um aspecto básico da comunicação, indicando seu ponto de partida. “Resgatando o termo em sua etimologia, a ‘comunicação vem do latim ‘communis’, comum. O que introduz a ideia de *comunhão, comunidade*’ (grifos do autor).⁴ O diálogo entre famílias e responsáveis e os líderes do ministério e a igreja vai além da mera troca de palavras. Precisa-se estabelecer uma comunidade, a vivência em comunhão, caminhar juntos.

A comunhão no que se reporta a igreja, se manifesta em dois sentidos: primeiramente expressa o que os cristãos compartilham ou tem em comum, a saber: o próprio Deus, ou seja, toda a experiência da salvação que é comum a todos os cristãos, não importando como ocorreu; também expressa o que os cristãos compartilham entre si, o que dão e o que recebem dos demais cristãos.⁵ “A verdadeira comunhão é sempre ativa, é co-participar”.⁶ Quando há comunhão verdadeira é porque houve uma experiência de fé (pais verdadeiramente convertidos entendem mais sobre as questões de fé) e houve uma ação em prol (pais que se dedicam a saber e conhecer).

Mas algumas iniciativas da liderança podem ser promotoras desta comunhão. Para começar, precisa-se entender os papéis de cada agente envolvido, e distribuí-los adequadamente. Os pais não terão dúvidas sobre o aprendizado do filho até o momento em que eles estiverem inseridos no processo. As dúvidas, por sua vez, se constituirão de oportunidades para estreitar os laços.

² JARDIM, A. P. **Relação entre família e escola**: proposta de ação no processo ensino aprendizagem. Presidente Prudente: Unoeste, 2006, p. 50.

³ BENCINI, Roberta. Como atrair os pais para a escola. **Revista Nova Escola**. Ano XVIII, nº 166, out. 2003, p. 38.

⁴ MARQUES DE MELO, José. **Comunicação social**: teoria e pesquisa. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 14.

⁵ STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1994, p. 87-88.

⁶ ROTTMANN, Johannes H. **Se teu irmão pecar**: admoestação fraternal na disciplina cristã. Porto Alegre: Concórdia, 1980, p. 101.

Cabe primeiramente o desenvolvimento da “habilidade de reconhecer as habilidades especiais e as limitações dos outros, combinada com a capacidade de colocar cada pessoa no trabalho em que ela renderá o melhor possível”.⁷ A liderança da igreja dos dias atuais precisa ter a visão de Dwight L. Moody, que disse que “preferia colocar mil homens a trabalhar do que fazer o trabalho de mil homens”.⁸

Mas não basta apenas delegar, é preciso acompanhar, estender as mãos, motivar. O fato de se passar a responsabilidade não indica que o líder não tenha mais nada a ver com o projeto. Diante disso, percebe-se que há sempre a necessidade de manutenção. Encontros e contatos com as famílias servirão para que se conheça a realidade e se amplie as possibilidades de influência. Neste aspecto recomenda-se algumas atitudes da liderança para com as famílias e responsáveis:

- a) *Explicar claramente as expectativas.* Quando as pessoas têm plena clareza do porquê, elas se sentem parte do empreendimento, visualizando ao mesmo tempo a importância das tarefas que lhes foram outorgadas. Tire tempo para explicar, faça reuniões, envie bilhetes. Assegure-se que os pais sabem de tudo o que é o trabalho e onde querem chegar com cada iniciativa.⁹
- b) Possibilitar *treinamento.* Muitas vezes há uma enorme diversidade de talentos na família, porém poucos deles se encontram lapidados ao ponto de serem úteis para o trabalho. Treinar as pessoas representa demonstrar interesse pelo bem-estar pessoal como também pela Obra do Senhor. Os pais não fizeram curso para a sua missão, e esta lacuna pode ser explorada, oferecendo cursos, treinamentos, palestras, pregações, espaços para compartilhar, visando a capacitação daqueles que querem fazer mais pelos seus filhos.¹⁰
- c) *Abrir espaço para o compartilhar de ideias.* Não são apenas os líderes os grandes mentores do grupo. Deus deu a todos os seres humanos capacidade para pensar, e, portanto, as ideias de todos devem ser bem-vindas. Muitas vezes a pessoa que está de fora, olhando a situação, tem melhores ideias do que a que está envolvida diretamente no processo. Crie espaços como caixas de recados, permita o acesso pelas redes sociais, telefone, e outros canais onde os pais podem fazer sugestões. Eles se sentirão valorizados ao saber que seus pedidos foram atendidos.
- d) *Dar ênfase à presença de Deus.* Sem Deus qualquer trabalho estará seriamente comprometido, e, se tratando da Obra de Deus, pode-se afirmar com toda certeza, que não há possibilidades de êxito quando Deus não estiver presente. Pais e líderes precisam orar juntos.¹¹

Os líderes do ministério infantil não podem ser egoístas. A obra é do Senhor, o líder não é dono dela, e, devido a sua abrangência, o líder nem tem condições de realizá-la sozinho. Por isso, delegar tarefas é tão importante. Quando o líder cristão distribui tarefas, ele multiplica

⁷ SANDERS, J. Oswald. **Liderança espiritual.** Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Mundo Cristão, 1985, p. 123.

⁸ SANDERS, 1985, p. 123-127.

⁹ JUTILA, Craig. **Quatro princípios fundamentais para líderes de ministério infantil.** Tradução de Leila Eunice Apse Paes. São Paulo: Vida, 2004, p. 152-156.

¹⁰ SCHWARZ, Christian A. **O desenvolvimento natural da igreja.** Tradução de Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2003, p. 22-23.

¹¹ JUTILA, 2004, p. 152-156.

forças. Cabe ressaltar que essa delegação deve ser real, envolvendo mesmo os outros na tarefa, buscando formar uma equipe dinâmica e saudável, que em conjunto cresce no Senhor e faz a obra de Deus crescer.

A liderança precisa compreender as suas próprias limitações e entregar às mãos de outras pessoas capazes o que ela não consegue realizar.¹² Quando o líder delega poder, está formando uma *equipe*¹³, que funciona como um enorme cabo formado com muitos fios, que juntos se movem como se fossem apenas um (um propósito, objetivo), mas com força de muitos.¹⁴

Esta ideia está plenamente de acordo com a visão que Paulo tinha pela qual plantou igrejas. Ao retornar da primeira viagem missionária, ele passou pelas igrejas fundadas para “encorajar os convertidos *a permanecerem firmes na fé*”, bem como promover a eleição de presbíteros em cada local. Seu método com certeza foi baseado no trabalho em equipe, o que implicava na delegação de poder e responsabilidades.¹⁵

Para a formação desta parceria, que pode ser chamada de equipe, e que tem como propósito o desenvolvimento espiritual dos pequenos, algumas características são essenciais.¹⁶ Uma destas características é a *união*.

Podemos ser de diferentes culturas, ter gostos diferentes, viver sob diferentes regras internacionais e expressar personalidades tremendamente diferentes, mas porque somos todos afinados “com o mesmo tom” – o Espírito de Cristo em nós – temos unidade nele.¹⁷

Esta unidade que o próprio Espírito Santo produz é essencial para o bom andamento das atividades. Mas o ser humano é coparticipante desta união, sendo que cabe a ele buscar um real e profundo relacionamento com os demais envolvidos, o que irá fortalecer a união. Há a necessidade de se estar junto de verdade, e aí voltamos à comunhão!

A *flexibilidade para atender necessidades que mudam constantemente* é outra característica importante. Estamos tratando de vidas, e não existe uma receita exata a ser aplicada em todas as situações. O que deu certo com uma família não se torna padrão para a outra realidade. Os horários mudam e as necessidades também. Como os filhos crescem, esta interação entre pais e professores será significativa para que se avance nos aprofundamentos das lições e dos estímulos.

A *concentração* é mais uma característica marcante quando se ensina sobre Deus. Isso implica ter um alvo traçado, com objetivos claros, o qual conduz as pessoas para o propósito estabelecido, procurando de todas as formas evitar desvios no trajeto. Todos precisam saber aonde se quer chegar, qual o grande objetivo a ser alcançado espiritualmente na vida da família, para que todos se concentrem nas ações corretas e concretas.

¹² SANDERS, 1985, p. 123-127.

¹³ EQUIPE: conjunto de pessoas que se dedicam à realização de um mesmo trabalho. KOOGAN, A.; HOUAISS, A. Enciclopédia e dicionário digital, CD-ROM.

¹⁴ JUTILA, 2004, p. 139-143.

¹⁵ STOTT, 1994, p. 262.

¹⁶ JUTILA, 2004, p. 139-143.

¹⁷ JUTILA, 2004, p. 144-151.

Além disso, a *valorização mútua* é uma característica que legitima o trabalho. Demonstração de lealdade e confiabilidade são essenciais quando realmente se valoriza o próximo.¹⁸ Pais e líderes precisam se respeitar e estabelecer uma relação de carinho e confiança. Quando o filho vê que os pais ou responsáveis amam os líderes e que os líderes são tratados pelos pais como se fossem da família, ganha-se o coração da criança.

Precisa-se ter aqui o cuidado de não *lavar as mãos* simplesmente, deixando o ministério com crianças sem uma função específica. Distribuir tarefas não é simplesmente mandar outra pessoa fazer o serviço, mas requer dar a ela as condições necessárias para o cumprimento de sua tarefa. Isso traz sérias implicações tanto para a vida do líder como também para as famílias com quem se está compartilhando a tarefa.¹⁹

Naturalmente os pais não terão este contato com os líderes do ministério. Ele precisa ser construído e a iniciativa deve partir da própria liderança e comunidade. Nem sempre os pais se sentem à vontade para compartilhar, tem vezes que até se sentem *errados demais para conversar com os líderes*, e somente a aproximação intencional fará com que estas barreiras sejam quebradas, a comunhão estabelecida e um diálogo instalado.

2. TAREFAS DE CASA: UMA FORMA DE COMPLEMENTAR E APLICAR O CONTEÚDO APRENDIDO

Quase 70% dos brasileiros não supervisionam os deveres de casa das crianças e mais de 40% não sabe o que elas fazem no tempo livre. A falta de diálogo e o desinteresse dos pais pelas atividades dos filhos gera uma noção falsa da realidade, contribuindo para um ciclo vicioso... "Os pais não conversam com os filhos, não dialogam e o adolescente passa a agir escondido. Como ele não fala no assunto e esconde o que faz, os pais acham que está tudo bem. Cria-se um acordo silencioso entre as partes".²⁰

"O envolvimento dos pais na educação das crianças tem uma justificativa pedagógica e moral, bem como legal [...] Quando os pais iniciam uma parceria [...], o trabalho com as crianças pode ir além da sala de aula, e as aprendizagens na escola e em casa passam a se complementar".²¹

Fazer lições, atividades e tarefas em casa surgiu como uma forma de aproximação da escola da família. "Se nem todos os familiares responsáveis [...] podem [...] participar de reuniões, segundo queixas corriqueiras das professoras, a escola vai à casa via dever de casa, oferecendo-lhes a oportunidade de acompanharem os estudos dos filhos/filhas."²²

A tarefa como

¹⁸ JUTILA, 2004, p. 144-151.

¹⁹ SCHWARZ, 2003, p. 22.

²⁰ PRATEANO, Vanessa Fogaça, 19 jun. 2013. Pais não acompanham a rotina escolar dos filhos. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/pais-nao-acompanham-a-rotina-escolar-dos-filhos-07i4uni15btw9oc1oas51dv0u/>. Acesso em: 13 set. 2022.

²¹ SPODEK, Bernard; SARACHO, Olívia N. **Ensinando crianças de 3 a 8 anos**. Porto Alegre: ArtMed, 1998, p. 167.

²² CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 94-104. Jan/abril. 2004.

estratégia pedagógica tem múltiplas finalidades: estender o tempo de aprendizagem, completar a quantidade de matéria a ser dada numa jornada escolar insuficiente, conectar o trabalho de classe precedente e subsequente, treinar e reforçar habilidades, estimular hábitos de estudo independente, aplicar os conhecimentos acadêmicos à vida cotidiana, enriquecer o currículo ampliando as experiências de aprendizagem, informar os pais sobre as atividades da escola e conectar escola e família.²³

A grande desculpa para o não envolvimento nas atividades que a igreja indica para a semana é sempre o tempo, ou melhor, a falta dele. Os pais até consideram importante, mas preferem que tudo seja feito no domingo. Desta forma, além de não reforçarem o conteúdo em suas casas, passam a errada impressão de que as questões religiosas e Deus dizem respeito apenas à rotina de domingo. Durante a semana cada um faz o que bem entender.

Engraçado que os pais acham pertinente as tarefas de casa da escola e incentivam seus filhos a estudarem as matérias no final de semana inclusive, mas não se preocupam em ter o mesmo regramento com atividades espirituais propostas pelos líderes. Nota-se uma clara não iniciativa na questão do desenvolvimento espiritual quando ele cabe aos pais.

De fato, o tempo é algo precioso. Dizem até que *tempo é dinheiro*, logo, desperdiçar o tempo não é uma coisa saudável, nem para as finanças, nem para a vida social, nem para a vida espiritual, nem mesmo para a vida familiar. Há sempre a necessidade de vermos o tempo numa dimensão acima; ele é mais do que o simples suceder das horas e dos dias. O tempo representa momentos especiais que recebemos, e chamamos com carinho de presente, milésimos de segundos nos quais vivemos diante de Deus. Tirar este tempo para fazer algo com os filhos é uma profunda demonstração de amor, e a tarefa dos líderes do ministério é fazer os pais olharem para esta oportunidade que o ministério lhes dá de fazerem algo espiritual e ao mesmo tempo que implique na demonstração deste sentimento tão profundo.

Os gregos tinham medo do tempo. Viam o tempo como um ser sem piedade e voraz que consumia a vida de todos, levando-a ao fim. Nos tempos atuais temos a impressão de sermos atropelados pelo tempo também! A correria dos nossos dias nos impede de perceber e mesmo de viver a vida com inteireza. Nunca temos a sensação de estarmos plenamente presentes em lugar algum. Há sempre um compromisso, um encontro, uma atividade, uma ansiedade em espera, há sempre uma preocupação para daqui a pouco. Sem falar nas muitas metas que nos impomos ou que pesam sobre os nossos ombros. Coisas que devemos alcançar para, inclusive, justificar a nossa existência. Os que não são perseguidos pelo tempo, se encontram presos a ele, acorrentados ao passado, às coisas que já se foram, não existem mais. Outros ainda sofrem de ansiedade pelo tempo que virá, uma vez que temos tantas dúvidas sobre o amanhã.

O texto bíblico de Romanos 13.8-10 fala de uma verdade simples, mas extremamente essencial, de como investir bem o tempo:

Não fiquem devendo nada a ninguém. A única dívida que vocês devem ter é a de amar uns aos outros. Quem ama os outros está obedecendo à lei. Os seguintes mandamentos: “Não cometa adultério, não mate, não roube, não

²³ CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 94-104. Jan/abril. 2004.

cobice” — esses e ainda outros mais são resumidos num mandamento só: “Ame os outros como você ama a você mesmo.” Quem ama os outros não faz mal a eles. Portanto, amar é obedecer a toda a lei.²⁴

Você já reparou quantas vezes a Bíblia fala sobre o amor ao próximo? Esta repetição do conceito e a ênfase dada por Jesus ao mesmo deve nos fazer notar a importância que ele tem para a vida cristã. Acredito que estamos aprendendo a amar os outros. Porém enquanto continuarmos vendo apenas o outro e dando o que podemos ter, não chegaremos à dimensão do amor ao próximo exigida por Jesus. Duas coisas que precisam ser consideradas aqui para compreensão disso:

1 – Amar os outros é amar a nós mesmos. O senso popular confunde amor ao próximo com amor romântico, amabilidade social e ou simpatia cordial no contexto da amizade. A Bíblia Sagrada, entretanto, considera o amor ao próximo um critério objetivo de relacionamento que transcende emoções, sentimentos e simpatias. Ele atinge uma dimensão espiritual dada por Deus.

Os filósofos judeus Rosenzweig, Buber e Levinás trataram dessa questão quando propuseram uma tradução alternativa para a expressão “como a ti mesmo” que compõe o mandamento de amar ao próximo. Disseram que o correto seria “ama a teu próximo, ele é como tu”, ou ainda “ama a teu próximo, pois tu mesmo é ele”. O teólogo alemão Franz Hinkelammert acrescenta a essas traduções uma outra decorrente das anteriores: “eu sou se você é”. Interdependência é a ideia por trás.²⁵

A tradição africana usa a expressão *ubuntu* para identificar essa tradução do princípio do amor ao próximo. *Ubuntu* pode ser traduzida mais ou menos como “sou o que sou pelo que nós somos”. Uma pessoa com *ubuntu* está aberta e disponível aos outros, não preocupada em julgar os outros como bons e maus, e tem consciência de que é diminuída quando seus semelhantes são diminuídos ou humilhados, torturados ou oprimidos”. Faz sentido dizer que uma pessoa com *ubuntu* também se reconhece honrada e respeitada em sua dignidade sempre que seus semelhantes assim são reconhecidos e respeitados.

Olhar corretamente para o próximo é não olhar como um outro em oposição, diferenciação e competição, pois “ele é como tu” e “tu mesmo é ele”, e assim como ele é somente quando você é, também você somente é quando ele é. Os pais precisam aprender que se seus filhos são, eles também são; investir nos filhos é investir em si mesmos.

2 – Amar os outros é doar de nós mesmos. O autor de Eclesiastes diz que há tempo para tudo. Tendo esta verdade em mente pode-se deduzir que os seres humanos também têm o seu tempo. Cada um vive o seu tempo e é aí que a dimensão do amor vai nos desafiar, pois “amar é viver o tempo do outro”. É diferente quando queremos, por interesse, que o outro viva o nosso tempo. Isso não é amor, é egoísmo. Amar é doação. Aquele que ama dá a sua vida, ou seja, o seu tempo à pessoa amada. De tudo o que doamos aos outros, somente uma coisa não podemos ter de volta: o tempo dedicado que personifica nossa vida doada.

²⁴ LIVE.CHUCH. **YouVersion**. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/211/ROM.13.8-10.NTLH>. Acesso em: 23 mar. 2023.

²⁵ **EU sou se você é**, 31 mai. 2014. Disponível em: <https://guiame.com.br/amp/gospel/mundo-cristao/eu-sou-se-voce-e.html>. Acesso em: 15 set. 2022.

Enquanto continuarmos dando o que podemos ter novamente não entendemos o que é amar de verdade.

Deus nos ensinou claramente esta forma de amar: Deus deixa de viver o Seu tempo para viver o nosso quando passa a habitar este mundo. Na encarnação Ele se vê como nós e vive o nosso tempo (Jo 13.34). Desenvolver as atividades de casa com os filhos é investir neles e ao mesmo tempo é doar do nosso próprio tempo, vivendo um pouco a vida deles.

Os pais não podem ser meros expectadores na vida espiritual de seus filhos. As atividades de casa são oportunidades de desenvolver a vida espiritual no lar. Além de tarefas sugeridas, as próprias atividades domésticas são formas de ensinar a Palavra de Deus. O texto de Provérbios 22.6 destaca: *“Eduque a criança no caminho em que deve andar, e até o fim da vida não se desviará dele”*.²⁶ Interessante que o texto não diz para os pais ensinarem sobre o caminho, mas enquanto estão no caminho. É no dia a dia, no contato, no convívio, nas tarefas de casa, que os filhos aprendem sobre Deus, sobre a Bíblia e a presença de Deus no lar. Os pais não podem ser omissos nos seus compromissos!

Conta-se que certa vez, na cidade de Esparta, na Grécia antiga, um embaixador veio visitar a cidade. O diplomata, ao chegar, não viu muros ao redor dela, ao contrário de outras cidades no país, e então perguntou a respeito. No dia seguinte, o rei levou o visitante para conhecer o exército da cidade, e, apontando para os soldados, disse: *“Veja senhor! Esse é o muro de Esparta! Cada homem que você vê é um tijolo”*.²⁷

Esta mesma percepção deve ser levada para as nossas casas: cada membro é um agente envolvido ativamente com o Reino de Deus. É muito fácil tornar-se um espectador e não mais um participante. É super fácil criticar, tornando-se um *“ativista de sofá”*. É muito fácil ver um jogo de futebol na TV e dizer *“eu nunca teria feito isso. Teria chutado e feito o gol ao invés de tentar um passe”*. Mas se você de fato está em campo, é outra história. São decisões tomadas em frações de segundos.

Gosto do que o ex-presidente americano Theodore Roosevelt disse: *“Não é a crítica que importa, nem a pessoa que aponta o dedo e diz que isso ou aquilo deveria ter sido feito. O crédito pertence a quem está na batalha, com o rosto cheio de suor, sangue e sujeira, que persiste bravamente, que erra, cai e levanta. Não existe esforço sem erro”*.²⁸ Quem merece o crédito é quem toma uma atitude e faz alguma coisa. E é isso que somos chamados a fazer.

Pais precisam lembrar que

Seus filhos não precisam de gigantes, precisam de seres humanos. Não precisam de executivos, médicos, empresários, administradores de empresa, mas de você, do jeito que você é. Adquira o hábito de abrir o seu coração

²⁶ LIVE.CHUCH. **YouVersion**. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/211/PRO.22.6.NTLH>. Acesso em: 23 mar. 2023.

²⁷ HARVEST MINISTRIES WITH GREG LAURIE. **Devocionais diários**. Disponível em: <http://www.devocionaisdiarios.com/2017/07/>. Acesso em: 15 set. 2022.

²⁸ HARVEST MINISTRIES WITH GREG LAURIE. **Devocionais diários**. Disponível em: <http://www.devocionaisdiarios.com/2017/07/>. Acesso em: 15 set. 2022.

para os seus filhos e deixá-los registrar uma imagem excelente de sua personalidade.²⁹

3. CONVERSAR INTENCIONALMENTE SOBRE O QUE FOI APRENDIDO

Novamente toca-se no assunto da comunicação, mas agora com destaque a conversa familiar, que deve ocorrer entre pais e filhos.

Surgem, então, duas questões: o que é comunicar? E como comunicar-se? Comunicar é tornar comum, partilhar uma informação, uma mensagem, uma ideia ou mesmo um desejo. Gary Collins diz que a comunicação envolve o envio de mensagens verbais e não verbais. “Quando a mensagem verbal e a não verbal se contradizem (...) isso causa confusão e interrupção da comunicação.” E acrescenta que “a boa comunicação requer que a mensagem enviada seja idêntica à mensagem recebida”. Se um marido compra um presente porque ama a sua esposa, mas ela acha que ele não a ama porque nunca diz “eu te amo”, então ela começa a imaginar que ele comprou o presente porque se sente culpado de alguma coisa. Está havendo má comunicação aqui, porque a mensagem enviada não é a mensagem que está sendo recebida.³⁰

Quando se pensa na comunicação ativa, há sempre a necessidade de entender como as pessoas compreendem o que recebem, o que implica em conhecer o público-alvo ao qual se quer comunicar. “Essa informação determinará a linguagem, os símbolos, o vocabulário e as expressões usadas para que a comunicação seja recebida adequadamente e faça sentido. Se a mensagem não fizer sentido, não haverá comunicação.³¹

Compartilhar com o coração e refletindo sobre o peso das palavras e expressões utilizadas fará com que a comunicação seja efetiva. Muitas vezes as conversas dentro de casa são do tipo *Brainstorm*, expressão relacionada à palavra tempestade e que aponta para a forma tempestuosa e inconsequente de falar. Pode ser algo criativo, mas não é pensado o suficiente. E uma vez malconduzida, o estrago provocado por uma conversa pode ser irreversível. Por isso, seguem algumas dicas de como estabelecer conversas produtivas em família:

1. Gaste tempo meditando na maneira como irá transmitir uma informação. Veja a questão por ângulos distintos, pelo ponto de vista da outra parte, e avalie se o que você pensa contempla todos os aspectos da questão.
2. Escolha o momento adequado para falar. Quando o cônjuge chega cansado do trabalho não é a melhor hora para falar de problemas cotidianos.
3. Escolha palavras certas e precisas. Seja econômico, sem omitir informações. Algumas palavras, dependendo da situação, podem parecer ofensivas ou provocantes.
4. Convide a pessoa (cônjuge ou filho) para a conversa. Pergunte se está disposto a tratar de determinado assunto naquela hora e

²⁹ CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003, p. 26.

³⁰ COLLINS, Gary *apud* PAGANELLI, Magno. A construção da comunicação. **Lar Cristão**, Edição 177, set/out 2021. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/a-construção-da-comunicação>. Acesso em: 14 set. 2022.

³¹ PAGANELLI, Magno. A construção da comunicação. **Lar Cristão**, Edição 177, set/out 2021. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/a-construção-da-comunicação>. Acesso em: 14 set. 2022.

sentem-se para conversar. Faça daquele momento a prioridade, deixando de lado outras atividades que estiverem fazendo. Valorize aquele momento. 5. Certifique-se de que foi compreendido. Depois de falar, pergunte se a pessoa entendeu e se é assim que ela pensa. 6. Saiba ouvir. Dê oportunidade para a outra pessoa expressar suas impressões e argumentar. Muitas vezes não vemos todos os elementos que envolvem determinada questão e podemos ser surpreendidos com uma melhor abordagem de um problema. 7. Faça follow up. Quando aquilo que foi conversado e combinado acontecer, recorde seu cônjuge ou seu filho de quando elaboraram aquela estratégia, de quando planejaram fazer determinada coisa e vivam a alegria de ter alcançado os objetivos propostos. Isso fortalecerá e dará mais espaço para que a comunicação seja mais valorizada no relacionamento diário.³²

Quando se pensa em comunicação, é preciso levar em conta outras dimensões também, que vão além da fala.

A ação é parte inerente do ser humano. Agir é como a nossa respiração, é um ato fundamental à sobrevivência e até involuntário, pois o fato de não agir é, por si só, uma ação de inércia. A comunicação também é uma ação, mas é uma ação de transmitir uma mensagem e, eventualmente, receber outra mensagem como resposta. Sabendo que a ação é algo constante em nossa vida, vamos ver neste artigo como a ação comunica algo, seja com palavras, seja sem palavras. Eu sei que todas as vezes que pensamos em comunicação pensamos em palavras, mas quero mostrar a você a importância de se comunicar com o corpo e com as ações, mesmo que palavras sejam expressas nessas ocasiões, pois as pessoas captam o que falamos da seguinte forma: 7% da comunicação seria atribuída ao componente verbal (seu significado), 38% ao componente vocal (no caso específico, o tom da voz) e 55% ao componente facial (expressão do rosto).³³

Muitas vezes a comunicação não é efetiva porque menosprezamos quem participa dela. *Coisa de criança!* Expressão usada geralmente de forma pejorativa, numa conotação de uma atitude que não convém mais com a idade de quem a pratica. Olhamos para os filhos e os vemos apenas como crianças, numa ideia de miniadultos e, conseqüentemente, eles recebem parte da atenção apenas.

Mas tem muita coisa de criança que é uma maravilha (nós adultos gostamos, mas não damos o braço a torcer): sair da rotina, misturar comidas e descobrir sabores, sentir texturas diferentes, tomar banho de chuva... Por onde Jesus passava era possível ver crianças correndo em volta e se misturando na multidão. Os discípulos tentaram impedir que as crianças se amontoassem no colo de Jesus. Achavam que Jesus tinha coisa mais importante para fazer do que dar atenção às crianças, mas acabaram descobrindo que não apenas as crianças gostavam de Jesus, mas Jesus também gostava das crianças. Numa dessas ocasiões, Jesus pegou uma criança no colo e deixou muito claro que quem não se torna igual a uma criança não pode entrar no Reino dos Céus, pois o Reino dos Céus pertence aos que são semelhantes às crianças

³² PAGANELLI, Magno. A construção da comunicação. *Lar Cristão*, Edição 177, set/out 2021. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/a-construção-da-comunicação>. Acesso em: 14 set. 2022.

³³ AÇÃO, comunicAÇÃO e transformAÇÃO. *Lar Cristão*, Edição 157, jul./ago. 2017. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2017/08/21/ação-comunicação-e-transformação>. Acesso em: 14 set. 2022.

(Mt 18.1-5; 19.13-15). Naquele dia as crianças se tornaram um padrão para a espiritualidade cristã.

Evidentemente Jesus não pretendia que nos tornássemos iguais às crianças em todas as dimensões da infância (1Co 14.20). As crianças, por exemplo, não sabem o que é a gratidão, pois não têm noções de medidas abstratas. Não têm condições de avaliar o que é feito por elas, não sabem quanto sacrifício é necessário para que sejam cuidadas e não têm critérios para os custos da dedicação dos pais ou o valor das coisas que são oferecidas a elas. Por isso é que os pais vivem dizendo *“diz obrigado para a titia”, “já disse obrigado para o vovô?”*, pois se não o fizessem, as crianças simplesmente pegariam o presente e sairiam correndo para brincar. As crianças também não têm noções de tempo, distância e volume. Por isso é que usam palitos de fósforo para marcar quantos dias faltam para o aniversário, numa viagem longa perguntam de cinco em cinco minutos se chegamos, e ao falar de amor, mostram com as mãos certa medida e dizem *“papai, eu te amo desse tamanho assim”*.

As crianças também estão absolutamente fora das categorias sociais de valores e importância. Tratam o general com a mesma displicência com que tratam o zelador do prédio onde moram, e agem de forma inusitada quando algum adulto pretende conquistar sua simpatia, deixando os pais constrangidos. Elas não sabem quem é importante e quem não é. Elas ainda não foram contaminadas com os paradigmas do mercado, que valoriza as pessoas de acordo com posição social, conta bancária, ou potencial de favorecimento e trocas de favores. Não fazem a menor ideia, por exemplo, de que é preciso um sorriso de plástico para demonstrar especial apreço ao chefe que veio para o jantar. Isso significa que uma criança jamais perguntaria para Jesus *“quem é o mais importante no reino dos céus?”*, pois não lhes passa pela cabeça que um ser humano pode ser maior ou menor do que o outro em termos de valor intrínseco.

A exortação de Jesus aos seus discípulos sublinha exatamente esses traços próprios das crianças: o absoluto despojamento das disputas de poder e a absoluta ignorância a respeito das hierarquias que separam os seres humanos uns dos outros. Como seria o mundo se todos tivéssemos o coração das crianças? Teríamos breves desentendimentos, logo seguidos de um enxugar de lágrimas e a correria reiniciada rumo à próxima brincadeira. Haveria mais cooperação e menos competição, mais perdão e menos ressentimento e ódio, mais partilha e menos acúmulo, mais brincadeira e menos agressões, mais amores e menores dores. O rabino Harold Kushner disse que as crianças perdoam rápido, e se reconciliam na velocidade da luz, pois *“preferem ser felizes a ter razão”*. São simples, e humildes, não se constrangem com vitórias e derrotas, pois não competem, apenas brincam. Não estão no jogo de *“quem é o maior e quem é o menor”*.³⁴

Mas os pais erram exatamente por fazer o contrário: menosprezam as suas experiências e vivências; dão pouca atenção aos seus ensinamentos e repercutem pouco as suas convicções. Nenhum adulto segue uma conversa quando percebe que não é verdadeiramente ouvido, mas os pais muitas vezes induzem seus filhos a este sacrifício. Elas falam, mas não são ouvidas.

³⁴ **UM reino para gente com coração de criança.** Disponível em: <https://guiame.com.br/colunistas/ed-rene-kivitz/um-reino-para-gente-com-coracao-de-crianca.html>. Acesso em: 23 mar. 2023.

Talvez nossa falta de diálogo esteja exatamente no fato de acharmos que não podemos aprender com nossos filhos.

É importante que os pais, intencionalmente, com tempo e com qualidade de escuta, ouçam dos seus filhos sobre seus aprendizados e construam sobre eles. Pais precisam conseguir se comunicar com seus filhos sobre o que sabem, o que estão aprendendo e a relação que fazem entre este conhecimento e a sua vida prática. A parábola dos filhos perdidos (Lc 15.11-32) traz lições importantes para pais que querem continuar o aprendizado da igreja em suas casas, aplicando conhecimentos à vida dos filhos, através da simples atitude de ouvi-los. Estes pais precisam ser:

1. Pais acessíveis – “tanto o filho mais novo quanto o mais velho tiveram acesso a seu pai. Ambos chegaram com notícias ruins. O mais novo pediu sua herança. O mais velho não estava pronto para receber seu irmão de volta e questionou o que seu pai estava fazendo”.³⁵ Mas o grande destaque não recai ao que pedem, mas à liberdade que tem em pedir qualquer coisa, mesmo sabendo que iria contrariar os desejos do seu pai. Este pai era extremamente acessível. Será que as crianças de nossos ministérios teriam a mesma audácia/ousadia ao conversar com os seus pais? Os pais estão dispostos a ouvir qualquer coisa, mesmo que para eles pareça bobagem?

2. Pais que enxergam longe – “Quando um(a) filho(a) não diz tudo ou mesmo se expressa mal, cabe aos pais discernir com clareza o que ele(a) tem a dizer. Quando o filho caçula pediu sua herança, o que o pai fez? Ele simplesmente lhe deu.”³⁶ As experiências de vida do pai e o conhecimento que tinha do filho lhe davam a certeza de que seu caçula não usaria com sabedoria o que iria receber, mas que esta experiência seria um aprendizado para a vida toda, mudando completamente a sua percepção. Este filho se tornou um verdadeiro filho ao voltar. Este pai viu muito mais do que o filho conseguia enxergar naquele momento. As falas dizem mais do que as meras palavras parecem externar. Quando os pais conseguem ouvir seus pequenos com uma percepção aguçada, anteveem os efeitos das percepções que os pequenos têm daquilo que aprendem.

3. Pais prontos a perdoar – “Toda pessoa sempre corre o risco de desapontar seu amigo. E quando o filho mais novo retornou, o pai, que deveria estar ofendido, fez uma festa para ele. O filho estava arrependido, e o pai estava pronto para perdoar!”³⁷ Quando os filhos não entendem o perdão irrestrito dos seus pais, eles escondem seus erros e não permitem a correção de suas vidas.

4. Pais atenciosos – “O irmão mais velho sentiu-se desprezado. Ele ficou irado com seu pai e com o retorno de seu irmão. O pai não o censurou, não gritou com seu filho, não disse

³⁵ MÃE, que tal discipular seus filhos? **Revista Lar Cristão**, ed. 166, jan./fev. 2019. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2019/01/31/mãe-que-tal-discipular-seus-filhos>. Acesso em: 15 set. 2022.

³⁶ MÃE, que tal discipular seus filhos? **Revista Lar Cristão**, ed. 166, jan./fev. 2019. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2019/01/31/mãe-que-tal-discipular-seus-filhos>. Acesso em: 15 set. 2022.

³⁷ MÃE, que tal discipular seus filhos? **Revista Lar Cristão**, ed. 166, jan./fev. 2019. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2019/01/31/mãe-que-tal-discipular-seus-filhos>. Acesso em: 15 set. 2022.

para ele crescer e virar homem. O pai o amou!”³⁸ Mesmo errado, ele teve a atenção de seu pai para ajudá-lo a mudar a sua perspectiva.

Caso você tenha mais de um filho, é importante ter um momento na semana, pelo menos, que você possa falar com cada um em particular. Escutar o seu coração e ministrar na vida deles, aconselhando em amor, com os princípios da Palavra de Deus. Isso é viver a vida devocional na prática, por meio da qual eles entendem que o que leem e escutam tem de ser vivido na vida cotidiana. Se não há um assunto específico em que se possa aplicar um ensinamento, podemos ensiná-los a orar e serem agradecidos por tudo o que aconteceu naquele dia. A gratidão é uma virtude a ser aprendida. Com essas posturas, a fé dos nossos filhos cresce a cada dia e é firmada pelas experiências que vão vivendo com a Palavra de Deus. O Senhor passa a ser uma experiência real e individual na vida de cada um deles.³⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Crianças conseguem compreender o Evangelho e estão num momento de suas vidas em que podem tomar decisões conscientes, desde que devidamente acompanhadas. A maior parte de sua rotina se estabelece em casa e algumas implicações desafiadoras se apresentam aqui: quanto tempo os pais permitem que estejam em casa? Muitos enchem a rotina de seus filhos com inúmeras atividades, ao ponto de quase não estarem em casa. Crianças precisam estar em casa! Seguindo, deste tempo que passam em casa, quanto os pais efetivamente estão presentes e com o propósito de ensinar? Muitos pais passam o tempo longe, tanto quando estão fora de casa, quanto quando estão em casa. Não basta estar fisicamente presente.

Precisa-se repensar a família e entender que os princípios da Palavra de Deus são ensinados através dela, uma vez que é a família que exerce a maior influência sobre a vida das crianças e é também o lugar onde as crianças mais estão. Se os pais entenderem isso, as chances de formarmos outros cristãos verdadeiros são multiplicadas. Agora, quando a espiritualidade no lar é negligenciada, há grandes chances da próxima geração a rejeitar completamente!

Em sua tarefa de ensinar é imprescindível que os pais acompanhem o ministério com crianças de sua igreja e, ao chegar em casa, as lições aprendidas são novamente enfatizadas através de conversas intencionais que buscam aplicar de forma pessoal a Palavra de Deus e através de diversas atividades familiares que revisam o que foi estudado. A casa deve estar conectada com a igreja para que o trabalho seja complementar.

³⁸ MÃE, que tal discipular seus filhos? **Revista Lar Cristão**, ed. 166, jan./fev. 2019. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2019/01/31/mãe-que-tal-discipular-seus-filhos>. Acesso em: 15 set. 2022.

³⁹ MÃE, que tal discipular seus filhos? **Revista Lar Cristão**, ed. 166, jan./fev. 2019. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2019/01/31/mãe-que-tal-discipular-seus-filhos>. Acesso em: 15 set. 2022.

REFERÊNCIAS

AÇÃO, comunicAÇÃO e transformAÇÃO. **Lar Cristão**, Edição 157, jul./ago. 2017. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2017/08/21/ação-comunicação-e-transformação>. Acesso em: 14 set. 2022.

BENCINI, Roberta. Como atrair os pais para a escola. **Revista Nova Escola**. Ano XVIII, nº 166, out. 2003.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 94-104. Jan/abril. 2004.

COLLINS, Gary *apud* PAGANELLI, Magno. A construção da comunicação. **Lar Cristão**, Edição 177, set/out 2021. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/a-construção-da-comunicação>. Acesso em: 14 set. 2022.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 3.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

EU sou se você é, 31 mai. 2014. Disponível em: <https://guiame.com.br/amp/gospel/mundo-cristao/eu-sou-se-voce-e.html>. Acesso em: 15 set. 2022.

HARVEST MINISTRIES WITH GREG LAURIE. **Devocionais diários**. Disponível em: <http://www.devocionaisdiarios.com/2017/07/>. Acesso em: 15 set. 2022.

JARDIM, A. P. **Relação entre família e escola**: proposta de ação no processo ensino aprendizagem. Presidente Prudente: Unoeste, 2006.

JUTILA, Craig. **Quatro princípios fundamentais para líderes de ministério infantil**. Tradução de Leila Eunice Apse Paes. São Paulo: Vida, 2004.

KOOGAN, André; HOUAISS, Antônio (edit). **Enciclopédia e dicionário digital 98**. São Paulo: Estadão, 1998. CD-ROM.

LIVE.CHUCH. **YouVersion**. <https://www.bible.com/pt/bible/211/PRO.22.6.NTLH>. Acesso em: 24 mar. 2023.

LIVE.CHUCH. **YouVersion**. <https://www.bible.com/pt/bible/211/ROM.13.8-10.NTLH>. Acesso em: 24 mar. 2023.

MÃE, que tal discipular seus filhos? **Revista Lar Cristão**, ed. 166, jan./fev. 2019. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2019/01/31/mãe-que-tal-discipular-seus-filhos>. Acesso em: 15 set. 2022.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação social**: teoria e pesquisa. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

PAGANELLI, Magno. A construção da comunicação. **Lar Cristão**, Edição 177, set/out 2021. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/a-construção-da-comunicação>. Acesso em: 14 set. 2022.

PRATEANO, Vanessa Fogaça, 19 jun. 2013. Pais não acompanham a rotina escolar dos filhos. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/pais-nao-acompanham-a-rotina-escolar-dos-filhos-07i4uni15btw9oc1oas51dv0u/>. Acesso em: 13 set. 2022.

ROTTMANN, Johannes H. **Se teu irmão pecar**: admoestação fraternal na disciplina cristã. Porto Alegre: Concórdia, 1980.

SANDERS, J. Oswald. **Liderança espiritual**. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Mundo Cristão, 1985.

SCHWARZ, Christian A. **O desenvolvimento natural da igreja**. Tradução de Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2003.

SPODEK, Bernard; SARACHO, Olívia N. **Ensinando crianças de 3 a 8 anos**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1994.

UM reino para gente com coração de criança. Disponível em: <https://guiame.com.br/colunistas/ed-rene-kivitz/um-reino-para-gente-com-coracao-de-crianca.html>. Acesso em: 23 mar. 2023.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n2.002



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A RESILIÊNCIA E FIDELIDADE PROFÉTICA EM TEMPOS DE CRISE: LIÇÕES DO LIVRO DE DANIEL

Resilience and Prophetic Fidelity in Times of Crisis: Lessons from the Book of
Daniel

Francisco Rafael Rodrigues Tomazini¹

RESUMO

O livro de Daniel, uma obra central do Antigo Testamento, oferece ricas lições sobre fé e integridade em face de adversidades, destacando-se pela sua relevância para os desafios contemporâneos. Este estudo busca explorar como as experiências de Daniel e seus companheiros exilados, que demonstram resiliência e fidelidade sob condições extremas, podem ser aplicadas para orientar indivíduos durante crises atuais, utilizando uma metodologia qualitativa que envolve uma análise aprofundada dos textos bíblicos que detalham sua vida e as pressões de um ambiente hostil. Os resultados revelam que a fé inabalável de Daniel não apenas manteve ele e seus companheiros durante os desafios, mas também forneceu uma forte liderança e orientação espiritual, ressaltando a soberania divina que se manifesta através do controle absoluto sobre os eventos humanos e históricos. Conclui-se que as histórias de Daniel são extremamente valiosas para os leitores modernos, fornecendo diretrizes práticas sobre como enfrentar adversidades com fé e integridade e afirmando que a manutenção da fé e da integridade durante as adversidades atua como um testemunho poderoso da soberania e fidelidade divina, tornando as narrativas de Daniel um guia essencial para a vida fiel em um mundo em constante transformação.

Palavras-chaves: Resiliência. Soberania. Fé.

¹ Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Graduado em Teologia (FTSA), Psicologia (PITAGORAS) e Pastor da Primeira Igreja Batista em Foz do Iguaçu / PR. E-mail: francisco@fabapar.com.br

ABSTRACT

The Book of Daniel, a central work of the Old Testament, offers rich lessons on faith and integrity in the face of adversity, standing out for its relevance to contemporary challenges. This study aims to explore how the experiences of Daniel and his fellow exiles, who demonstrate resilience and fidelity under extreme conditions, can be applied to guide individuals during current crises, using a qualitative methodology that involves a detailed analysis of biblical texts detailing his life and the pressures of a hostile environment. The results reveal that Daniel's unwavering faith not only sustained him and his companions through challenges but also provided strong leadership and spiritual guidance, highlighting the divine sovereignty that manifests through absolute control over human and historical events. It concludes that Daniel's stories are extremely valuable for modern readers, providing practical guidelines on how to face adversities with faith and integrity and affirming that maintaining faith and integrity during adversities acts as a powerful testimony to the divine sovereignty and fidelity, making the narratives of Daniel an essential guide for a faithful life in a constantly changing world.

Keywords: Resilience. Sovereignty. Faith.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, caracterizada por uma crescente incidência e intensidade de crises globais, torna-se imprescindível a identificação de modelos exemplares de resiliência e constância. A tradição bíblica, notadamente rica em relatos de adversidade e superação, constitui um campo valioso para essa investigação. Dentro deste contexto, o livro de Daniel, uma obra seminal do Antigo Testamento, é notório por ilustrar a inabalável fé e perseverança frente a severas provações.

Escrito em um período marcado por significativas turbulências para o povo de Israel, Daniel detalha as vicissitudes vividas sob o jugo babilônico e os subsequentes impérios que dominaram a região. O texto inicia com a deportação dos judeus à Babilônia em 605 a.C., período no qual jovens de estirpe nobre², foram cooptados para servir na corte de Nabucodonosor.

Nos versículos de Daniel 1.3-7, encontra-se Daniel e seus companheiros Hananias, Misael e Azarias, que como referenciado eram oriundos da realeza ou da nobreza, sendo apresentados à corte de Nabucodonosor. A missão deles era servir no palácio do rei e serem instruídos na cultura e na língua dos caldeus.

Aqui percebe-se o estrategema do rei da Babilônia. Mas o que fazia de Nabucodonosor um estrategista? Segundo Stuart Olyott, ao contrário do Faraó que subjugava os escravos, Nabucodonosor compreendia que, eventualmente, os conquistados poderiam superar numericamente seus exércitos. Em vez de maltratar os cativos, ele optou por tratá-los com respeito e distinção. Esse tratamento visava assimilar os costumes e a língua dos povos conquistados, além de integrá-los ao serviço público da Babilônia. Assim, se algum dia houvesse uma revolta, esses mesmos conquistados acabariam lutando contra seus próprios

² CALVINO, João. **Daniel**. São Paulo: Paracletos, 2000, p. 46.

conterrâneos e até mesmo contra seus próprios filhos, que estariam a serviço do rei na corte babilônica.³

Pinto descreve este momento crítico como o estabelecimento do cenário adverso através do qual Daniel e seus contemporâneos deveriam manter sua identidade e fé em um ambiente frequentemente hostil e opressor, ainda que com nuances de certa liberdade e com alguns benefícios momentâneos.⁴

Ao longo da narrativa, Daniel se destaca por sua profunda convicção e dedicação a Deus, evidenciando-se através da interpretação de sonhos e visões e pela firme adesão aos seus princípios religiosos, inclusive sob ameaça de morte. Incidentes como sua recusa em consumir as iguarias reais e sua sobrevivência na cova dos leões não apenas exemplificam sua lealdade divina, mas também reforçam a ideia da soberania de Deus sobre os impérios terrenos.

Este artigo visa explorar como o livro de Daniel demonstra resiliência e fidelidade profética por meio de suas narrativas e visões. Será analisado o modo como esses relatos e profecias serviram não somente como suporte para Daniel e seu povo em tempos de crise, mas também como continuam a oferecer lições pertinentes para os contemporâneos enfrentando suas próprias adversidades. Através deste busca-se destacar as dimensões de uma fé que transcende as circunstâncias adversas, propiciando esperança e orientação em períodos de incerteza.

1. CONTEXTO HISTÓRICO DE DANIEL

Daniel viveu durante um período marcado por profundas mudanças políticas e sociais, refletindo a instabilidade e as lutas de poder que caracterizaram o antigo oriente próximo. A deportação de Daniel para a Babilônia, juntamente com outros jovens da nobreza judaica, ocorreu em 605 a.C., sob o reinado de Nabucodonosor. Este evento é significativo, pois marca o início de um período de exílio e subjugação para muitos judeus, inserindo-os diretamente no cerne das intrigas e desafios políticos do Império Babilônico.

A suserania egípcia sobre Jeoiaquim, rei de Judá (609-597 a.C.), foi breve e terminou com a vitória de Nabucodonosor em Carquêmis (605 a.C.). Pouco depois da batalha, o príncipe caldeu foi até Judá e impôs vassalagem a Jeoiaquim, levando como reféns algumas pessoas da nobreza e levando consigo objetos do templo como prova de conquista.⁵

Este contexto ajuda a entender a pressão e o ambiente de tensão política sob o qual Daniel foi levado cativo. Durante seu tempo na Babilônia, Daniel enfrentou desafios que testaram sua fé e sua identidade cultural. A influência dos impérios, especialmente do babilônico, sobre Daniel é evidente em várias passagens do livro que levam seu nome. Por exemplo, a firme decisão de Daniel de não se contaminar com as iguarias do rei, rejeitando

³ OLYOTT, Stuart. **Ouse ser firme: o livro de Daniel, história e profecias.** São José dos Campos: Fiel, 1996, p. 15.

⁴ PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco & desenvolvimento no Antigo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2014, p. 674-675.

⁵ PINTO, 2014, p. 675.

assim uma assimilação completa à cultura babilônica, demonstra sua resistência em preservar sua identidade e práticas religiosas em um ambiente estrangeiro e muitas vezes hostil.

Além disso, os desafios enfrentados por Daniel e a maneira como ele os superou com fé e integridade são um testemunho da soberania de Deus operando através da história, usando as ações de impérios e governantes para seus propósitos divinos. “A própria ascensão de Daniel à fama e ao poder foi meteórica, uma vez que seu contemporâneo Ezequiel o menciona como modelo de sabedoria e virtude”.⁶ A interpretação de Daniel dos sonhos de Nabucodonosor e sua subsequente ascensão a posições de influência dentro do governo babilônico ilustram não apenas sua habilidade pessoal e divina inspiração, mas também como Deus pode usar seus fiéis para influenciar grandes impérios.

Essas narrativas são cruciais para entendermos não apenas o contexto histórico em que Daniel foi inserido, mas também as lições de fé, resiliência e integridade que ele exemplifica. Este estudo do contexto histórico e das respostas de Daniel às crises que enfrentou revela a complexa interação entre fé, identidade cultural e política em tempos de crise, proporcionando um modelo de como a fidelidade a Deus pode ser mantida e mesmo prosperar em circunstâncias adversas.

2. NARRATIVAS DE FIDELIDADE E RESILIÊNCIA

O livro de Daniel destaca-se não apenas por suas profundas implicações teológicas, mas também por suas ricas narrativas que demonstram a fidelidade e resiliência de Daniel e seus companheiros em face de desafios extremos. Entre esses relatos, dois episódios são particularmente emblemáticos: a recusa de Daniel em consumir as iguarias do rei babilônico (Dn 1.8) e o episódio na cova dos leões (Dn 6.1-28).

Inicialmente, Daniel e seus amigos decidem não se contaminar com as iguarias e o vinho do rei, escolhendo, em vez disso, legumes e água. Essa escolha reflete não apenas uma obediência às leis dietéticas judaicas, mas também uma firme declaração de sua fidelidade inabalável a Deus, mesmo em um ambiente que pressiona pela assimilação cultural e religiosa.⁷

A resistência de Daniel a adotar os costumes babilônicos é uma manifestação direta de sua dedicação a manter sua identidade e integridade espiritual intactas, mesmo sob a pressão de conformidade do exílio.

O episódio da cova dos leões revela ainda mais a profundidade da fidelidade de Daniel. Quando lançado na cova por causa de uma conspiração devido à sua posição privilegiada no reino, “Daniel é milagrosamente salvo por Deus, que fecha a boca dos leões”.⁸ Este evento não apenas reafirma a proteção divina sobre seus fiéis, mas também serve como um poderoso testemunho diante do rei Dario, levando-o a proclamar a soberania do Deus de Daniel em todo o império.

⁶ PINTO, 2014, p. 675.

⁷ BALDWIN, Joyce. **Daniel**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 498.

⁸ BALDWIN, 2008, p. 498.

Ambos os eventos são acompanhados por manifestações divinas claras, “ênfatizando que a fidelidade a Deus não passa despercebida e que Deus intervém de maneira poderosa e visível para proteger e vindicar seus servos”.⁹ Estes atos de fidelidade de Daniel e as subsequentes intervenções divinas ilustram vividamente a soberania de Deus, não apenas sobre os destinos individuais de seus servos, mas também sobre os reinos e poderes deste mundo, reforçando o tema central do livro: a supremacia indomável de Deus através das eras.

Esses episódios, emblemáticos da vida de Daniel, são complementados por outros momentos no livro que ressaltam a capacidade de outros personagens de demonstrar fidelidade sob pressão. O caráter coletivo dessas manifestações de fé ressalta uma mensagem central da obra: a importância da comunidade na manutenção da identidade e da integridade espiritual em ambientes hostis. Este aspecto é crucial para entender como os exilados conseguiram preservar sua fé e suas tradições apesar das adversidades.

A maneira como esses atos de fidelidade impactou os governantes e a sociedade babilônica também merece destaque. As ações de Daniel e seus companheiros não apenas asseguraram sua sobrevivência, mas também influenciaram as políticas e práticas do império. “Os decretos emitidos pelos reis em resposta à demonstração da fidelidade de Daniel indicam que o impacto de sua fé transcendia o pessoal e alcançava o político, moldando as interações entre diferentes culturas e crenças”.¹⁰ Isso, assevera de maneira altissonante que os decretos divinos são invioláveis, sua soberania é absoluta.¹¹

Além disso, as narrativas de Daniel oferecem insights profundos sobre como a fé pode ser vivida em contextos não apenas de opressão, mas também de oportunidade. Daniel não se limita a sobreviver; ele prospera, utilizando sua posição para advogar pela sabedoria e pela justiça. Este aspecto da história de Daniel oferece um modelo para entender a resiliência não apenas como resistência, mas também como engajamento construtivo e transformador.

Outrossim, a habilidade de Daniel de manter sua fé em circunstâncias adversas oferece um ponto de reflexão sobre a natureza da espiritualidade robusta e sua capacidade de transcender as dificuldades imediatas, apontando para uma verdade mais profunda e um propósito que sustenta e guia através de tempos turbulentos.

3. PROFECIAS E IMPLICAÇÕES FUTURAS NO LIVRO DE DANIEL

Daniel é notável não apenas por suas narrativas históricas, mas também por suas visões proféticas profundas, apresentadas nos capítulos 7 a 12. Essas visões são fundamentais para compreender a soberania divina sobre a história e os impérios, assim como as implicações espirituais dessas revelações para a comunidade de fé ao longo dos séculos.

Daniel descreve uma série de visões que incluem a aparição de quatro animais grandes, representando impérios emergentes na terra. Estas visões culminam com a revelação do “Ancião de Dias”, uma poderosa representação de Deus em Seu trono celestial, julgando as nações e estabelecendo Seu domínio eterno. Carlos Osvaldo Cardoso Pinto observa que a

⁹ BALDWIN, 2008, p. 499.

¹⁰ BALDWIN, 2008, p. 499.

¹¹ CALVINO, 2000, p. 314.

cerimônia descrita no capítulo três do livro “parece ter sido mais do que político, pois ela envolvia adoração”¹², sublinhando a intersecção da política e da religião e a presença contínua da soberania divina.

Essas visões não se limitam a ser predições futuristas; elas oferecem consolo e encorajamento para um povo em crise. A visão do “Filho do Homem” chegando nas nuvens e recebendo domínio e glória eternos simboliza a promessa da vitória definitiva de Deus e a vindicação de Seu povo. Olyott reforça esta esperança ao destacar que “o lugar de calor irresistível é também o lugar de comunhão intensa com o Salvador”¹³, ressaltando o conforto encontrado nas promessas divinas.

O gênero da literatura apocalíptica, frequentemente empregado em tempos de severa perseguição, serve para oferecer esperança e assegurar a continuidade da presença de Deus. Tais obras utilizam símbolos e imagens marcantes para comunicar verdades eternas, ressoando particularmente em períodos de adversidade.

Para a comunidade de fé da época de Daniel e para os leitores subsequentes, essas visões confirmam a promessa de que, apesar das dificuldades temporais, Deus tem um plano definitivo para Seu povo. A humilhação de Nabucodonosor ilustra dramaticamente como Deus controla o destino dos impérios e seus líderes, conforme descrito por Pinto: “O maior monarca do mundo foi humilhado a ponto de assemelhar-se a um animal antes de perceber Quem realmente detém as rédeas do poder sobre os reinos da terra”¹⁴.

Atualmente, as implicações dessas profecias são igualmente significativas. Em tempos de crise global, política ou pessoal, as visões de Daniel reforçam a fé dos crentes na governança soberana e providencial de Deus. A mensagem é que, independentemente das circunstâncias imediatas, os crentes podem confiar na supervisão final de Deus sobre todos os eventos mundiais.

Além disso, as visões de Daniel oferecem uma perspectiva que transcende o tempo, fornecendo insights não apenas sobre o futuro escatológico, mas também sobre como devemos viver no presente. Elas exortam os crentes a uma vida de justiça, integridade e fidelidade, qualidades que são reconhecidas e recompensadas por Deus e galardoada na segunda vinda de Jesus.¹⁵

Como uma fonte ativa de orientação espiritual, a literatura profética não é apenas um registro de futuras previsões; ela molda como interpretamos os eventos ao nosso redor e como respondemos a eles, infundindo propósito e direção em nossa conduta diária.

Deste modo, ao estudar as visões de Daniel, os crentes são encorajados a manter uma perspectiva eterna, reconhecendo que, embora enfrentemos desafios significativos agora, a vitória final pertence a Deus. Esta esperança sustenta a fé em tempos difíceis e energiza a comunidade de crentes para viver de maneira que honre a Deus, aguardando com expectativa a consumação de Seu reino eterno.

¹² PINTO, 2014, p. 678.

¹³ OLYOTT, 1996, p. 60.

¹⁴ PINTO, 2014, p. 678.

¹⁵ BRUCE, F. F. (Org.). **Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamentos**. São Paulo: Vida, 2009, p. 1202.

4. APLICAÇÕES PRÁTICAS E TEOLÓGICAS DAS LIÇÕES DE DANIEL

Além de um registro histórico e profético, o livro de Daniel, oferece lições vitais sobre resiliência e fidelidade que transcendem sua época e são profundamente relevantes para os leitores contemporâneos. Estas lições, enraizadas em uma fé inabalável em Deus, fornecem uma base sólida para enfrentar as crises da vida moderna.

Desde sua juventude, Daniel demonstrou uma firmeza excepcional em sua fé, escolhendo obedecer a Deus apesar das pressões para adaptar-se à cultura dominante em Babilônia. Esta decisão não foi uma mera observância de regras dietéticas, mas uma manifestação de uma dedicação total à sua identidade e crenças, uma escolha que definiu toda a sua vida e ministério.¹⁶

A história de Daniel na cova dos leões, onde sua fé foi posta à prova de maneira extrema, ressalta não apenas a sua própria integridade, mas também a fidelidade de Deus em proteger e honrar aqueles que são leais a Ele. Essa narrativa oferece uma poderosa analogia para os desafios enfrentados pelos crentes hoje, incentivando-os a manterem sua fé mesmo quando as circunstâncias parecem desesperadoras.¹⁷

Além disso, o impacto das ações de Daniel e seus amigos vai além de suas próprias vidas, influenciando reis e políticas de grandes impérios. A capacidade deles de permanecerem fiéis a seus princípios, mesmo sob risco de morte, serve como um testemunho poderoso da soberania de Deus sobre todas as coisas, incluindo as estruturas de poder humano.

Na vida contemporânea, onde as crises muitas vezes parecem sobrepujar a capacidade individual de controle, as histórias de Daniel podem oferecer esperança e direção. Elas reafirmam que a fidelidade a Deus não é apenas uma questão de conveniência pessoal, mas um compromisso que traz profundidade e significado à existência humana, mesmo em meio a adversidades. Como Carlos Osvaldo Cardoso Pinto observa, as visões de Daniel realçam a preservação de Israel como parte crucial do plano divino, mostrando que os desígnios de Deus têm ramificações que alcançam muito além dos acontecimentos imediatos, envolvendo a convergência de todas as coisas em Cristo.¹⁸

Essa resiliência baseada na fé pode ser particularmente inspiradora em tempos de crise global, como pandemias, desastres naturais ou instabilidades políticas. Os ensinamentos de Daniel mostram que a fé em Deus oferece não apenas conforto espiritual, mas também uma força prática e palpável que capacita os indivíduos a enfrentar e superar seus desafios.

A aplicação dessas lições também se estende à ética e integridade no ambiente de trabalho. Assim como Daniel, os crentes são chamados a viver de acordo com seus valores, mesmo quando estes entram em conflito com as normas culturais ou corporativas predominantes. Este compromisso com a integridade pode transformar ambientes e influenciar positivamente aqueles ao redor.¹⁹

¹⁶ OLYOTT, 1996, p. 61.

¹⁷ OLYOTT, 1996, p. 57.

¹⁸ PINTO, 2014, p. 681.

¹⁹ HENRY, Matthew. **Comentário bíblico do Antigo Testamento: Isaías a Malaquias**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 843.

Além disso, a história de Daniel encoraja os fiéis a serem agentes de mudança em suas comunidades e sociedades. Ao viver de acordo com princípios divinos e buscar a justiça, os seguidores de Deus podem desempenhar um papel crucial na promoção da paz e do bem-estar comunal, refletindo o reino de Deus na terra.

Finalmente, as lições de Daniel servem como um lembrete de que a história humana é parte de um plano divino mais amplo. Compreender isso pode ajudar os crentes a verem suas próprias lutas dentro de uma perspectiva eterna, reconhecendo que cada desafio é uma oportunidade para crescer na fé e testemunhar a soberania e a fidelidade de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do livro de Daniel revela uma rica tapeçaria de fé, resiliência e profecia que continua a ecoar sua relevância até os dias atuais. A vida de Daniel e seus companheiros, marcada por uma obediência inabalável e uma fé profunda em Deus, serve como um poderoso exemplo para todos os crentes em todas as épocas.

A firmeza de Daniel e seus amigos, especialmente em momentos de grande perigo, como a recusa em adorar a imagem de ouro (Dn 3.1-30) e orar/adorar à homens (Dn 6.1-28), bem como o livramento da fornalha ardente de fogo e sua sobrevivência na cova dos leões, exemplifica uma confiança total na soberania e na proteção de Deus. Esses eventos não apenas demonstraram a fidelidade de Daniel a Deus, mas também confirmaram a soberania divina sobre todos os reinos e poderes terrenos.²⁰

Essas narrativas históricas e proféticas ressaltam a exatidão com que Deus cumpre Suas promessas. A precisão das profecias de Daniel, que detalham eventos mundiais muito além de seu tempo, reforça a compreensão de que a Palavra de Deus é verdadeira e infalível.

No contexto contemporâneo, as histórias de Daniel incentivam os crentes a manterem a fé e a integridade, mesmo diante das adversidades. Em um mundo onde os desafios à fé cristã são frequentes e multifacetados, aprender com a resiliência de Daniel é essencial para uma caminhada espiritual firme e comprometida.

Além disso, o amor demonstrado por Deus a Daniel e seus amigos — protegendo-os, honrando sua fidelidade e usando-os como testemunhos de Sua glória — é um lembrete do amor e do cuidado contínuo que Deus tem por Seus servos. Este amor divino é a base que sustenta os crentes durante os períodos de prova e sofrimento.

A soberania de Deus, tão central no livro de Daniel, é uma verdade reconfortante que sustenta a fé dos crentes em tempos incertos. Saber que Deus controla a história e que Seu reino é eterno pode inspirar uma perspectiva espiritual que transcende as preocupações imediatas e olha para a eternidade.

Portanto, as implicações práticas da vida de Daniel para a vivência da fé cristã são claras: os crentes são chamados a viver com integridade, independentemente das pressões externas, e a confiar na liderança e proteção divinas, independentemente das circunstâncias, conforme

²⁰ OLYOTT, 1996, p. 59.

asseverou Wiersbe, “o povo de Deus deve preocupar-se mais em ser digno da perseguição do que em livrar-se dela; pois, merecer a perseguição é evidência de fidelidade a Deus”.²¹

Em resumo, o livro de Daniel não é apenas um texto antigo com histórias de fé; é um manual atemporal para a prática da fé em um mundo em constante mudança. A mensagem de Daniel é uma mensagem de esperança, encorajamento e instrução para todos aqueles que se comprometem a viver uma vida de fidelidade a Deus.

Que as lições de Daniel inspirem todos nós a seguir nosso caminho com a mesma fé e integridade que ele demonstrou, sabendo que ao final dos dias, a promessa divina é de ressurreição e herança eterna.

REFERÊNCIAS

BALDWIN, Joyce. **Daniel**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008.

BRUCE, F. F. (Org.). **Comentário bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Vida, 2009.

CALVINO, João. **Daniel**. São Paulo: Paracletos, 2000. Vol. 1 e 2.

HENRY, Matthew. **Comentário bíblico do Antigo Testamento**: Isaías a Malaquias. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

MACDONALD, William. **Comentário bíblico Popular**: Antigo Testamento. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

OLYOTT, Stuart. **Ouse ser firme**: o livro de Daniel, história e profecias. São José dos Campos: Flel, 1996.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco & desenvolvimento no Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2014.

VAN GEMEREN, William A. (Org.). **Novo dicionário internacional de Teologia e exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. Vol. 1 a 5.

WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento – proféticos. Santo André: Geográfica, 2010.

²¹ WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento – Proféticos. Santo André: Geográfica, 2010, p. 345.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n2.003



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

EPISTEMOLOGIA REFORMADA: UMA BREVE APRESENTAÇÃO DAS PRINCIPAIS E FUNDAMENTAIS CARACTERÍSTICAS DA TRADIÇÃO EPISTEMOLÓGICA REFORMADA

Reformed Epistemology: A brief presentation of the main and fundamental
characteristics of the Reformed epistemological tradition

Bruno Litz¹

RESUMO

Este artigo foi desenvolvido com o objetivo de conceituar e apresentar as principais e fundamentais características da Epistemologia Reformada, especialmente no que diz respeito aos limites do conhecimento humano, às suas fontes e aos elementos que o tornam justificado. Por meio de consultas a obras de Teologia e Filosofia, especialmente escritas por autores reformados ou por intelectuais que influenciaram essa tradição, foi possível concluir que a Epistemologia Reformada é principalmente caracterizada pelos seguintes elementos: a insuficiência cognitiva humana, representada pelo *sensus divinitatis* e agravada pelo pecado; a centralidade da graça de Deus para o conhecimento, operada por meio da iluminação do Espírito Santo e revelada pelo testemunho das Escrituras; e pela justificação do conhecimento garantida pelo bom funcionamento do aparelho cognitivo humano e pela autoridade da revelação especial. Por fim, na conclusão deste artigo foram mencionadas as contribuições que a pesquisa desenvolvida pode ter para estudos filosóficos e teológicos acerca da Epistemologia Reformada, principalmente no que diz respeito à apresentação das principais características desta posição epistêmica.

Palavras-chave: Epistemologia Reformada. Filosofia. Teologia.

¹ O autor é bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e licenciado em Letras: Português e Inglês pela Unopar. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5770-9032> - E-mail: bruno.litz@batistapioneira.edu.br

ABSTRACT

This article was developed with the aim of conceptualizing and presenting the main and fundamental characteristics of Reformed Epistemology, especially with regard to the limits of human knowledge, its sources and the elements that make it justified. By consulting works of Theology and Philosophy, especially written by Reformed authors or by intellectuals who influenced this tradition, it was possible to conclude that Reformed Epistemology is mainly characterized by the following elements: human cognitive insufficiency, represented by the *sensus divinitatis* and aggravated by sin; the centrality of God's grace for knowledge, operated through the illumination of the Holy Spirit and revealed by the testimony of the Scriptures; and the justification of knowledge guaranteed by the proper function of the human cognitive apparatus and by the authority of special revelation. Finally, in the conclusion of this article are mentioned the contributions that the research made can offer for philosophical and theological studies on Reformed Epistemology, especially with regard to the presentation of the main characteristics of this epistemic position.

Keywords: Reformed Epistemology. Philosophy. Theology.

INTRODUÇÃO

Ao longo do desenvolvimento histórico da Filosofia, diversas teorias e hipóteses foram elaboradas com o objetivo de investigar as fontes e os limites do conhecimento humano, bem como identificar as características e os elementos que o tornam racionalmente justificado. Dentre essas diversas abordagens epistemológicas, há a Epistemologia Reformada, que se distingue das demais por conta de seus pressupostos teológicos e de sua natureza religiosa e confessional declarada. Tal posição filosófica, que não fica restrita ao ambiente eclesial reformado, cada vez mais tem sido apresentada e provada como uma perspectiva academicamente legítima, válida e coerente no que diz respeito às questões e aos debates contemporâneos relacionados ao conhecimento humano.

Por tais razões, este presente artigo será desenvolvido com o objetivo de conceituar a Epistemologia Reformada, explorando e apresentando as suas principais e fundamentais características, especialmente no que se refere às fontes do conhecimento humano, aos seus limites e ao que o torna epistemologicamente justificado. Para o desenvolvimento do conteúdo desta pesquisa, serão consultados materiais e livros de Teologia e Filosofia, principalmente os escritos por autores reformados que tratam de Epistemologia. Ao final do trabalho, serão apresentadas as conclusões derivadas deste estudo, acompanhadas de uma avaliação sobre a sua relevância para pesquisas filosóficas e teológicas acerca da Epistemologia Reformada

1. AS LIMITAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DO SER HUMANO

Agostinho de Hipona, o teólogo patrístico que mais influenciou o movimento da Reforma Protestante no século XVI, escreveu no início das suas *Confissões*: “Tu nos fizeste

para Ti, e o nosso coração está inquieto até que venha a descansar em Ti”², evidenciando assim a insuficiência existencial humana, que só pode ser devidamente suprida pela presença divina. Calvino, por sua vez, o mais importante intelectual e teólogo da tradição reformada, seguindo o pensamento de Agostinho, afirmou em suas *Institutas da Religião Cristã* que “no espírito humano há, por inclinação natural, certo senso de divindade”, o chamado *sensus divinitatis*. Esse senso, uma prova da incompletude humana, faz com que o homem não encontre sentido para a sua existência enquanto não conhecer verdadeiramente o seu Criador.³

Dessa forma, é evidente que há na tradição teológica e filosófica reformada a declaração clara das limitações humanas. Tais limitações, porém, não são apenas de ordem espiritual, mas também abrangem os aspectos intelectuais, pois, conforme Madureira, a insuficiência epistemológica é um aspecto constituinte da natureza humana. Tal característica, um dano causado pelo pecado original nas capacidades mentais de todos os descendentes de Adão, foi considerada pela tradição teológica reformada como um dos *efeitos noéticos da Queda*, e faz com que o ser humano, por suas próprias potencialidades, seja totalmente inapto para conhecer a Deus e interpretar o mundo que o cerca de maneira coerente e correta.⁴

Acerca deste assunto, Plantinga argumenta que:

Os efeitos noéticos mais sérios do pecado dizem respeito ao nosso conhecimento de Deus. Não fosse o pecado, e os seus efeitos, a presença e a glória de Deus seriam tão óbvias e incontroversas para todos nós quanto a presença de outras mentes, dos objetos físicos e do passado. Como qualquer processo cognitivo, contudo, o *sensus divinitatis* pode funcionar mal; em resultado do pecado, foi efetivamente danificado. O nosso conhecimento original de Deus e da sua glória está abafado e obstaculizado; foi substituído (por causa do pecado) pela estupidez, imbecilidade, cegueira, incapacidade para perceber Deus ou para o perceber na sua obra. O nosso conhecimento do seu caráter e amor por nós pode ser sufocado: pode até se transformar em ressentimento, no pensamento de que Deus é alguém a quem devemos temer e de quem devemos desconfiar; podemos vê-lo como indiferente a nós ou até maligno.⁵

Essa declaração de que o ser humano é incapaz de chegar independentemente ao conhecimento da verdade é, de acordo com Frame, um pensamento radicalmente oposto às ideias presentes nas três principais abordagens epistemológicas tradicionais, as quais são o racionalismo, o empirismo e o subjetivismo. Frame argumenta que, apesar das diferenças internas existentes entre essas abordagens, todas se baseiam numa tentativa humana,

² AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de Brian Gordon Lutalo Kibuuka. Londrina: Livrarias Família Cristã, 2021, vol. 1, p. 23.

³ CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**: edição especial com notas para estudo e pesquisa. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, vol. 1, p. 57.

⁴ MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 78-80.

⁵ PLANTINGA, Alvin. **Crença cristã avalizada**. Tradução de Desidério Orlando Figueiredo Murcho. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 229.

autônoma e idólatra de alcançar a verdade sem recorrer à revelação divina e, dessa forma, inevitavelmente conduzem a um conhecimento distorcido de Deus e da realidade.⁶

Acerca dessa postura idólatra adotada nas empreitadas epistemológicas humanas, Dooyeweerd explica que tal atitude é um resultado das próprias tendências internas do homem que agem como um verdadeiro impulso religioso e que antecedem até mesmo as suas considerações e análises racionais. Tal impulso, quando não é dirigido a Deus, o verdadeiro valor absoluto que pode atribuir sentido para todos os aspectos da existência, é dirigido a um elemento contingente, dando origem a “ídolos provenientes da absolutização daquilo que só tem significado relativo”.⁷ Assim, de acordo com Miguel, a pulsão religiosa inata assume uma orientação apóstata, pois o indivíduo não reconhece Deus como o sustentador e a causa de toda a realidade, mas entroniza um elemento criado em seu lugar. Esse processo, falho por natureza, busca na própria criação, e não no Criador, o fundamento para o sentido da existência e uma segurança epistêmica que possa fornecer conforto e um sentimento de coerência.⁸

Dessa forma, fica evidente que uma característica fundamental da Epistemologia Reformada é a afirmação de que o ser humano é, por consequência da Queda, naturalmente incapaz de chegar ao conhecimento de Deus e de compreender adequadamente a realidade que o cerca. Além disso, outro elemento importante dessa tradição epistêmica é a crença no impulso religioso humano, fruto de sua insuficiência existencial. Este impulso, quando opera sem o auxílio divino, resulta inevitavelmente em idolatria e em um conhecimento distorcido da realidade. Por tais razões, o seguinte capítulo será destinado a considerar de que maneira os adeptos à Epistemologia Reformada defendem que o homem possa chegar a um conhecimento verdadeiro.

2. A NECESSIDADE DA GRAÇA DIVINA PARA O CONHECIMENTO HUMANO

Conforme a passagem bíblica de Romanos 1.19-21, há na natureza criada uma revelação suficientemente clara de Deus para que todos os seres humanos sejam indesculpáveis por não o reconhecerem nem glorificarem como Senhor. Porém, apesar da clareza dessa revelação geral, os efeitos noéticos da Queda fazem com que o homem seja incapaz de chegar por meio dela a um conhecimento real de Deus. Dessa forma, como argumenta Madureira, “o conhecimento natural de Deus carece, portanto, da graça”.⁹

Acerca da necessidade do auxílio gracioso de Deus para o conhecimento humano, Van Til também apresenta contribuições significativas. Este filósofo afirma que o homem não pode

⁶ FRAME, John M. **A doutrina do conhecimento de Deus**. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 126.

⁷ DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental**: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. Tradução de Guilherme de Carvalho e Rodolfo Amorim de Souza. Brasília: Monergismo, 2018, p. 102.

⁸ MIGUEL, Igor. **A escola do Messias**: fundamentos bíblico-canônicos para a vida intelectual cristã. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021, p. 37-38.

⁹ MADUREIRA, 2019, p. 88.

olhar para a criação para entender o Criador, mas, pelo contrário, só pode verdadeiramente compreender a criação quando já possui um conhecimento real do Criador. Em suas palavras:

A revelação natural é perfeitamente clara, e dela os homens têm de conhecer a Deus, e, por meio dela, têm de ver todas as demais coisas como dependentes de Deus. Mas somente aquele que olha a natureza através do espelho da Escritura *entenderá* a revelação natural como o que ela realmente é. Além disso, ninguém poderá conceber a Escritura como ela verdadeiramente é, a menos que lhe seja dada capacitação mediante o poder regenerador do Espírito Santo. Somente aqueles que são discípulos de Deus veem a Escritura como o que ela realmente é.¹⁰

Assim, o ser humano é totalmente dependente da iluminação do Espírito Santo para chegar à verdade. Tal argumento também é defendido por Plantinga, que afirma que a instigação interna do Espírito Santo, um tipo especial de instrumento ou agência cognitiva, leva os homens à crença em Deus e na Escritura. Como este filósofo também explica, esta instigação não faz parte do equipamento noético original da humanidade, mas faz parte da resposta divina à condição de pecado na qual ela se encontra. Dessa forma, o Espírito Santo é responsável por guiar o *sensus divinitatis* do homem ao seu devido objetivo, isto é, Deus.¹¹

À semelhança da declaração mencionada de Van Til, também é importante destacar que o próprio conhecimento das Escrituras é impossível sem a operação do Espírito Santo. Tal destaque é devidamente feito por Calvino ao afirmar que:

Iluminados, pois, pelo poder do Espírito Santo, não é mais baseados em nossa avaliação e na de outros que nós cremos que a Escritura é a Palavra de Deus. É graças à certeza dada por uma autoridade superior que concluímos que, sem dúvida nenhuma, a Escritura nos foi outorgada diretamente por Deus – a tal ponto, que é como se nela contemplássemos a sublimidade de Deus em seu Ser essencial.¹²

Dessa forma, uma vez sendo regenerado e capacitado pelo Espírito Santo, o ser humano se torna devidamente apto para chegar ao conhecimento de Deus por meio da revelação especial, isto é, as Escrituras. Conforme Miguel, essa revelação especial se refere a uma maneira exclusiva e bem particular de desvelamento divino. Além disso, por meio de tal revelação, Deus não apenas revela a sua vontade para o seu povo, mas também revela a verdade sobre o próprio homem, sobre a criação e também sobre si mesmo, o que acontece principalmente por meio da apresentação da pessoa e da obra de Jesus Cristo.¹³

Ademais, é o conteúdo dessa revelação especial que torna o ser humano capaz de adequadamente interpretar a realidade criada, na qual ele está inserido, e a si mesmo. Como é enfaticamente argumentado por Frame:

Podemos interpretar a criação somente pensando os pensamentos de Deus após ele. E isso significa que, quando analisamos a criação, devemos ouvir as

¹⁰ VAN TIL, Cornelius. **O pastor reformado e o pensamento moderno**: o evangelho apresentado como um desafio à descrença atual. Traduzido por Wadislau Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 20.

¹¹ PLANTINGA, 2018, p. 197.

¹² CALVINO, 2015, vol. 1, p. 72.

¹³ MIGUEL, 2021, p. 56-57.

palavras de Deus em outra mídia, tal como a Palavra escrita, se desejarmos entender a natureza como ele a fez para ser. Como João Calvino disse, devemos entender o mundo natural através dos “óculos” da Escritura, pois é a mensagem do evangelho contida na Escritura que tira nosso desejo ímpio de deter a verdade de Deus.¹⁴

Dessa forma, é possível concluir que outro elemento fundamental da Epistemologia Reformada é a centralidade da graça de Deus como fonte do conhecimento humano. Essa graça, estendida à humanidade por meio da iluminação do Espírito Santo, faz com que o homem seja apto para compreender as Escrituras e assim interpretar também a si mesmo e o mundo que o cerca. Este conhecimento, porém, como todas as outras crenças, também precisa ser devidamente justificado. Por este motivo, o próximo capítulo será destinado à análise da justificação do conhecimento a partir da perspectiva da Epistemologia Reformada.

3. A JUSTIFICAÇÃO DO CONHECIMENTO NA EPISTEMOLOGIA REFORMADA

Como explicam DeWeese e Moreland, a justificação é uma condição epistêmica essencial que requer que as crenças, ainda que verdadeiras, sejam racionais e devidamente fundamentadas para que possam ser classificadas como conhecimento real. Acerca disso, estes autores apresentam as duas teorias tradicionais da justificação, o *Fundacionalismo* e o *Coerentismo*. Os fundacionalistas defendem que “uma crença é justificada se e somente se for apropriadamente básica ou for baseada em uma crença apropriadamente básica”. Já os coerentistas, por sua vez, argumentam que “uma crença é justificada se e somente se for coerente com as outras crenças justificadas de um indivíduo”.¹⁵

Destacando uma fraqueza significativa do *Coerentismo*, DeWeese e Moreland afirmam que a coerência não é o suficiente para justificar uma crença, pois também é necessário que ela encontre correspondência com a realidade. Além disso, nem todas as crenças humanas são baseadas em sua relação de coerência com as outras. Algumas crenças, por exemplo, são resultado das experiências empíricas cotidianas, e não inferências de outras crenças.¹⁶

Por outro lado, quanto ao *Fundacionalismo*, estes mesmo filósofos explicam que tal teoria epistêmica de justificação do conhecimento pode ser dividida em duas abordagens, o *Fundacionalismo clássico* e o *moderado*. O clássico, uma posição um tanto quanto ambiciosa, afirma que as crenças básicas precisam ser indubitáveis. Já a postura moderada entende que a natureza indubitável da crença não é necessária, sendo preciso apenas que ela conduza à verdade.¹⁷

Aprofundando ainda mais as questões relacionados à justificação do conhecimento, DeWeese e Moreland comentam a respeito do debate existente entre os filósofos sobre se é necessário ou não que um indivíduo esteja ciente das razões que justificam suas crenças. De

¹⁴ FRAME, John M. **A doutrina da Palavra de Deus**. Tradução de Meire Portes Santos e Márcio Santana Sobrinho. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 83-84.

¹⁵ DEWEESE, Garrett J.; MORELAND, J. P. **Filosofia concisa**: uma introdução aos principais temas filosóficos. Tradução de Djair Dias Filho e Vitor Grandó. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 62-63.

¹⁶ DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 64-65.

¹⁷ DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 66.

um lado, os *externalistas* afirmam que um indivíduo não precisa ter conhecimento dos fundamentos de suas crenças, de maneira que a justificação delas seja externa ao indivíduo. Por outro lado, os *internalistas* compreendem que os fatores envolvidos na justificação de uma crença são ou podem ser internos ao processo cognitivo do indivíduo.¹⁸

Em meio à complexidade deste debate, a posição da Epistemologia Reformada, popularizada por Plantinga, emerge como uma outra possível e válida alternativa. De acordo com este filósofo:

Podemos pensar que a humanidade foi criada por Deus à sua imagem – e criada tanto com uma tendência natural para ver a mão de Deus no mundo que nos rodeia como com uma tendência natural para reconhecer que fomos realmente criados e estamos em dívida para com o nosso criador, devendo-lhe devoção e fidelidade. Então, é claro, não consideraremos que a crença em Deus seja tipicamente a manifestação de uma modalidade qualquer de defeito intelectual. Nem iremos pensar que é a manifestação de um poder ou mecanismo de produção de crenças que não vise à verdade. Trata-se antes de um mecanismo cognitivo por meio do qual somos postos em contato com parte da realidade – na verdade, de longe a parte mais importante da realidade. Nesse aspecto, é como um produto da percepção sensorial, da memória ou da razão, a faculdade responsável pelo conhecimento *a priori*.¹⁹

Dessa forma, na perspectiva da Epistemologia Reformada, uma crença, no caso, a crença em Deus, pode ser justificada quando é produzida por um mecanismo cognitivo que esteja funcionando apropriadamente, mesmo que o indivíduo não tenha conhecimento de tal processo epistêmico nem das razões que fornecem garantia à sua crença.²⁰

Por fim, também é válido ressaltar que a revelação especial desempenha um papel significativo na justificação do conhecimento para a abordagem epistemológica reformada. De acordo com a explicação de Frame, como as Escrituras representam a justificação última e máxima para todo o conhecimento humano, a crença nas Escrituras só pode ser justificada pelas próprias Escrituras. Compreendendo que tal declaração pode ser classificada como um raciocínio circular, Frame argumenta que:

Uma crítica só é válida quando o crítico pode sugerir um melhor caminho. Mas não existe nenhuma alternativa à circularidade. Primeiro, a nossa fidelidade ao Senhor exige que sejamos leais a ele, mesmo quando estivermos buscando justificar as nossas asserções sobre ele. Não podemos abandonar o nosso comprometimento pactual para fugir da acusação de circularidade. Segundo, nenhum sistema pode evitar a circularidade, porque todos os sistemas – tanto não cristãos como cristãos – baseiam-se em pressuposições que controlam as suas respectivas epistemologias, a sua argumentação e o seu uso das evidências ou provas. Assim é que o racionalismo só pode provar o primado da razão pelo uso de uma argumentação racional. O empirista só pode provar o primado da experiência sensorial recorrendo a algum tipo de experiência sensorial. O muçulmano só

¹⁸ DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 69-70.

¹⁹ PLANTINGA, 2018, p. 207.

²⁰ DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 70-71.

pode provar o primado do Alcorão apelando para o Alcorão. Mas, se todos os sistemas são circulares [...] dificilmente tal circularidade pode ser levantada contra o cristianismo. O crítico inevitavelmente será tão “culpado” de circularidade como o cristão.²¹

Dessa forma, os cristãos são epistemologicamente justificados em apelarem para as Escrituras como uma razão para a crença nas próprias Escrituras, pois tal circularidade se faz presente em absolutamente todos os sistemas de pensamento. Além disso, também é importante destacar que na circularidade cristã, os critérios de coerência interna e de correspondência com a realidade são devidamente atendidos, pois, como Frame explica:

Na epistemologia cristã [...] há lugar para correspondência, como há lugar para coerência. Qualquer delas pode ser utilizada como uma definição da verdade ou como um teste da verdade, na medida em que operem dentro da estrutura de uma visão bíblica de mundo. A Escritura ensina que pela revelação divina temos acesso ao “mundo real”. Descobrimos o “mundo real” não só por meio da experiência sensorial, mas também por meio de conceitos racionais e estados subjetivos, e particularmente por meio da Escritura, nosso supremo critério de avaliação da realidade.²²

A partir das informações consideradas, é possível, portanto, concluir que outro elemento fundamental da Epistemologia Reformada é a compreensão de que o conhecimento de um indivíduo é justificado pelo bom funcionamento de seu aparelho cognitivo que, por ter sido criado intencionalmente por Deus, produz crenças verdadeiras, e pela autoridade da revelação especial sobre os próprios critérios da racionalidade. Dessa forma, em seguida serão apresentadas as considerações finais deste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises feitas a respeito das principais e fundamentais características da Epistemologia Reformada, cujas heranças intelectuais e teológicas remontam à época de Agostinho de Hipona, foi possível conceituá-la e detalhá-la de maneira objetiva, bem como observar de que forma tal perspectiva epistêmica se distingue das demais. Diferentemente das outras abordagens, frequentemente marcadas pela pretensa autonomia da razão humana, a Epistemologia Reformada compreende o homem como naturalmente insuficiente (pensamento resumido pela doutrina do *sensus divinitatis*) limitado e incapaz de chegar ao conhecimento verdadeiro de Deus e da realidade por conta dos efeitos noéticos do pecado, ocasionados pela Queda, que lhe obscurecem a cognição.

Outro elemento distintivo dessa tradição epistemológica é a necessidade da graça de Deus, operada por meio da iluminação do Espírito Santo e revelada nas Escrituras, para o conhecimento humano. Dessa forma, o pensamento reformado não é apenas *monergista* quanto à soteriologia, mas também o é com relação à epistemologia. Por fim, também foi possível compreender que a abordagem epistemológica reformada, por crer que o ser humano é intencionalmente criado por Deus, defende que a justificação do conhecimento é

²¹ FRAME, 2010, p. 145-146.

²² FRAME, 2010, p. 157.

resultado do bom funcionamento do aparelho cognitivo humano, também criado por Deus e projetado com o objetivo de produzir crenças verdadeiras. Além disso, também foi enfatizada a centralidade que as Escrituras possuem na perspectiva reformada para a justificação do conhecimento, uma vez que elas são o máximo critério de avaliação da racionalidade humana e da realidade.

Dessa maneira, é válido e adequado concluir que este artigo alcançou seus objetivos inicialmente propostos, os quais eram investigar, a partir da perspectiva da Epistemologia Reformada, as fontes e os limites do conhecimento humano, bem como identificar os elementos que o tornam justificado. Assim, é possível concluir que a pesquisa apresentada neste trabalho pode contribuir e ser relevante para estudos teológicos e filosóficos acerca da Epistemologia Reformada, principalmente no que diz respeito à introdução e apresentação dessa perspectiva.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de Brian Gordon Lutalo Kibuuka. Londrina: Livrarias Família Cristã, 2021. Vol. 1.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**: edição especial com notas para estudo e pesquisa. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. Vol. 1.

DEWEESE, Garrett J.; MORELAND, J. P. **Filosofia concisa**: uma introdução aos principais temas filosóficos. Tradução de Djair Dias Filho e Vitor Grandó. São Paulo: Vida Nova, 2011.

DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental**: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. Tradução de Guilherme de Carvalho e Rodolfo Amorim de Souza. Brasília: Monergismo, 2018.

FRAME, John M. **A doutrina da Palavra de Deus**. Tradução de Meire Portes Santos e Márcio Santana Sobrinho. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

FRAME, John M. **A doutrina do conhecimento de Deus**. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MIGUEL, Igor. **A escola do Messias**: fundamentos bíblico-canônicos para a vida intelectual cristã. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

PLANTINGA, Alvin. **Crença cristã avalizada**. Tradução de Desidério Orlando Figueiredo Murcho. São Paulo: Vida Nova, 2018.

VAN TIL, Cornelius. **O pastor reformado e o pensamento moderno**: o evangelho apresentado como um desafio à descrença atual. Traduzido por Wadislau Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n2.004

Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

EPÍSTOLA AOS ROMANOS: AUXÍLIOS PARA A IGREJA EPISTLE TO THE ROMANS: HELP FOR THE CHURCH

Flaviano Nogueira Siedeliske¹

RESUMO

O presente artigo apresenta uma continuação do modelo de roteiro de pesquisa e análise a respeito da Epístola aos Romanos. Nessa etapa da pesquisa, serão trabalhadas principalmente as questões contextuais, mas também haverá espaço para demonstrar a importância do Antigo Testamento para a escrita da epístola e sua importância histórica. O objetivo do trabalho é continuar fornecendo bases para a igreja interpretar tal epístola, e continuar o modelo de análise para ser usado em outras epístolas do Novo Testamento. Dentre os resultados obtidos destacam-se: 1) o entendimento do contexto histórico-cultural e social de Roma e do Império Romano; 2) os propósitos, conteúdos e temas da epístola; 3) a importância do Antigo Testamento para sua construção e 4) sua importância ao longo da história.

Palavras-chave: Romanos. Paulo. Contexto. Análise.

ABSTRACT

This present article shows a continuation of the script for research and analysis on the Epistle to the Romans. In this stage of the research, the contextual topics will be studied, but there will also be space to demonstrate the importance of the Old Testament for the writing of the epistle and its historical importance. The purpose of this study is to provide a basis for the Church to interpret the epistle to the Romans, in addition to continue the model of analysis to be used in the other New Testament epistles. Among the results obtained, the followings stand out: 1) the understanding of the historical, cultural and social context of Rome and the Roman Empire; 2) the objectives, contents and themes of

¹ Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Pós-graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Licenciado em Letras pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba (FARESC). E-mail: Flavianosiedeliske@gmail.com

the epistle; 3) the importance of the Old Testament for its construction; and 4) its importance throughout history.

Keywords: Romans. Paul. Context. Analysis.

INTRODUÇÃO

Escrita pelo apóstolo Paulo na segunda metade da década de 50 d.C., a Epístola aos Romanos foi endereçada a uma igreja que não foi fundada por Paulo, mas por um grupo de novos convertidos “anônimos”. Tal grupo era composto tanto de judeus como gentios convertidos ao cristianismo, que viviam numa espécie de discussão étnica e teológica.

É inegável a importância de Romanos para a Igreja e a humanidade como um todo, por isso ela é uma das mais lidas e estudadas pelos cristãos ao longo do tempo. Todavia, um erro comum é interpretá-la apenas tendo em vista o contexto contemporâneo em que o intérprete vive. Dessa maneira, o objetivo dessa pesquisa é apresentar as bases contextuais, sejam elas histórico-culturais ou literárias, para auxiliar a igreja na interpretação dessa epístola; assim como continuar a construção de um modelo de roteiro de pesquisa e análise.

1. NECESSIDADE DE UMA ANÁLISE CONTEXTUAL

Talvez a característica mais marcante com relação às epístolas é seu enquadramento como *documentos ocasionais*: sua maioria foi redigida graças a circunstâncias – ou ocasiões – especiais, que podem envolver tanto o autor como os destinatários.² Essa característica ocasional das epístolas é o que mais dificulta sua interpretação, pois “temos as respostas, mas nem sempre sabemos quais eram as perguntas ou os problemas – ou até mesmo se havia um problema”.³ Com a Epístola aos Romanos não é diferente: ela foi escrita em contextos específicos: histórico, cultural e literário; e esses serão analisados a seguir.

Todavia, antes da análise, como apontam Blomberg⁴ e Keener⁵, vale citar que Romanos é uma obra com trechos muito generalizáveis, enquadrada, muitas vezes, como um *ensaio epistolar*, ou seja, um tratado sobre temas gerais, não dependente do contexto dos destinatários.⁶ Há autores, ainda, que classificam Romanos como um *tratado teológico* atemporal.⁷ Hernandes Dias Lopes, por exemplo, defende que Paulo não escreve essa epístola com vistas a problemas locais e circunstanciais da igreja de Roma.⁸

Ainda sim, a posição adotada nessa pesquisa é a que Romanos não é um tratado não-temporal nem uma teologia sistemática de Paulo, mas um documento escrito para

² FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e hermenêutica. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 71.

³ FEE; STUART, 2011, p. 71.

⁴ BLOMBERG, Craig L. **Introdução de Atos a Apocalipse:** uma pesquisa abrangente de Pentecostes a Patmos. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 143.

⁵ KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia:** Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.

⁶ Keener comenta que a Epístola de Tiago possa ser, talvez, um exemplo de *ensaio epistolar* Keener (KEENER, 2017, p. 503).

⁷ LOPES, Hernandes Dias. **Romanos:** o evangelho segundo Paulo. São Paulo: Hagnos, 2010 p. 7,11.

⁸ LOPES, 2010, p. 25.

destinatários específicos em circunstâncias históricas específicas.⁹ Desta feita, uma análise contextual da Epístola aos Romanos faz-se obrigatória, tendo em vista sua natureza ocasional e as situações específicas que levaram Paulo a escrever aos cristãos em Roma.

2. CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

Inicialmente, será analisado o contexto externo a Bíblia: como se davam a religião, a família e os costumes romanos. Também será demonstrado como alguns desses pontos se relacionam com a fé cristã que chegava ao império.

2.1 A religião romana

Assim como destaca o professor Willibaldo Ruppenthal Neto, a religião romana “não era somente deuses gregos com outros nomes”, mas os romanos possuíam práticas religiosas próprias que os distinguiam e que caracterizavam sua vida nas esferas familiar, social e política.¹⁰

O primeiro ponto a ser destacado são os *cultos domésticos*, ou seja, a “religião caseira” do povo romano. Nesses cultos domésticos, eram cultuados os chamados *lares* – ou *manes*, *penates*, *genius* –, que eram entidades semelhantes aos heróis gregos e aos demônios, que influenciavam a vida dos humanos.¹¹ Também se destaca o ritual do *fogo sagrado*: representando a divindade familiar, o chefe da família cuidava diariamente para que tal fogo não se apagasse; além disso, era diante do fogo que a família tinha comunhão, fazia orações e oferecia sacrifícios e, posteriormente, o fogo sagrado foi personificado na deusa Vestia.¹² Por fim, há o *culto aos mortos*, que ocorria entre 13 e 21 de fevereiro e consistia em oferendas aos antepassados da própria família e, no caso das mulheres, aos antepassados do marido.¹³

Semelhantemente aos gregos, os romanos também possuíam uma *tríade em seu panteão* de deuses, sendo que ela foi mudando com o tempo. Inicialmente, a *Tríade Pré-Capitolina* consistia nos nomes de Júpiter, deus da justiça, Marte, deus da guerra, e Quirino, deus da união; posteriormente, a *Tríade Capitolina* foi composta por Júpiter, Juno, deusa da força, e Minerva, deuses da arte e artesãos; por fim, a *Tríade Plebeia* contava com os deuses Ceres, Liber e Libera, todos relacionados à fecundidade.¹⁴

Destacam-se, também, os *jogos religiosos*, como as lutas de gladiadores¹⁵, e as *superstições*, como a consulta a fórmulas mágicas, horóscopo, oráculos, predições sobre o futuro e contratação de exorcistas profissionais.¹⁶ Todavia, talvez o maior diferencial da

⁹ CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 278; MOO, Douglas J. “Romanos”, In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1678.

¹⁰ RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **As religiões no tempo de Jesus**. São Paulo: Fonte Editorial, 2019, p. 119.

¹¹ RUPPENTHAL NETO, 2019, p. 125.

¹² RUPPENTHAL NETO, 2019, p. 126-127.

¹³ RUPPENTHAL NETO, 2019, p. 127,129.

¹⁴ RUPPENTHAL NETO, 2019, p. 130-133.

¹⁵ RUPPENTHAL NETO, 2019, p. 140.

¹⁶ GUNDRY, Robert Horton. **Panorama do Novo Testamento**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 80.

religião romana esteja em sua *natureza política*: política e religião eram profundamente relacionadas na sociedade romana, pois não havia uma ideia de bem-aventurança eterna na religião romana, havia apenas o aqui e agora, sendo voltada para o cotidiano dos cidadãos.¹⁷ Por sua natureza política, surge, na religião romana, a prática do *culto ao Imperador*.

Como os deuses eram tidos como seres sobre-humanos, logo acima dos homens, e não como entidades eternas e absolutas¹⁸, havia a deificação, por parte do senado romano, dos imperadores que tivessem feito um bom trabalho, atribuindo-lhes qualidades divinas e homenageando-os com a construção de templos em seus nomes.¹⁹ Obviamente, os cristãos se recusavam a prestar tal culto a homens mortais, o que resultou em acusações de deslealdade e, posteriormente, nas perseguições que cresceram sob o governo de Nero (54-68), como Tácito deixou claro em seu *Annales*, XV.44.²⁰

E qual a relação da religião romana com o cristianismo? Em primeiro lugar, destaca-se o *desprezo pelos cristãos*, pois os romanos criam que os cristãos praticavam incesto (devido o emprego da palavra *irmão/irmã* para designar até mesmo seus companheiros) e canibalismo (devido o simbolismo da ceia), sendo tidos como inimigos da raça humana.²¹ Todavia, pode-se inferir certa *influência do cristianismo* na sociedade romana: em 57 d.C., Pompônia Graecina, mulher de Aulo Plátio, conhecido por anexar a província da Bretanha aos domínios romanos, foi julgada por ter abraçado uma “superstição estrangeira” que, como aponta Bruce, talvez seja o cristianismo.²² Assim, percebe-se que a religião romana, no tocante ao cristianismo, influenciou na perseguição e desprezo para com os cristãos, todavia, pode-se inferir, também, que alguns romanos vinham sendo influenciados pelo cristianismo.

2.2 A família romana

Ao se estudar a questão da família romana, percebe-se que esse é um tema conflitante, uma vez que há autores que defendem que a família era a base da religião romana²³, e outros que ela apenas possuía a função de garantir herança e prestígio social, não envolvendo o amor.²⁴

Como já trabalhado na questão dos *cultos familiares*, Ruppenthal Neto demonstra que o *paterfamilias*, o chefe de família, possuía uma autoridade religiosa e sagrada.²⁵ Já Robert Gundry afirma que a família “formava a unidade básica da sociedade”²⁶; todavia, o próprio autor reconhece que os valores familiares dos romanos contrastavam com a imoralidade

¹⁷ RUPPENTHAL NETO, 2019, p. 136-137.

¹⁸ RUPPENTHAL NETO, 2019, p. 143.

¹⁹ GUNDRY, 2008, p. 77; RUPPENTHAL NETO, 2019, p. 143.

²⁰ BETTENSON, Henry. **Documentos da Igreja Cristã**. São Paulo: ASTE, 2007, p. 27, grifo do autor.

²¹ BRUCE, F. F. **Romanos**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1979, p. 17.

²² BRUCE, 1979, p. 17.

²³ RUPPENTHAL NETO, 2019, p. 124.

²⁴ KARNAL, Leandro. **Todos contra todos**: o ódio nosso de cada dia. Rio de Janeiro: LeYa, 2017, p. 85.

²⁵ RUPPENTHAL NETO, 2019, p. 124-125.

²⁶ GUNDRY, 2008, p. 63.

generalizada e fragilidade dos casamentos.²⁷ Um exemplo dessa imoralidade, a rejeição de filhos, é descrita da seguinte forma:

Outra prática presente entre os romanos era a rejeição de filhos: quando nasciam, as crianças eram avaliadas pelo seu pai, que poderia escolher se ela seria rejeitada ou aceita, levantando-a em sinal de aprovação. Caso fosse rejeitada, poderia ser abandonada à própria sorte em um lugar público ou ainda morta.²⁸

Assim, percebe-se um contraste no que diz respeito ao papel da família na sociedade romana: ao mesmo tempo em que alguns defendem que era a base da sociedade e religião romana, não se pode ignorar os fatos supracitados das práticas imorais e da fragilidade dos relacionamentos.

2.3 Outras questões culturais

Apesar da língua oficial do Império Romano ser o latim, as comunidades judaicas utilizavam o grego, por esse motivo Paulo escreve suas cartas nesse idioma.²⁹ Todavia, vale citar o alto grau de analfabetismo que havia no império, pois Gundry apresenta estimativas de que esse mal atingia de 10 a 80% da população.³⁰

Com relação ao urbanismo e construções viárias, destacam-se as estradas romanas, conhecidas em todo império e utilizadas pelos primeiros missionários cristãos na propagação do Evangelho (At 9.1-9; estrada de Damasco).³¹ A alimentação no Império Romano, conforme Gundry, consistia em pão (Mt 15.36; 2Co 9.10; 2Ts 3.8, 12), mingau de aveia, sopa de lentilhas, leite (1Co 3.2; 9.7); queijo, verduras, legumes (Rm 14.2), frutas, carne de porco, peixe (Mt 15.36) e vinho (1Co 9.7; 1Tm 5.23).³²

As vestimentas masculinas consistiam em túnicas que se prolongavam dos ombros aos joelhos, acompanhada por mantas e capas nos meses frios (Mt 5.40; 10.10; At 9.39; 12.8; 22.20, 23; 2Tm 4.13).³³ Já as mulheres usavam uma túnica curta como roupa de baixo e uma externa e colorida que ia até os pés, além de fazerem uso de cosméticos como batom, sombras, delineadores e jóias em brincos e pendants no nariz (At 9.39; 1Pe 3.3-4).³⁴

Por fim, vale ressaltar a prática da escravatura no Império Romano (Fm 1.15-16). Segundo Gundry, o número de escravos talvez fosse tão grande quanto o de pessoas livres, sendo constituído de criminosos, endividados e prisioneiros de guerra.³⁵ Alguns deles, segue

²⁷ GUNDRY, 2008, p. 71.

²⁸ RUPPENTHAL NETO, 2019, p. 157.

²⁹ GUNDRY, 2008, p. 52; KEENER, 2017, p. 505. Craig Keener (2017, p. 505) apresenta, em seu estudo sobre as lápides judaicas do período, que 76% dos escritos são em grego, apenas 26% em latim e míseros 1% em hebraico ou aramaico.

³⁰ GUNDRY, 2008, p. 52-53.

³¹ GUNDRY, 2008, p. 54.

³² GUNDRY, 2008, p. 59.

³³ GUNDRY, 2008, p. 59-60.

³⁴ GUNDRY, 2008, p. 60.

³⁵ GUNDRY, 2008, p. 62.

o autor, eram mais instruídos que seus senhores, pois muitos eram médicos, contadores, professores, filósofos e homens que trabalhavam com a escrita.³⁶

Dessa maneira, percebe-se como a cultura romana era vasta, sendo que várias de suas características são referenciadas nas escrituras. É em meio a todo esse contexto que os destinatários de Paulo – e de vários outros escritores do Novo Testamento – estavam inseridos e é essa a sociedade da qual faziam parte.

3. CONTEXTO LITERÁRIO

O estudo do contexto literário da Epístola aos Romanos objetivará, na presente pesquisa, demonstrar as características da escrita da obra e como isso impacta em sua importância para a Igreja. Para isso, inicialmente serão trabalhados temas abrangentes a respeito do gênero epistolar na época de Paulo e como esse gênero aparece no Novo Testamento. Após isso, serão explicadas algumas questões de Romanos, como os propósitos para escrita, a divisão do conteúdo, os principais temas teológicos e, por fim, as características estilísticas da epístola.

3.1 O gênero epistolar no contexto da época

O gênero epistolar compreende 35% dos escritos do Novo Testamento, sendo que, dos seus 27 livros, 21 são epístolas.³⁷ Inclusive o livro que está sendo analisado nessa pesquisa se encaixa nesse gênero. Assim, é interessante entender como era o gênero epistolar na época em que Paulo escreveu essa epístola.

Primeiramente, D. A. Carson apresenta quatro razões para a escrita de epístolas³⁸: 1) a escassez de meios de comunicação; 2) a flexibilidade e agilidade que as epístolas ofereciam; 3) a possibilidade de responder questões e tratar de assuntos difíceis com rapidez; e 4) a necessidade de manter contato entre pessoas de diferentes regiões. Para sua produção, segundo Gundry, utilizava-se papiro, cerâmica, tabuas de cera, couro e pergaminhos.³⁹

Analisando tecnicamente, as epístolas seguiam, em sua maioria, a seguinte estrutura: 1) introdução (nome do autor, destinatários, saudação; Cl 1.1-2; Fm 1.1-3); 2) ação de graças (Cl 1.3-14; Fm 1.4-7); 3) corpo (informações, exortações; Cl 1.15-4.6; Fm 1.8-22); e 4) saudações finais (Cl 4.7-18; Fm 1.23-25).⁴⁰ As cartas mais longas podiam chegar a duzentas palavras, todavia, dentre os escritos paulinos, por exemplo, Filemom conta com 335 palavras, enquanto a Epístola aos Romanos possui 7114 palavras.⁴¹ Keener explica que uma epístola do tamanho de Romanos pode ter custado mais de vinte denários, isto é, cerca de dois mil dólares atuais.⁴²

³⁶ GUNDRY, 2008, p. 62.

³⁷ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 261.

³⁸ CARSON, D. A. “Lendo as cartas”, In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1667.

³⁹ GUNDRY, 2008, p. 55.

⁴⁰ BLOMBERG, 2019, p. 137.

⁴¹ GUNDRY, 2008, p. 426.

⁴² KEENER, 2017, p. 501.

Os autores da época deveriam se atentar para duas coisas: a retórica e a oratória de suas obras. Blomberg comenta que a retórica de uma epístola pode ser de caráter judicial, quando em tribunais ou proferindo veredictos, como é o caso da Epístola aos Gálatas; de caráter deliberativo, quando argumenta a favor ou contra algum assunto, como em 2 Tessalonicenses; ou de caráter epidídico, para elogiar ou condenar alguém e realizar discursos fúnebres ou concursos de oratória, esse é o caso da Epístola aos Efésios.⁴³ Enquanto isso, um bom orador deveria apelar para as três dimensões dessa arte: o *Ethos* (moral; Rm 2.1-3); o *Pathos* (emoções; Rm 5.1-11); e o *Logos* (lógica; Rm 4.8-13).⁴⁴

Para a escrita das epístolas, o autor poderia se valer de *emanuenses*, que eram os escribas profissionais da época, escravos ou trabalhadores livres.⁴⁵ Um dos motivos para a ajuda dos emanuenses, é o mencionado índice de analfabetismo do império.⁴⁶ Paulo se valeu da ajuda de um amanuense para a escrita da Epístola aos Romanos, Tércio, como é dito em Romanos 16.22.⁴⁷

Ainda sobre a escrita das epístolas, tem-se a prática dos pseudônimos: obras que levam o nome de determinado autor famoso, mas que foi escrita por outra pessoa.⁴⁸ Essa era uma prática comum na antiguidade, até mesmo algumas epístolas do Novo Testamento são acusadas de serem pseudônimas, como é o caso de Efésios, Colossenses, 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito e 2 Pedro.⁴⁹ Todavia, como a igreja começou a analisar as questões de autoria dos livros, “qualquer suspeitas de que um documento fosse pseudônimo significava que não poderia ser considerado como tendo autoridade canônica”.⁵⁰ Logo, apesar das discussões levantadas, nessa pesquisa será assumida a posição da tradição da autoria das epístolas do Novo Testamento.

Após a escrita da epístola, a próxima etapa para se preocupar era o transporte dela, que ocorria pelas mãos de “amigos, conhecidos, escravos, empregados, soldados, pessoas de negócios, viajantes – todo aquele que se dispusesse e estivesse indo na direção desejada”.⁵¹ Romanos, por exemplo, foi transportada pela diaconisa Febe, da igreja de Cencreia (Rm 16.1).⁵² Esse transporte ocorria, em grande parte, através das mencionadas estradas romanas. Através dessas breves considerações, é possível ter uma noção de como era a escrita, composição e transporte das epístolas no mundo romano da época de Paulo.

⁴³ BLOMBERG, 2019, 137.

⁴⁴ BLOMBERG, 2019, 138.

⁴⁵ GUNDRY, 2008, p. 427; CARSON, 2009, p. 1669.

⁴⁶ CARSON; MOO; MORIS, 1997, p. 264. Todavia, Blomberg (2019, p. 144) ressalta que esse não foi o caso de Paulo, pois o apóstolo possuía formação rabínica, assim, pode-se inferir que era um dos mais bem preparados leitores e escritores de seu tempo.

⁴⁷ Há poucas informações disponíveis sobre quem foi Tércio, todavia, sabe-se que seu nome significa *terceiro*, e, devido sua saudação “vos saúdo no Senhor” (Rm 16.23), tudo indica que era um cristão romano (GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005, p. 633).

⁴⁸ CARSON, 2009, p. 1669.

⁴⁹ CARSON, 2009, p. 1669.

⁵⁰ CARSON, 2009, p. 1670.

⁵¹ CARSON, 2009, p. 1670.

⁵² WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico xxpositivo**: Novo Testamento: volume 1. Santo André: Geográfica, 2006, p. 668.

3.2 Gênero epistolar no Novo Testamento

Como explicam os autores Fee e Stuart⁵³, todas as epístolas do Novo Testamento têm como verdadeira a história de Jesus e dos Evangelhos. Escritas para a primeira geração de cristãos convertidos, nenhuma se propõe a resumir toda a doutrina cristã, mas objetivam a instrução, encorajamento e exortação desses cristãos.⁵⁴ Além do mais, os autores retomam a questão da pontualidade das epístolas: defendem que elas foram escritas para circunstâncias específicas envolvendo os autores ou destinatários.⁵⁵

Tratando-se especificamente das epístolas paulinas, vale ressaltar que são os documentos cristãos mais antigos, devido a isso, além de serem as principais fontes sobre a vida de Paulo, são as principais fontes da história do começo do cristianismo.⁵⁶ Como algumas visitas eram impossíveis para o momento, mas ainda sim havia a necessidade de pastorear os primeiros cristãos⁵⁷, a escrita de epístolas foi o meio encontrado por Paulo para lidar com tal situação. Tendo em mente essas informações sobre o gênero epistolar no Novo Testamento, a seguir será aprofundado o estudo sobre o contexto literário da Epístola aos Romanos.

3.3 Propósitos para a escrita de Romanos

Um dos propósitos apresentados pelos estudiosos para a escrita da Epístola aos Romanos é a *preparação para a viagem à Espanha*, conforme Romanos 15.24. A Espanha era, naquele momento, a mais antiga das colônias romanas no Ocidente, sendo o principal centro do império naquela região.⁵⁸ Paulo desejava fazer com que o evangelho chegasse lá, mas, para isso, o apóstolo planejava antes uma viagem para a igreja de Roma (Rm 15.23-24), primeiramente para fortalecer a fé dos cristãos romanos (Rm 1.11,15), mas, também, para conseguir apoio financeiro, como denuncia o uso da palavra *propempô* em Romanos 15.24.⁵⁹

Outro motivo apontado para a escrita de Romanos é o combate de Paulo contra a *ação dos judaizantes*. Os judaizantes, grupo cujos ensinamentos o apóstolo já denunciara na Epístola aos Gálatas, consistia em “judeus convertidos ao cristianismo que afirmavam que quem crese em Cristo para ser salvo deveria guardar as obras da lei de Moisés a fim de garantir sua salvação”.⁶⁰ Esse grupo defendia que Cristo era apenas um auxiliador dos benefícios da aliança do Sinai, e, por isso, a fé em Cristo deveria ser integrada ao cumprimento da lei de Moisés.⁶¹

⁵³ FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Como ler a Bíblia livro por livro**: um guia confiável para ler e entender as escrituras sagradas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019, p. 311.

⁵⁴ FEE; STUART, 2019, p. 311.

⁵⁵ FEE; STUART, 2019, p. 311-312.

⁵⁶ BRUCE, F. F. **Paulo o apóstolo da graça**: sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd, 2003, p. 12.

⁵⁷ POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**: Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 1999, p. 17; CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 262.

⁵⁸ BRUCE, 1979, p. 14.

⁵⁹ GUNDRY, 2008, p. 478; CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 280.

⁶⁰ NICODEMUS, Augustus. **O poder de Deus para a salvação**: a mensagem de Romanos 1-7 para a igreja de hoje. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 13.

⁶¹ POHL, 1999, p. 17.

Uma vez que Paulo já experimentara debates com esse grupo, o apóstolo escreve Romanos para expor sua teologia já amadurecida sobre o assunto (Rm 3.19-20,28; 5.20; 7.1-25).⁶²

Outro meio interessante de enxergar a motivação para a escrita de Romanos é que o apóstolo escreveu tal epístola como *ensaio do discurso que apresentaria em Jerusalém*. Paulo trabalhou durante anos na arrecadação de ofertas das igrejas gentias para a igreja de Jerusalém, com o intuito de fortalecer os laços entre a igreja-mãe e as igrejas gentias.⁶³ Dessa maneira, Paulo teria escrito Romanos como meio de preparar sua fala para quando chegasse em Jerusalém, por isso ele trata de temas como a salvação dos gentios, a lei de Deus e o papel escatológico dos judeus (Rm 15.25-27; 1.16-17; 3.19-20; 5.20,9-11).

A *tensão entre judeus cristãos e gentios cristãos* pode ser outro motivo que levou Paulo a escrever Romanos. Uma vez que a igreja em Roma era composta tanto de judeus como de gentios convertidos, é interessante estudar de que ordem eram os conflitos envolvendo esses dois grupos. Mais do que simplesmente de caráter étnico, John Stott explica que o conflito entre os dois grupos era de caráter teológico, principalmente envolvendo questões relativas à lei e à salvação do cristão.⁶⁴ Para os judeus convertidos, o cristianismo era, ainda, uma vertente do judaísmo, então a observância da lei ainda era necessária.⁶⁵ Entretanto, enquanto os judeus se orgulhavam de sua observância à lei, os gentios se orgulhavam de sua liberdade com relação à mesma.⁶⁶ Os exemplos desse embate podem ser vistos em Romanos 2.25-3.1; 4.9-12 e 14.1-23. Logo, com o temor de uma ruptura entre cristãos judeus e gentios no Império Romano, Paulo apresenta que a salvação é somente pela fé no Evangelho de Cristo, pois ele é “o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego [gentio]” (Rm 1.17).⁶⁷

O último motivo que pode ter levado Paulo à escrita dessa epístola, mas não menos importante, é a *defesa que o apóstolo faz do Evangelho que pregava*. Após o embate contra os judaizantes na Galácia, é possível que falsos rumores sobre Paulo, que ele era contra a lei e contra o judaísmo, tenham chegado até Roma (Rm 3.8).⁶⁸ Vale lembrar que Paulo nunca estivera em na igreja de Roma, e, como ele desejava que os irmãos daquela igreja contribuíssem com seus planos de chegar à Espanha, como explica Stott, era necessário que ele estabelecesse suas credenciais de apóstolo, apresentando o Evangelho que pregava de verdade.⁶⁹

⁶² Todavia, deve-se mencionar que havia, também, a ação do outro extremo: os *libertinos*, ou *antinomistas*. Para tal grupo, a graça de Deus seria uma espécie de “licença para pecar”, pois, uma vez que a salvação é pela graça, o modo como as pessoas vivem não importa (NICODEMUS, 2019, p. 13). O principal ponto da discussão de Paulo contra esse grupo se encontra em Rm 6.1-14. Para mais detalhes sobre a questão de Paulo e os antinomistas, ver: SIEDELISKE, Flaviano Nogueira. Paulo e o problema do antinomismo. **Revista Ensaios Teológicos**: Bíblia, teologia, prática, v.5, n.1, p. 75-89. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2019.

⁶³ BRUCE, 1979, p. 13.

⁶⁴ STOTT, John R. W. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2007, p. 32.

⁶⁵ STOTT, 2007, p. 33.

⁶⁶ STOTT, 2007, p. 33.

⁶⁷ Todas as citações bíblicas seguirão a tradução ARA – Almeida Revista e Atualizada.

⁶⁸ MOO, 2009, p. 1682; STOTT, 2007, p. 31; CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 282.

⁶⁹ STOTT, 2007, p. 32. C. E. B. Cranfield explica que, como Paulo havia pregado o evangelho por cerca de vinte anos, sua experiência conjuntamente com o auxílio e inspiração divinos contribuíram para que o mesmo

Após a exposição dos motivos acima, é fácil inferir que, de fato, foi a junção de todos que caracterizava a situação que levou o apóstolo a escrever a epístola:

Os embates anteriores na Galácia e em Corinto, a crise futura em Jerusalém, a necessidade de conseguir uma base missionária para o trabalho na Espanha, a importância de unificar em torno do evangelho a comunidade cristã dividida em Roma – essas circunstâncias levaram Paulo a escrever uma carta em que ele cuidadosamente expôs seu entendimento do evangelho, em particular no que diz respeito à questão histórico-salvífica de judeus e gentios, a lei e ao evangelho, continuidade e a descontinuidade entre o antigo e o novo.⁷⁰

3.4 Divisão e conteúdos da epístola

Algumas divisões para o conteúdo da Epístola aos Romanos têm sido propostas ao longo dos anos por diferentes estudiosos. No entanto, para essa pesquisa será considerada a sugerida por Gundry, por ser, provavelmente, a mais didática⁷¹: 1) Introdução (1.1-17); 2) Pecaminosidade Humana (1.18-3.20); 3) Justificação (3.21-5.21); 4) Santificação (6-8) 5) Incredulidade de Israel (9-11); 6) Preceitos Cristãos (12-14); e 7) Conclusão (15-16).⁷²

Após a Introdução, nos versos 1.18-3.20, Paulo enfatiza a necessidade do Evangelho e da salvação em Cristo, visto que “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (3.23). Era necessário que o apóstolo falasse sobre o pecado antes de entrar na questão da salvação porque a salvação deve ser ensinada contrastando-a com o estado de pecado, miséria, condenação e morte em que a humanidade se encontra.⁷³

Ao falar sobre a justificação, em 3.21-5.21, o apóstolo deixa claro que ela ocorre somente pela graça de Deus, mediante a fé em Cristo, e não por nenhuma realização ética ou realidade étnica.⁷⁴ Nos capítulos 6-8, com a temática da santificação, é apresentada qual postura o cristão deve ter com relação ao pecado, à graça de Deus, à lei e ao Espírito Santo.

Nos capítulos 9-11, num trecho que pode aparentar uma descontinuidade do raciocínio de Paulo⁷⁵, o apóstolo divaga sobre a realidade escatológica do povo judeu em relação aos desígnios salvíficos de Deus. Após isso, visto que os cristãos ainda mantêm relações com outras pessoas e instituições, nos capítulos 12-14, “Paulo fala sobre a conduta que convém aos santos no exercício de suas responsabilidades sociais e políticas”⁷⁶, para, por fim, concluir sua epístola, nos capítulos 15-16, com a explicação de seus planos sobre a Espanha e as saudações a alguns membros da igreja em Roma.

pudesse compreender, refletir e apresentar seu evangelho de maneira tão ordenada (CRANFIELD, C. E. B. **Comentário de Romanos versículo por versículo**. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 15).

⁷⁰ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 282.

⁷¹ GUNDRY, 2008, p. 480-482.

⁷² Mais exemplos de propostas de divisão do conteúdo da epístola podem ser vistos em CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 269; FEE; STUART, 2019, p. 316-319; BLOMBERG, 2019, p. 323-324.

⁷³ MURRAY, John. **Romanos**. São José dos Campos: Fiel, 2003, p. 22.

⁷⁴ BRUCE, 2003, p. 319; MURRAY, 2003, p. 22.

⁷⁵ MURRAY, 2003, p. 25.

⁷⁶ MURRAY, 2003, p. 24.

3.5 Temas teológicos

Dentre todos os temas que Paulo trabalha na Epístola aos Romanos, alguns já mencionados acima, nos conteúdos da obra, são três os que se destacam: 1) a Justificação pela Fé; 2) o Papel da Lei; e 3) o Evangelho de Cristo.

A Justificação pela Fé vem sendo apontada como o grande tema da epístola desde a Reforma Protestante.⁷⁷ João Calvino, por exemplo, considera-a “o assunto principal de toda a Epístola”.⁷⁸ Tal tema é tratado em Rm 3.21-24, 28; 4.1-3; 5.1; entre outros. Para Gundry, o tema da justificação somente pela fé já aparece nas parábolas de Cristo (Mt 20.1-16; Lc 9.14; 14.15-24; 15.11-32).⁷⁹ Wiersbe observa a justificação por um prisma maior, que envolve toda a justiça de Deus, sendo, para ele, o tema da epístola.⁸⁰

O segundo tema teológico é o Papel da Lei para o cristão. Esse tema é tão trabalhado em Romanos que a palavra *nomos* aparece mais de setenta vezes na epístola.⁸¹ Millard Erickson defende que “a não ser as questões relacionadas diretamente a Jesus Cristo, poucos assuntos receberam tratamento mais extenso de Paulo do que o papel da Lei”.⁸² Esse tema pode ser observado principalmente em Romanos 3.20, 28; 5.20; 7.1-25 e 13.8-10.⁸³

Todavia, um tema que merece destaque em Romanos é o Evangelho de Cristo, uma vez que, nessa epístola, o apóstolo teve bons motivos para expor o Evangelho que pregava.⁸⁴ Assim, para Fee e Stuart, o evangelho de Paulo pode ser definido da segunda maneira: “judeus e gentios, juntos, formam um só povo de Deus, com base na justiça divina recebida por meio da fé em Jesus Cristo e no dom do Espírito”.⁸⁵ Aparecendo com maior expressão em Romanos 1.16-17, toda a epístola seria um desdobramento do tema.

3.6 Estilística da epístola

Algo que merece destaque nesta epístola é sua estilística e suas técnicas de argumentação. Afinal, não é à toa que, como demonstra Francis Schaeffer, Romanos era estudado nas escolas de direito para ensinar aos alunos a arte de tecer argumentações.⁸⁶

Em Romanos, Paulo se utiliza da técnica da *diatribe*, uma técnica de retórica que simula um diálogo com um interlocutor imaginário, como é visto em Romanos 2.1-5,17-24; 9.19-21;

⁷⁷ STOTT, 2007, p. 19.

⁷⁸ CALVINO, João. **Romanos**. São José dos Campos: Fiel, 2014, p. 32.

⁷⁹ GUNDRY, 2008, p. 475.

⁸⁰ WIERSBE, 2006, p. 667.

⁸¹ BRUCE, 1979, p. 46.

⁸² ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. Leon Morris comenta que Paulo se utiliza do termo *nomos* cerca de 119 vezes, o que compreende 62% das ocorrências dessa palavra em todo Novo Testamento (MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2003, p. 72).

⁸³ Para um estudo mais aprofundado sobre o papel da lei na teologia de Paulo, ver: SIEDELISKE, Flaviano Nogueira. Paulo, a lei e o amor: uma análise de Romanos 13.8-10. **Revista Ensaios Teológicos**: Bíblia, teologia, prática, v.4, n.2, p. 132-148. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2018.

⁸⁴ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 285-286.

⁸⁵ FEE; STUART, 2019, p. 313.

⁸⁶ SCHAEFFER, 2003, p. ix, *apud* LOPES, 2010, p. 12.

11.13-24 e 14.4-10.⁸⁷ Relacionada a essa técnica, também aparece a *reductio ad absurdum*, que consiste em fazer uma caricatura do oponente do debate, visando reduzir sua argumentação ao absurdo, o maior exemplo do uso dessa técnica está em Romanos 6.1-14.⁸⁸

A epístola consta, ainda, com *interpretações midráshicas*, ou seja, com comentários de textos antigos complicados buscando atualizar para a época do autor ou ouvintes⁸⁹; e com *interpretações peshet*, que demonstram o cumprimento, na época do autor, de profecias antigas, preditivas ou tipológicas⁹⁰, ambas as técnicas são encontradas em Romanos 9-11.

Por fim, a epístola conta com *listas de virtudes e depravações*, como em Romanos 1.29-31, e com as *regras da casa*, ou seja, regras para o relacionamento com autoridades e subordinados, sejam sociais, familiares, políticas ou eclesiásticas⁹¹, como exemplo tem-se Romanos 13.1-7.

Dessa maneira, ao se estudar os propósitos, conteúdos, temas teológicos e a estilística da Epístola aos Romanos, percebe-se que essa é uma grande obra não apenas teológica, mas literária, caracterizando-a como um dos maiores escritos não apenas bíblicos, mas de toda a história da humanidade.

4. O USO DO ANTIGO TESTAMENTO EM ROMANOS

O professor Mark Seifrid possui um interessante estudo a respeito da relação de Romanos com o Antigo Testamento, que vale a pena ser mencionado nessa pesquisa. De maneira geral, o autor afirma que Paulo faz “cerca de sessenta citações do Antigo Testamento em Romanos”, sendo mais numerosas e concentradas que em qualquer outra epístola do apóstolo⁹²; além de defender que os termos usados por Paulo para “evangelho”, “promessa”, “fé”, “chamado”, “Filho de Deus” e “Espírito Santo” possuem suas raízes no Antigo Testamento.⁹³ Os exemplos mais importantes do uso do Antigo Testamento em Romanos são os seguintes: 1) Rm 1.17 e Hc 2.4; 2) Rm 3.9-18 e as inúmeras citações do Antigo Testamento sobre a maldade humana; 3) Rm 4 e o exemplo de Abraão; 4) Rm 5.12-21 e a comparação entre Cristo e Adão; e 5) Rm 9 e o destino do povo judeu.

Dessa maneira, através de sua pesquisa, Seifrid conclui que, para Paulo, o Antigo Testamento não apenas é o registro do passado, mas, como o uso de *kathôs gegraptai* (*como está escrito*) denuncia, são instruções e realidades válidas para o presente (4.3,6; 9.15,17,26; 10.6,8,11,16,21; 11.2,4,11; 15.12).⁹⁴

⁸⁷ FEE; STUART, 2019, p. 315.

⁸⁸ KEENER, 2017, p. 506.

⁸⁹ BLOMBERG, 2019, p. 139.

⁹⁰ BLOMBERG, 2019, p. 139.

⁹¹ BLOMBERG, 2019, p. 141.

⁹² SEIFRID, Mark A. “Romanos”, In BEALE, G. K.; CARSON, D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 759.

⁹³ SEIFRID, 2014, p. 759.

⁹⁴ SEIFRID, 2014, p. 759.

5. A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DE ROMANOS

Alguns autores têm a Epístola aos Romanos em tão grande estima que afirmam que ela é o livro mais influente da história cristã, senão da história ocidental.⁹⁵ E aqueles que afirmam isso possuem suas razões, uma vez que, ao longo da história, Romanos influenciou pessoas e eventos que mudaram a história do cristianismo e da civilização como um todo.

O primeiro exemplo que pode ser citado é o de Agostinho de Hipona (354-430). A história da conversão de Agostinho é a seguinte: estando o mesmo inquieto e desesperado aos 32 anos de idade, debatendo consigo mesmo, num jardim de Milão, a respeito da verdade, natureza e destino humanos, ouve vozes de criança cantando *Tolle, lege*, isto é, *Toma e lê*; tendo em suas mãos a Epístola aos Romanos, e entendendo ser uma orientação de Deus, abriu o livro e leu as palavras de Romanos 13.14: “[...] revesti-vos do Senhor Jesus Cristo [...]”; nesse momento, Agostinho finalmente encontrou a paz que tanto buscava, dedicando-se, a partir dali, à defesa e consolidação do cristianismo.⁹⁶

Outro importante nome da história impactado por Romanos é o de Martinho Lutero. Ao ler a Epístola aos Romanos, o até então monge agostiniano começou a reconsiderar as tradições e práticas do catolicismo medieval e a buscar a recuperação da teologia da justificação pela fé.⁹⁷ O próprio Lutero, ao responder *Quais os livros bons e mais nobres do Novo Testamento*, afirma que Romanos, junto ao Evangelho de João e à 1Pedro, formam “o verdadeiro núcleo e a medula dentre todos os livros”⁹⁸; já em seu *Prefácio à Epístola de São Paulo aos Romanos*, o reformador afirma que ela é “a parte verdadeiramente principal do Novo Testamento e o mais puro de todos os Evangelhos”.⁹⁹ Dessa maneira, Lopes atribui a Epístola aos Romanos o nascimento da Reforma Protestante.¹⁰⁰

Ainda sobre o Prefácio de Lutero à Epístola de Romanos, foi ouvindo uma leitura desse texto, em 24 de maio de 1738, que o jovem John Wesley recebera a fé salvadora.¹⁰¹ Ao descrever sua experiência, o mesmo usa frases como *senti meu coração estranhamente aquecido* e *senti que confiava em Cristo para minha salvação*.¹⁰² Como resultado da conversão de John Wesley, o chamado *reavivamento wesleyano*, que pregava a importância da experiência de conversão pessoal, transformou a igreja e a nação da Inglaterra.¹⁰³

⁹⁵ FEE; STUART, 2019, p. 313.

⁹⁶ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 230-232; MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução a teologia cristã. São Paulo: Shedd, 2005, p. 46; PATE, C. Marvin. **Romanos**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 6.

⁹⁷ BLOMBERG, 2019, p. 361.

⁹⁸ LUTERO, Martinho. “Quais os livros bons e os mais nobres do Novo Testamento”, In: LUTERO, Martinho. **Da liberdade do cristão (1520)**: prefácios à Bíblia. São Paulo: UNESP, 1998, p. 81.

⁹⁹ LUTERO, Martinho. “Prefácio à Epístola de São Paulo aos Romanos (1522)”, In: LUTERO, Martinho. **Da liberdade do cristão (1520)**: prefácios à Bíblia. São Paulo: UNESP, 1998, p. 83.

¹⁰⁰ LOPES, 2010, p. 15.

¹⁰¹ CHADWICK, Harold J. “Biografia de John Wesley: evangelista inglês, teólogo, cofundador do Metodismo”, In: WESLEY, John. **O Sermão do Monte**. São Paulo: Vida, 2012, p. 22.

¹⁰² CHADWICK, 2012, p. 22.

¹⁰³ BLOMBERG, 2019, p. 362; WIERSBE, 2006, p. 668.

Por fim, uma última figura importante do cristianismo a ser impactado por Romanos é a do até então jovem adepto da teologia liberal Karl Barth que, como resultado de seus próprios sermões em Romanos, “converteu-se” da teologia liberal e estabeleceu o movimento da neo-ortodoxia, tornando-se, talvez, o teólogo mais influente do século XX.¹⁰⁴

Dessa forma, é possível notar que Romanos influenciou diversas figuras que deram origem a pensamentos e movimentos que revolucionaram tanto a igreja cristã como o mundo moderno, demonstrando sua tremenda importância histórica. Não é à toa que a mesma é tida como um dos grandes escritos do apóstolo Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, alguns resultados puderam ser obtidos e alguns pontos foram abordados que facilitam a interpretação da Epístola aos Romanos. Primeiramente foi visto que, com sua religião, cultura e sociedade vastas, o Império Romano era, muitas vezes, hostil aos cristãos, que, como era comum na época, se comunicavam principalmente por epístolas, que vieram a compor boa parte do Novo Testamento.

Diferentemente do que muitos creem, Paulo não escreve a Epístola aos Romanos no vácuo, nem tem por objetivo escrever uma teologia sistemática; pelo contrário, a epístola foi endereçada a uma igreja específica num contexto específico. Assim, foram vistos os vários motivos que levaram o apóstolo a escrita de Romanos, motivos esses que levaram aos conteúdos e temas teológicos da mesma.

Por fim, foi visto como Paulo se utiliza do Antigo Testamento para compor sua epístola e como ela influenciou nomes como Agostinho, Martinho Lutero, John Wesley e Karl Barth ao longo da história. Como Marvin Pate escreve na introdução de sua obra:

Paulo e Romanos: uma combinação imbatível que lança por terra qualquer ideia de retidão diante de Deus em função de obras; um bálsamo para a alma que anseia por paz com Deus; uma proclamação completa da esperança de que Deus começou a reconciliar o mundo consigo mesmo.¹⁰⁵

Logo, a conclusão que se chega com essa pesquisa é que Romanos é uma obra riquíssima, certamente um dos textos mais importantes da história do cristianismo e do Ocidente como um todo. Também se conclui que existia muita coisa acontecendo no “mundo por detrás” da obra, ou seja, estudar o contexto do seu autor, dos seus destinatários e do Império Romano é de extrema importância para o intérprete que deseja se aventurar nos versos desta epístola.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997.

BETTENSON, Henry. **Documentos da Igreja Cristã**. São Paulo: ASTE, 2007.

¹⁰⁴ PATE, 2015, p. 7; BLOMBERG, 2019, p. 362.

¹⁰⁵ PATE, 2015, p. 1.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BLOMBERG, Craig L. **Introdução de Atos a Apocalipse**: uma pesquisa abrangente de Pentecostes a Patmos. São Paulo: Vida Nova, 2019.

BRUCE, F. F. **Paulo o apóstolo da graça**: sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd, 2003.

BRUCE, F. F. **Romanos**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1979.

CALVINO, João. **Romanos**. São José dos Campos: Fiel, 2014.

CARSON, D. A. “Lendo as cartas”, In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. Vida Nova, 2009, p. 1667-1677.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CHADWICK, Harold J. “Biografia de John Wesley: evangelista inglês, teólogo, cofundador do Metodismo”, In: WESLEY, John. **O Sermão do Monte**. São Paulo: Vida, 2012, p. 13-26.

CRANFIELD, C. E. B. **Comentário de Romanos versículo por versículo**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Como ler a Bíblia livro por livro**: um guia confiável para ler e entender as Escrituras Sagradas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e hermenêutica. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005.

GUNDRY, Robert Horton. **Panorama do Novo Testamento**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

KARNAL, Leandro. **Todos contra todos**: o ódio nosso de cada dia. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.

LOPES, Hernandes Dias. **Romanos**: o evangelho segundo Paulo. São Paulo: Hagnos, 2010.

LUTERO, Martinho. “Prefácio à Epístola de São Paulo aos Romanos (1522)”, In: LUTERO, Martinho. **Da liberdade do cristão (1520)**: prefácios à Bíblia. São Paulo: UNESP, 1998, p. 82-95.

LUTERO, Martinho. “Quais os livros bons e os mais nobres do Novo Testamento”, In: LUTERO, Martinho. **Da liberdade do cristão (1520)**: prefácios à Bíblia. São Paulo: UNESP, 1998, p. 80-81.

MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução a teologia cristã. São Paulo: Shedd, 2005.

MOO, Douglas J. “Romanos”, In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1678-1745.

MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

MURRAY, John. **Romanos**. São José dos Campos: Fiel, 2003.

NICODEMUS, Augustus. **O poder de Deus para a salvação**: a mensagem de Romanos 1-7 para a igreja de hoje. São Paulo: Vida Nova, 2019.

PATE, C. Marvin. **Romanos**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**: Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 1999.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **As religiões no tempo de Jesus**. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

SEIFRID, Mark A. “Romanos”, In BEALE, G. K.; CARSON, D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 759-864.

SIEDELISKE, Flaviano Nogueira. “Paulo e o problema do antinomismo”. **Revista Ensaios Teológicos**: Bíblia, teologia, prática, v.5, n.1, p. 75-89. Ijuí/RS, 2019.

SIEDELISKE, Flaviano Nogueira. “Paulo, a lei e o amor: uma análise de Romanos 13.8-10”. **Revista Ensaios Teológicos**: Bíblia, teologia, prática, v.4, n.2, p. 132-148. Ijuí/RS, 2018.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2007.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento: volume 1. Santo André: Geográfica, 2006.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n2.005

Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A EDUCAÇÃO CRISTÃ COMO ANTÍDOTO À COSMOVISÃO SECULAR MODERNA CHRISTIAN EDUCATION AS AN ANTIDOTE TO THE MODERN SECULAR WORLDVIEW

Carlos Eduardo Brechani¹

RESUMO

O presente ensaio tem por objetivo apresentar a educação cristã como uma alternativa viável para evitar o efeito nocivo da cosmovisão moderna na mente das crianças. Para tanto, inicialmente a educação em si é definida e é apresentada a sua relação íntima com as cosmovisões dos educadores. Na sequência, há o estabelecimento das principais distinções entre a educação cristã e a secular para demonstrar como esta última apenas multiplica os valores pós-modernos, de modo a contaminar a mente das crianças que comporão a próxima geração. Ao final, são tecidas algumas considerações gerais sobre o tema.

Palavras-chave: Educação cristã. Educação secular. Cosmovisão.

ABSTRACT

This essay aims to present christian education as a viable alternative to avoid the harmful effect of the modern cosmovisions on children's minds. To do so, initially education itself is defined and its intimate relationship with the cosmovisions of the educators is presented. Next, there is the establishment of the main distinctions between christian and secular education to demonstrate how the latter only multiplies postmodern values, in order to contaminate the minds of children who will compose the next generation. At the end, some general considerations on the subject are made.

Keywords: Christian education. Secular education. Cosmovation.

¹ Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Especialista em Direito Procussual Civil pela Universidade de Taubaté. Graduado em Direito pela Universidade de Taubaté. Promotor de Justiça no Ministério Público do Estado de São Paulo. E-mail: cebrechani@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A educação é um tema sempre em voga porque é rotineiramente abordada nas mídias e redes sociais, especialmente por candidatos políticos que a apresentam como uma saída para a melhoria da condição do país. O que realmente deve ser compreendido é que o ponto fundamental da discussão não é a quantidade de recursos que serão aportados no sistema educacional, mas sim a adoção de uma abordagem de ensino que garanta a formação da nova geração de crianças a partir de uma visão de mundo fundamentada em valores cristãos, afastando-as da relativização da verdade, do individualismo e do hedonismo que marcam a cultura atual. Por isso, somente uma educação cristã bem estabelecida e difundida funcionará como um antídoto à cosmovisão pós-moderna e permitirá que haja, verdadeiramente, um aumento do padrão civilizacional pátrio.

O presente estudo, portanto, tem por propósito apresentar a educação secular para demonstrar qual é a visão de mundo pós-moderna que ela tem espalhado às crianças que comporão a próxima geração; confrontá-la com a educação cristã, de modo a apontar as principais diferenças entre ambas; e, ao final, concluir como esta é um verdadeiro antídoto à propagação de ideologias que desprezam o valor do ser humano, da vida e demais valores bíblicos.

1. A EDUCAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM AS COSMOVISÕES

Não há como tratar de assunto tão complexo como a educação sem, antes, estabelecer uma definição terminológica sobre o que significa o termo. De acordo com o dicionário Webster, a educação pode ser assim entendida:

Educação: substantivo. [latim *educatio*]. A criação, como uma criança, instrução; formação de costumes; a educação compreende toda aquela série de instruções e disciplinas que se destinam a iluminar o entendimento, corrigir o temperamento e formar as maneiras e hábitos da juventude e prepará-los para a utilidade em suas futuras estações. Dar às crianças uma boa educação em boas maneiras, artes e ciências é importante; dar-lhes uma educação religiosa é indispensável; e uma imensa responsabilidade recai sobre os pais e tutores que negligenciam esses deveres.²

Dois elementos essenciais devem ser pinçados a partir dessa definição: instrução e formação de costumes. A partir deles, pode-se divisar o que é absolutamente ínsito à educação: ensinar e formar alguém. Cescon segue esse entendimento ao afirmar que: “Podem-se distinguir dois aspectos diferentes no processo de ensino e de aprendizagem: um primeiro é o que poderíamos chamar aquisição de conhecimentos, e outro bem diferente é o processo de formação do pensamento”.³

² EDUCAÇÃO. MASON, Keith (Edit.). **Webster Dictionary 1828**. [s.l.: s.n], 2022. Disponível em <https://webstersdictionary1828.com/Dictionary/education> Acesso em 23 ago 2023, às 09h23.

³ CESCÓN, Everaldo. A filosofia e a educação. In: CESCÓN, Everaldo; NODARI, Paulo César. **Temas de filosofia da educação**. 2.ed. Caxias do Sul: Educs, 2019, p. 17. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/171500?page=5> Acesso em 22 Ago 2023.

Tais características estão presentes em várias definições de educação apresentadas por estudiosos da área. Nodari, por exemplo, ressalta o aspecto formativo ao dizer que: “A educação deve auxiliar o ser humano a aprender a ser”.⁴ Já Ferreira enfatiza a vertente da instrução ao estatuir que “em sentido amplo, a educação poderia ser definida como socialização do conhecimento acumulado pela humanidade, englobando, portanto, a produção, transmissão e assimilação de informações”.⁵

Uma vez definida, a educação agora precisa ser situada no contexto das cosmovisões. O processo de educar, seja para instruir, seja para formar costumes, envolve a transmissão de informações de uma pessoa para outra. Em termos mais simples, há uma comunicação. “Para haver comunicação, é preciso que alguém tenha por finalidade enviar uma mensagem para outra pessoa”.⁶ Se há um ser humano envolvido na emissão de uma mensagem é natural que a transmissão compreenda algo que ele anteriormente recebeu e que mentalmente assimilou. Ninguém fica inerte ou neutro em relação a uma informação, ela é, até mesmo imperceptivelmente, processada pelas opiniões e valores que moldam as características de uma pessoa.

É como se todo o conhecimento passasse por um “filtro” mental que lhe dá o colorido da crença de alguém. Esse filtro, ou, mais precisamente, o conjunto de pressupostos e concepções que definem uma personalidade, é chamado de cosmovisão. “Cosmovisão, portanto, é um esquema conceitual pelo qual, consciente ou inconscientemente, aplicamos ou adequamos todas as coisas em que cremos, e interpretamos e julgamos a realidade”.⁷

Se um professor tem uma cosmovisão bíblica, conseqüentemente todo o seu ensino será pautado por valores cristãos. Por outro lado, se for ateu, fundará suas lições em alguma crença pessoal diversa que pressuponha a inexistência de um deus. Logo, não há como instruir ou formar um aluno sem refletir parte ou toda a cosmovisão do educador. Assim se demonstra a íntima relação que existe entre a educação e as cosmovisões.

2. A EDUCAÇÃO CRISTÃ E A EDUCAÇÃO SECULAR: PRINCIPAIS DISTINÇÕES

A educação cristã, em linhas simples e diretas, é aquela estabelecida a partir de uma base bíblica, no sentido de que as atividades de educação estarão todas pautadas na ideia do respeito e da obediência aos mandamentos bíblicos. A Bíblia, portanto, é o referencial: “A verdade revelada é o conteúdo fundamental da educação cristã, por isso, não há como

⁴ NODARI, Paulo César. Educação, cultura e cidadania. In: CESCÓN, Everaldo; NODARI, Paulo César. **Temas de filosofia da educação**. 2.ed. Caxias do Sul: Educus, 2019, p. 61. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/171500?page=61> Acesso em 22 ago 2023.

⁵ FERREIRA, Regina Accioly (Org.). **Didática na educação cristã**: o ensino se faz necessário para que o discípulo de Jesus aprenda e seja transformado à imagem do mestre. São José dos Campos: Cristã Evangélica, 2020, p. 10. Disponível em <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/208621?page=5>. Acesso em 22 ago 2023.

⁶ SENAI. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. **Comunicação oral e escrita**. São Paulo: Senai, 2015, p. 16). Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/191220?page=1> Acesso em 23 Ago 2023.

⁷ NASH, Ronald. **Cosmovisões em conflito**: escolhendo o cristianismo em um mundo de ideias. Brasília: Monergismo, 2012, p. 18.

negligenciá-la ou substituí-la por outra fonte de conhecimento”.⁸ A educação secular, por sua vez, para os fins do presente estudo é considerada por exclusão, como toda aquela que não faz das Escrituras a base de seu conteúdo. É toda educação fundada em valores humanos, naturais e racionais.

A partir dessas próprias definições já é possível pontuar uma primeira distinção essencial: a educação cristã é fundada na revelação de Deus, a educação secular é baseada em cosmovisão humana.

As diferenças não param por aí. Quanto ao propósito, a Bíblia deixa claro que o objetivo da educação é fazer a pessoa ser semelhante a Cristo (Jo 13.15; 1Co 11.1; Ef 4.13; 1Jo 2.6). “O ensino se faz necessário para que o discípulo de Jesus aprenda e seja transformado à imagem do Mestre (2Co 3.18), crescendo no conhecimento da palavra de Deus a cada dia (2Pe 3.18)”.⁹ Na abordagem secular, de forma oposta, a ideia é fazer do aluno uma pessoa adaptada à sociedade, ou seja, preparar o aluno “[...] aos novos anseios das sociedades, aplicando métodos de forma mais democrática e condizente com a realidade do povo para o qual se destina”.¹⁰

No que toca aos personagens, a Bíblia diz que os pais devem ensinar aos filhos (Dt 6.7; Ef 6.4). Nada mais natural, já que é com a família que a criança tem contato com a primeira cosmovisão. Na educação secular, de modo diverso, a responsabilidade não se restringe a pai e mãe, mas é ampliada para, conforme Lei de Diretrizes e Bases brasileira (Lei 9394/1996), abranger os membros da comunidade, os integrantes da atividade laboral, as organizações da sociedade e os movimentos sociais.

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.¹¹

As Escrituras, em continuação, orientam os pais a ensinarem os filhos em todos os locais e em todos os momentos possíveis: em casa ou na rua, de forma contínua e reiterada, do levantar-se ao deitar-se (Dt 6.7). Na educação secular, normalmente as atividades de ensino são prestadas nas escolas. “O processo educativo é importante de ser praticado em todas as instâncias da sociedade, porém, a Escola é o local mágico em que ela pode acontecer e ser firme numa forma concreta de acontecimento [...]”.¹²

⁸ DOMINGUES, Gleyds. **Diretrizes para a educação cristã bíblica**: por uma nova proposta educacional. Curitiba: Emanuel, 2012, p. 8.

⁹ FERREIRA, 2020, p. 5.

¹⁰ BRITO, Gleicelene Neri de. **Fundamentos da educação**. São Paulo: Cengage, 2016, p. 14. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/126506?page=14> Acesso em 23 Ago 2023.

¹¹ BRASIL. **Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Presidência da República Casa Civil. Brasília, DF, 20 de dez. de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm Acesso em 23 ago. 2023

¹² SOUZA, Francisco Djacyr Silva de. Educação como processo cultural. *In*: VIEIRA, Alexandre Arante Ubilla (Org.). **Manual de educação e ensino**. São Paulo: Ícone, 2013, p. 75. Disponível em: <https://elibro.net/pt/lc/fabapar/titulos/178213> Acesso em 22 ago 2023.

Na educação cristã a fé é a linha mestra que estrutura todo o processo de transmissão, enquanto na educação secular há a fragmentação do conhecimento em várias matérias isoladas. Essas são algumas das principais diferenças entre as duas formas de educação. Não há como arrolar todos os pontos de divergência porque são tantos e tão grandes quantas são as contraposições entre os valores bíblicos e os mundanos. Os pontos até aqui apresentados, porém, já bastam para demonstrar como são duas visões totalmente diferentes de educar uma criança.

3. A EDUCAÇÃO SECULAR PERPETUA A COSMOVISÃO PÓS-MODERNA

Como visto, a educação envolve um processo comunicativo em que o educador transmite, inevitavelmente, a própria cosmovisão ao aluno. Importa, portanto, saber qual é a cosmovisão predominante no mundo atual, porque, assim, será possível entender qual é o padrão civilizacional atual que é transmitido. Afinal, como disse Portella: “Escolas de qualquer sociedade refletem os padrões da própria sociedade que as abrigam e as mantêm”.¹³ Na mesma linha, Wilson assenta que “em sentido mais amplo, educação é o processo de transmitir à geração seguinte o conhecimento de seus pais sobre a natureza do mundo”.¹⁴

Até o século XVIII havia, na sociedade, a ideia disseminada de que os valores inspirados nas Escrituras eram perfeitamente válidos. Todavia, o século XVIII viu florescer uma nova concepção da realidade propalada pela classe comerciante que tomou o poder. Com o propósito de enfraquecer a igreja que, na época, apoiava as monarquias absolutistas que reinavam na Europa, ela passou a difundir a ideia de que todo conhecimento sobrenatural seria místico e que, por isso, deveria ceder espaço apenas para os fenômenos naturais, pois eles seriam os únicos comprováveis cientificamente. Essa é a chamada Era do Esclarecimento ou do Iluminismo, um movimento totalmente alicerçado na razão humana. Foi ele quem lançou as bases para o fim da teorreferência. Deus foi deixado de lado para que fosse privilegiado o antropocentrismo e a fé na ciência.

Esse movimento persistiu por quase trezentos anos, até que uma nova visão começou a tomar corpo no cenário mundial. Uma série de manifestações artísticas, culturais, filosóficas e sociológicas começou a pregar que a razão, na verdade, era uma ilusão. Não existe verdade, tudo é relativo e, portanto, classificável de acordo com a percepção individual de cada pessoa. Essa é a fase do pós-modernismo, também chamado de relativismo cultural ou de pós-verdade. “O que se percebe é que a realidade é vista como relativa, indeterminada e participável. A razão já não é mais condição de aferição da verdade; ao contrário, o que temos na mente pós-moderna é a indagação de existe verdade”.¹⁵

¹³ PORTELLA, Solano. **O que estão ensinando aos nossos filhos?** Uma avaliação crítica da pedagogia contemporânea, apresentando a resposta da educação escolar cristã. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 37.

¹⁴ WILSON, Douglas. **Por que as crianças precisam da educação cristã:** qual a relação entre a fé cristã e o local de instrução dos seus filhos? Brasília: Monergismo, 2015, p. 11.

¹⁵ AZEVEDO, Marcos. **Modernidade, pós-modernidade:** desafios à vida e à fé cristã. São Paulo: Fonte, 2015, p. 73.

É muito difícil estabelecer uma definição precisa do que seria o pós-modernismo em razão de sua heterogeneidade. Domingues, porém, bem estabeleceu suas linhas mestras:

A visão de mundo presente no pós-modernismo defende o fim da objetividade, substituindo-a pela subjetividade, o que implica um olhar individual do sujeito sobre a realidade, assim como dos sentidos que ele constrói em relação à vida. Isso indica que não há mais uma explicação objetiva e universal dos fatos, mas em seu lugar existe a construção que cada um faz, a partir dos significados que são gerados nas suas próprias experiências. Então, os conceitos gerais que foram perpetuados de geração em geração não são considerados como verdades universais, antes, são percebidos em uma visão particularizada. Essa visão produz vários centros de verdade, ou seja, uma pluralidade de versões sobre um mesmo fato.¹⁶

Não é igualmente fácil indicar seu marco inicial. Alguns, como afirma Smith, atribuem-no à decisão econômica do abandono do padrão-ouro, mas outros o encontram no evento político da queda do Muro de Berlim.¹⁷ Apesar dessa incerteza cronológica, ideologicamente é certo que sua origem está atrelada, conforme leciona Kaiser, aos novos “[...] conceitos teóricos que começaram a focar em temas como conhecimento, poder e linguagem”.¹⁸ Autores como Barthes, Derrida, Lacan, Deleuze, Foucault e Lyotard, como bem pontua Ceia, deram as bases teóricas para essa desconstrução da verdade. A eles pode-se incluir Habermas, Marcuse, Benjamin, dentre outros.¹⁹

A negação à ideia de verdade trouxe, naturalmente, o total abandono de quaisquer regras, já que, se não existe um padrão a seguir, não há por que obedecê-las. A própria Bíblia como regra de conduta foi abandonada. Ela não é mais a verdade revelada de Deus pois, como dito, inexistente verdade. Com isso, o individualismo, o hedonismo, o narcisismo e a carnalidade assolaram a sociedade.

Essa é a cosmovisão predominante no mundo atual. Trágico é que esse padrão civilizacional tem sido transmitido para as crianças que comporão a próxima geração. Os educadores estão incluídos na comunidade, fazem parte do meio social e, desse modo, são influenciados por essa ideologia que é diuturnamente pregada pelos canais de comunicação.

Uma das provas de que a educação secular perpetua a transmissão da cosmovisão pós-moderna está no fato de que o próprio Estado promulga leis acerca da educação que tiram dos pais parte da responsabilidade na educação dos filhos para compartilhá-la com entes públicos e movimentos sociais. A menção anterior à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi feita por esse motivo. Indaga-se: qual razão justificaria que o ambiente de trabalho, as organizações sociais, as manifestações culturais e tantos outros setores fossem erigidos à condição de coeducadores se não fosse para manter o padrão social atual?

¹⁶ DOMINGUES, 2012, p. 24.

¹⁷ SMITH, James K. A. **Quem tem medo do pós-modernismo?** Levando Derrida, Lyotard e Foucault à igreja. Curitiba: Reforma, 2021, p. 22.

¹⁸ KAISER, Alejandro. **El posmodernismo: la nueva amenaza que se cierne sobre Occidente.** [s.l.: s.n.], [2023?], p. 11 (tradução nossa).

¹⁹ CEIA, Carlos. **O que é afinal o pós-modernismo?** Lisboa: CreatSpace Independent Publishing Platform, 2017, p. 637.

O Estado, aliás, vai ainda mais longe, pois diz o conteúdo que deve ser ensinado:

Podemos afirmar que tal configuração do ensino se dá mediante a organização de conteúdos por meio do planejamento escolar, dos planos de aula, dos estudos didáticos e da parametrização curricular do ensino, definidos pelos órgãos competentes ligados ao Ministério da Educação e Cultura – MEC.²⁰

Por isso o problema central não é a quantidade de recursos que serão dispendidos para a educação. “A crise não é somente gerada pela falta de investimentos no setor, ou pela deficiência acadêmica das escolas públicas. Ela está profundamente enraizada na filosofia de educação recebida desde a tenra infância”.²¹

4. A EDUCAÇÃO CRISTÃ COMO ANTÍDOTO À COSMOVISÃO SECULAR MODERNA

O advento da cosmovisão pós-moderna foi profetizada pela Bíblia.

Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos. Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te. Porque deste número são os que se introduzem pelas casas, e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências; que aprendem sempre, e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade (2Tm 3.1-7).

Felizmente, a própria Bíblia dá a solução para o problema: “E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2). É necessário que o entendimento seja diariamente renovado a partir da Palavra de Deus, a fim de que os princípios bíblicos possam ser efetivados em nosso país.

A educação cristã garantirá que essa diretriz seja implantada na mente das nossas crianças, justamente aquelas que formarão a próxima geração, permitindo a formação de uma visão de mundo fundamentada em valores cristãos e afastando-as da pós-modernidade.

Do mesmo modo como Jesus não orou para que o Pai tirasse os discípulos do mundo, mas que os livrasse do mal (Jo 17.15), o objetivo principal não é impedir que as crianças vivam na Terra, mas que recebam, desde cedo, o antídoto que as protegerá da cosmovisão secular atual, garantindo que haja, verdadeiramente, um aumento do padrão civilizacional pátrio.

²⁰ CÂNDIDO, Vicente. Educação escolar. In: VIEIRA, Alexandre Arante Ubilla (Org.). **Manual de educação e ensino**. São Paulo: Ícone, 2013. Disponível em: <https://elibro.net/pt/lc/fabapar/titulos/178213> Acesso em 22 ago 2023, p. 196.

²¹ PORTELLA, 2015, p. 34.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este breve exposto, foi possível perceber como a educação secular tem contribuído para o déficit civilizacional do país. A cosmovisão secular tem sido propagada e multiplicada sem que os educadores muitas vezes percebam seus efeitos deletérios. É imperioso massificar a educação cristã, no sentido de que deve ser tornada acessível a todos, para que uma nova geração de pessoas educadas nos valores bíblicos possa construir uma sociedade menos individualista, hedonista e relativista.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Marcos. **Modernidade, pós-modernidade: desafios à vida e à fé cristã**. São Paulo: Fonte, 2015. E-Book Kindle.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Almeida Corrigida Fiel. [s.l.: s.n], [s.d.]. Disponível em <https://www.bibliaonline.com.br/acf> em 23 ago 2023, às 10h09.

BRASIL. **Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Presidência da República Casa Civil. Brasília, DF, 20 de dez. de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm Acesso em 23 ago. 2023.

BRITO, Gleilcelene Neri de. **Fundamentos da educação**. São Paulo: Cengage, 2016. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/126506?page=14> Acesso em 23 Ago 2023

CÂNDIDO, Vicente. Educação escolar. In: VIEIRA, Alexandre Arante Ubilla (Org.). **Manual de educação e ensino**. São Paulo: Ícone, 2013. Disponível em: <https://elibro.net/pt/lc/fabapar/titulos/178213> Acesso em 22 ago 2023.

CEIA, Carlos. **O que é afinal o pós-modernismo?** Lisboa: CreatSpace Independent Publishing Platform, 2017. E-Book Kindle.

CESCON, Everaldo. A filosofia e a educação. In: CESCON, Everaldo; NODARI, Paulo César. **Temas de filosofia da educação**. 2.ed. Caxias do Sul: Educus, 2019. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/171500?page=5> Acesso em 22 Ago 2023.

DOMINGUES, Gleyds. **Diretrizes para a educação cristã bíblica: por uma nova proposta educacional**. Curitiba: Emanuel, 2012. E-book Kindle.

EDUCAÇÃO. MASON, Keith (Edit.). **Webster Dictionary 1828**. [s.l.: s.n], 2022. Disponível em <https://webstersdictionary1828.com/Dictionary/education> Acesso em 23 ago 2023, às 09h23.

FERREIRA, Regina Accioly (Org.). **Didática na educação cristã: o ensino se faz necessário para que o discípulo de Jesus aprenda e seja transformado à imagem do mestre**. São José dos Campos: Cristã Evangélica, 2020. Disponível em <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/208621?page=5>. Acesso em 22 ago 2023.

KAISER, Alejandro. **El posmodernismo**: la nueva amenaza que se cierne sobre Occidente. [s.l.: s.n.], [2023?]. E-Book Kindle.

NASH, Ronald. **Cosmovisões em conflito**: escolhendo o cristianismo em um mundo de ideias. Brasília: Monergismo, 2012.

NODARI, Paulo César. Educação, cultura e cidadania. *In*: CESCÓN, Everaldo; NODARI, Paulo César. **Temas de filosofia da educação**. 2.ed. Caxias do Sul: Educ, 2019. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/171500?page=61> Acesso em 22 ago 2023.

PORTELLA, Solano. **O que estão ensinando aos nossos filhos?** Uma avaliação crítica da pedagogia contemporânea, apresentando a resposta da educação escolar cristã. São José dos Campos: Fiel, 2015. E-book Kindle.

SENAI. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. **Comunicação oral e escrita**. São Paulo: Senai, 2015. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/191220?page=1> Acesso em 23 Ago 2023.

SMITH, James K. A. **Quem tem medo do pós-modernismo?** Levando Derrida, Lyotard e Foucault à igreja. Curitiba: Reforma, 2021. E-Book Kindle.

SOUZA, Francisco Djacyr Silva de. Educação como processo cultural. *In*: VIEIRA, Alexandre Arante Ubilla (Org.). **Manual de educação e ensino**. São Paulo: Ícone, 2013. Disponível em: <https://elibro.net/pt/lc/fabapar/titulos/178213> Acesso em 22 ago 2023.

WILSON, Douglas. **Por que as crianças precisam da educação cristã**: qual a relação entre a fé cristã e o local de instrução dos seus filhos? Brasília: Monergismo, 2015. E-book Kindle.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n2.006

Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O TESTEMUNHO DOS PAIS NA EDIFICAÇÃO DE RELACIONAMENTOS SIGNIFICATIVOS

Parents' testimony in building meaningful relationships

Wellington Balbino Costa¹

RESUMO

O objetivo delineado no artigo visa analisar a prática dessa ação associada ao testemunho de fé dos pais para com os filhos, no processo da formação de relacionamentos saudáveis entre os membros da família e destes com Deus. O problema tem como pergunta a seguinte inquietação: de que maneira o testemunho de pais cristãos influencia o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e fundamentados na verdade das Escrituras? Na tentativa de resposta, é eleita a pesquisa bibliográfica que busca em fontes documentais e teóricas os argumentos e as fundamentações sobre o objeto. Ainda, aplica-se o método dedutivo que apresenta o estudo de uma forma mais ampla até chegar na sua especificidade: relacionamento familiar significativo. Diante dos argumentos levantados, considera-se que pais e filhos podem e devem estar em contato constante, aprendendo e compartilhando juntos a fé, o que requer investimento e dedicação no campo do ensino das Escrituras, bem como da aplicação de seus princípios em situações do dia a dia. Ao observar as atitudes dos pais, os filhos vão desenvolvendo a fé e aprendendo a confiar na ação de Deus.

Palavras-chave: Testemunho. Escrituras. Relacionamentos Significativos.

ABSTRACT

The objective outlined in the article is to analyze the practice of this action associated with the testimony of faith of parents to their children, in the process of forming healthy relationships between family members and between them and God. The problem has the

¹ Administrador, graduado pela Universidade Federal de Alagoas; Pastor e Teólogo graduado pelo Seminário Teológico Batista de Alagoas; e Master of Arts in Ministry (Mestre em Teologia) pela Carolina University, USA. E-mail: costaw@carolinau.edu

following question as its concern: in what way does the testimony of Christian parents influence the development of healthy relationships based on the truth of the Scriptures? In an attempt to answer this, bibliographical research was chosen, which seeks arguments and foundations on the subject in documentary and theoretical sources. Furthermore, the deductive method was applied, presenting the study in a broader way until reaching its specificity: meaningful family relationships. In view of the raised arguments, it is considered that parents and children can and should be in constant contact, learning and sharing faith together, which requires investment and dedication in the field of teaching the Scriptures, as well as applying their principles in everyday situations. By observing the attitudes of their parents, children develop faith and learn to trust in God's action.

Keywords: Testimony. Scriptures. Meaningful Relationships.

INTRODUÇÃO

O interesse por este estudo partiu de uma inquietação sentida por este pesquisador, durante as diversas palestras e aconselhamentos ministrados nos últimos vinte anos, nas mais variadas instituições religiosas. Esta mesma inquietação, pode ser percebida também por todos que amam e consideram a família uma criação de Deus, e que os defensores de uma sociedade pluralista têm desprezado essa ideia juntamente com a existência e soberania do próprio Deus.

A investigação levanta algumas temáticas que impulsionaram o pesquisador a escrever sobre o tema, referentes ao desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e estratégias viáveis para a sua prática no âmbito familiar. Esses temas refletem sobre o relacionamento dentro da família e a maneira como influencia o comportamento testemunhal de todos ou parte de alguns de seus membros. Por isso, tenta evidenciar que uma possível quebra na comunicação está sendo a causa, ou parte da causa que promove tantas disfunções sociais dentro das famílias cristãs.

Neste entendimento, O objetivo delineado no artigo visa analisar a prática dessa ação associada ao testemunho de fé dos pais para com os filhos, no processo da formação de relacionamentos saudáveis entre os membros da família e destes para com Deus. O problema tem como pergunta a seguinte inquietação: de que maneira o testemunho de pais cristãos influencia o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e fundamentados na verdade das Escrituras?

Na tentativa de resposta, é eleita a pesquisa bibliográfica que busca em fontes documentais e teóricas os argumentos e as fundamentações sobre o objeto. Ainda, aplica-se o método dedutivo que apresenta o estudo de uma forma mais ampla até chegar na sua especificidade: relacionamento familiar significativo.

Na Palavra de Deus encontram-se várias passagens que fortalecem a importância da família na formação de cidadãos éticos e tementes a Deus, principalmente nas 13 cartas paulinas, em que o apóstolo Paulo desenvolve laços profundos com as famílias da época.

O artigo visa explicitar sobre a importância do testemunho dos pais na prática comunicativa, visando à construção de relacionamentos familiares saudáveis, o que requer lançar mão de critérios na promoção deste intento. Esses critérios podem ser extraídos das

Escrituras, reconhecendo que é no âmbito familiar que se tem os primeiros contatos com a fé declarada pelos pais.

1. AS CASAS COMO ESPAÇOS SIGNIFICATIVOS PARA O TESTEMUNHO SOBRE A PALAVRA DE DEUS

Na época do apóstolo Paulo, é relatado que as estruturas das casas seguiam o modelo romano, tendo em vista que “a maioria desses lares assumia forma de átrio romano, uma série de quartos um em frente ao outro, ao redor de um pátio com uma pequena piscina ou fonte”.² Semelhantemente às casas romanas, as judias, ou seja, dos mais afortunados da mesma época, também possuíam esse designer para que a claridade do sol pudesse adentrar aos demais cômodos da casa. A casa, portanto, era um espaço de convivência e circulação de pessoas.

O apóstolo Paulo utilizou muitas vezes os espaços das casas para anunciar as Boas Novas de Cristo. As casas, principalmente as grandes casas judaicas, por terem um pátio, podiam abrigar muitas pessoas que ainda não tinham escutado ou tinham dúvidas quanto à missão do Filho de Deus. Era uma excelente oportunidade para a pregação do Evangelho, como mostra em Atos 16.15b: “Se os senhores me consideram uma crente no Senhor, venham ficar em minha casa”.

Outras passagens também testificam o quanto as casas eram importantes para a propagação do Evangelho e do testemunho do que Cristo pode fazer na vida daqueles que nele creem, a exemplo de Atos 18.1-11:

¹ Depois disso Paulo saiu de Atenas e foi para Corinto.

² Ali, encontrou um judeu chamado Áquila, natural do Ponto, que havia chegado recentemente da Itália com Priscila, sua mulher, pois Cláudio havia ordenado que todos os judeus saíssem de Roma. Paulo foi vê-los

³ e, uma vez que tinham a mesma profissão, ficou morando e trabalhando com eles, pois eram fabricantes de tendas.

⁴ Todos os sábados ele debatia na sinagoga, e convencia judeus e gregos.

⁵ Depois que Silas e Timóteo chegaram da Macedônia, Paulo se dedicou exclusivamente à pregação, testemunhando aos judeus que Jesus era o Cristo.

⁶ Opondo-se eles e lançando maldições, Paulo sacudiu a roupa e lhes disse: “Caia sobre a cabeça de vocês o seu próprio sangue! Estou livre da minha responsabilidade. De agora em diante irei para os gentios”.

⁷ Então Paulo saiu da sinagoga e foi para a casa de Tício Justo, que era temente a Deus e que morava ao lado da sinagoga.

⁸ Crispo, chefe da sinagoga, creu no Senhor, ele e toda a sua casa; e dos coríntios que o ouviam, muitos criam e eram batizados.

⁹ Certa noite o Senhor falou a Paulo em visão: “Não tenha medo, continue falando e não fique calado,

¹⁰ pois estou com você, e ninguém vai lhe fazer mal ou feri-lo, porque tenho muita gente nesta cidade”.

² BIFANO, Gilson. A importância da família no ministério paulino. **Revista Família** - Uma visão de Paulo. Rio de Janeiro: Ministério OIKOS, 2008, p. 9.

¹¹ Assim, Paulo ficou ali durante um ano e meio, ensinando-lhes a palavra de Deus.

A narração no Livro de Atos conta que quando Paulo foi recebido por Tício Justo em sua casa, ficando ali por mais de um ano, ele ficava “ensinando-lhes a palavra de Deus” (At 18.11b) a todos que lhe abriram os ouvidos. A designação das palavras gregas “oikos ou oikia”, atribuída pelo apóstolo Paulo, faz referência à casa como um espaço de convivência da família, estendendo até para outras pessoas que rodeavam aquelas casas, como: “parentes, trabalhadores, contratados, escravos, sócios, amigos e clientes da família”.³

Quando se olha para as ações de comunicação que o apóstolo Paulo utilizou na época para atingir seus objetivos de propagação do Evangelho, pode-se observar essas e outras ações como meios válidos para a transmissão da mensagem e que foram mediados pelo testemunho de vida. Por analogia, é possível estender aos pais, que mesmo sem falar uma só palavra aos seus filhos, testemunham de sua fé a partir do exemplo apresentado em seus relacionamentos.

Defende-se que o testemunho não pode ser considerado como uma difícil tarefa ou missão, principalmente, porque ele se associa a uma expressão de fé, que precisa demonstrar a aplicação dos princípios. Testemunhar é viver sob uma base confiável, que é Cristo. Essa é uma prática cristã que pode ser vista nas cartas escritas pelo apóstolo Paulo na orientação e ensino a ser efetivados no contexto das famílias.

As casas daqueles que aceitaram a Cristo como seu Salvador e Redentor, devem ser espaços onde a evangelização e a conservação da fé de toda a família necessitam ser mantidas, o que requer um trabalho contínuo de ensino, orientação, disciplina e zelo pelos princípios que fundamentam a fé cristã.

Sabe-se que o pecado foi a origem do mal que atacou a criação de Deus, principalmente a instituição família. Albertacci comenta que:

A vida familiar de Adão e Eva era perfeita, porém o pecado trouxe a disfunção para o seio da família. Depois da Queda podemos ver sentimentos como o medo, a culpa e a vergonha, perturbando a convivência do casal (Gn 3.3-12). O pecado sempre faz o relacionamento familiar adoecer. Há muitos lares doentes, onde a família deixou há muito tempo de ser um local de acolhimento, proteção e cuidado devido aos pecados não confessados e não abandonados. Essas transgressões causam culpa e separam as famílias da comunhão com Deus.⁴

Na perspectiva bíblica, edificar um relacionamento saudável entre pais e filhos é ensinar os filhos a observarem princípios e valores, mantendo boas condutas éticas. É disciplinar e explicar sobre o sentido de ser e permanecer obediente e temente a Deus. Albertacci faz um significativo comentário de que “a missão bíblica de ter filhos vai além do ato físico de ter bebês. Ela pede que as crianças tenham uma criação devota, [...] amorosa e carinhosa”.⁵ Adei

³ BIFANO, 2008, p. 9.

⁴ ALBERTACCI, Jorge. **A família cristã no século XXI**. Disponível em <https://www.jorgealbertacci.com.br/a-familia-crista-no-seculo-xxi---lico-es-biblicas-cpad---2--trim-2013.html>. Acesso em 12/06/2023.

⁵ ALBERTACCI, Acesso em 12/06/2023.

escreve que “os casais cristãos devem servir a Deus juntos, criar filhos devotos, manter a casa e servir na igreja e na comunidade [...]”.⁶

Não se pode deixar de perceber o grau de importância que cada casa, família tem no processo de propagação das Boas Novas e de obediência à Palavra de Deus. Começa-se sempre com os de casa. No entanto, quando há negligência desse processo missional ocorre a desestabilização e a desestruturação da família. É, nesse sentido, que se ressalta a necessidade de os princípios bíblicos sejam vividos e observados, primeiro pelos pais, depois pelos filhos.

Os lares de hoje necessitam voltar a ser um local que contribuem para a formação e o desenvolvimento de um relacionamento saudável, a fim de que possa ser constantemente influenciado positivamente pelo testemunho de seus pais. A referência dos pais é vital para que ocorra o crescimento integral dos filhos, incluindo a fé.

O próximo tópico analisa a finalidade e a importância de os pais manterem um testemunho vivo, santo e agradável a Deus na edificação de relacionamentos com seus filhos, sendo exemplos em consonância com as Escrituras.

2. A FINALIDADE DO TESTEMUNHO DOS PAIS SEGUNDO AS ESCRITURAS

O alicerce que sustenta a família cristã tem sido abalado nos últimos tempos. E pais têm o dever de inculcar na mente de seus filhos o que eles sabem sobre a vontade de Deus em suas vidas, alertando sobre a importância do casamento monogâmico e da família, e que:

A partir do casamento, forma-se uma unidade social de desenvolvimento, num contexto de mutualidade. O casamento na Bíblia, é entendido como uma união vitalícia entre um homem e uma mulher. Uma união que envolve físico, emocional e espiritual, e, logicamente, a união de duas histórias, com emoções, temperamentos, personalidades com reações, habilidades, talentos, dons e respostas diferentes a um mesmo problema ou situação.⁷

Testemunhar conduzindo os filhos dentro da vontade do Senhor, é de responsabilidade direta de todos os pais, sem que haja a interferência humana neste processo, apenas a vontade de Deus segundo as Escrituras. Existem várias passagens na Bíblia Sagrada revelando qual é a vontade de Deus para a família, e por conseguinte, para o lar. Uma excelente citação, trazida por Bifano, reafirma a importância do lar como base para qualquer igreja local:

Enquanto Paulo afirma a existência de uma igreja na casa de uma família em particular e enquanto, para Paulo, aquela igreja doméstica continua sendo a célula básica da igreja local, ele claramente quer que aquelas igrejas formem um corpo junto com as outras dentro da igreja da cidade. Em vez de um grupo de igrejas domésticas fechadas umas para com as outras.⁸

Há a crença no meio cristão de que é possível que toda a família consiga se submeter ao senhorio de Deus, mas isso não ocorre de forma generalizada, antes é um processo contínuo

⁶ ADEI, S. **Seja o líder que sua família precisa**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 108.

⁷ RODRIGUES, Cioli Frickes. O alicerce que sustenta a família cristã. **Revista Práticas Bíblicas**. Belo Horizonte: Gráficos – CBM, 2020, p. 137-139.

⁸ BIFANO, 2008, p. 11.

em que não se tem um resultado sempre satisfatório, pois ele envolve decisão individual, não imposição. Isso indica que a fé cristã não é transmitida como se fosse uma tradição hereditária, ela requer posicionamento e convicção.

Reconhece-se, que a família é considerada a base para a divulgação do Evangelho. Entretanto, é preciso manter a direção constante nas Escrituras, porque ela se apresenta como o parâmetro a ser alcançado nos relacionamentos e que se ancora na submissão a Deus. Albertacci escreve que:

Ninguém consegue vencer o Diabo sem antes ser submisso a Deus e à Sua Palavra, e não há atalhos para essa vitória. Uma pessoa que resiste aos mandamentos divinos ou os despreza é alvo fácil das ciladas malignas, e isso pode ser ainda mais sério na família do cristão. É um mito imaginar que seremos vitoriosos quando resistirmos aos ataques do Inimigo se não tivermos o menor interesse de, antes, sermos submissos a Deus e à Sua Palavra.⁹

Na Bíblia Sagrada, está assim escrito sobre a educação a ser desenvolvida pelos pais aos seus filhos: “[...] criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor” (Ef 6.4b). Dizem os estudiosos que o objetivo da disciplina é auxiliar os filhos no crescimento. “Não é fácil ser um bom pai [...] – é necessária muita paciência para criar filhos em um lar amoroso que honre a Cristo”.¹⁰ Educar os filhos envolve uma missão e isso requer tempo e investimento. O comentário bíblico sobre Efésios 6.4 ressalta que:

[...] criar-nos na disciplina e na admoestação do Senhor[...]. No grego, o verbo [...] significa criar, nutrir, cuidar (principalmente) com o sentido de cuidar, pois ali se fala da atitude de um homem para com seus filhos. Mas, aqui está em foco a criação de filhos, a responsabilidade que têm os pais de criar seus filhos dentro do caminho cristão, desde a infância até à maturidade.¹¹

É defendido na sociedade que uma geração é quem realiza todo o trabalho de preparar a terra, colocar a semente, e até regar para auxiliar no seu desenvolvimento, em resumo, que planta as árvores. Mas, em geral é uma outra geração que desfrutará da sombra e, possivelmente dos frutos dessa árvore. Existe uma verdade nessa lógica apresentada, é que essa geração está vivendo, quase que completamente, à sombra de muitas árvores que, no passado, tiveram todo o processo de plantação realizados pelos seus antecedentes, aqueles que muitos, dessa geração, não estão respeitando como autoridade em suas vidas. Esta geração não está mais plantando árvores? Ou será que essas árvores não são as que gerarão sombras para as futuras gerações? O que está sendo aproveitado de toda essa sombra estrategicamente deixada pelas gerações passadas? McArthur escreve assim:

Não há dúvida de que a sociedade como um todo está em um estado grave de declínio moral e espiritual. Assim, a questão que os pais cristãos enfrentam hoje é se podemos plantar algumas árvores que darão sombra

⁹ ALBERTACCI, Acesso em 12/06/2023.

¹⁰ BÍBLIA DE ESTUDO, 2004, p. 834.

¹¹ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2002, vol. 4, p. 637.

para as futuras gerações, protegendo-as do calor causticante dos valores anticristãos em um mundo anticristão.¹²

O verso que está em Êxodo 20.12, que trata do conhecido mandamento com promessa “Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor de dá”, revela algo que algumas gerações cristãs passadas, assim como a atual, não observam mais com o mesmo carinho e respeito que se espera dos filhos. Talvez, esse seja o fato de muitos pais não serem mais o referencial de testemunho para seus filhos e resgatar essa possibilidade é crucial para que a família não continue em decadência, “assistindo à morte da célula fundamental de toda a civilização, a família”.¹³

Chapman disse que “Para o bem ou para o mal, nossos pais e sogros fazem parte de nossas vidas de maneira íntima e indissociável”.¹⁴ O princípio de honrar pais e mães começa pelos próprios pais, que devem ser o exemplo, honrando os seus respectivos pais, até mesmo na presença dos seus filhos, para que isso lhes sirva de inspiração e de alegria.

Observa-se que muitos homens e mulheres no decorrer da história das famílias, têm se transformado em exemplos a serem seguidos, pessoas que ao passar por esta terra foram usadas por Deus para serem benção na vida de outros. Não importando muitas vezes o destino dos que estão sendo abençoados ou a origem dos abençoadores. O que importa é o seu testemunho em conformidade com a vontade de Deus.

Todos podem ser uma testemunha para alguém. Um exemplo a ser seguido e copiado. O que se espera dos pais de hoje, é que todos possam ser imitadores de Cristo, a exemplo dos profetas e discípulos bíblicos, e assim seus descendentes também poderão olhá-los com olhos de contentamento, querendo ser semelhantes aos seus pais. Levando “a sua bandeira (de Cristo), com a Bíblia aberta, a todo mundo”.¹⁵ Esse deveria ser o maior testemunho que os pais devem dar aos seus filhos.

Em um vídeo, disponibilizado para a campanha do mês da família de 2009, promovida pelo Ministério OIKOS, há uma citação de Coelho Neto que diz: “É na educação dos filhos que se revelam as virtudes dos pais”.¹⁶ Neste pequeno vídeo, vários filhos testemunham o que os pais representam para eles. Alguns consideram os pais um grande exemplo, cumprindo o que as Escrituras atestam, quando orienta que os filhos honrem seus pais para que se prolongue seus dias aqui na terra (Êx 20.12).

Inversamente, são os filhos que declaram que gostariam que os pais nunca existissem, visto que eles atrapalham o seu desenvolvimento. Ainda, este vídeo mostra o porquê de muitos filhos pensarem exatamente assim de seus genitores e as razões são as seguintes: eles não entendem os pais, porque ainda não experimentaram tal papel; eles não vivem

¹² MACARTHUR, John. **Pais sábios, filhos brilhantes**: como educar seus filhos de acordo com a Bíblia. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2014, p. 13.

¹³ MACARTHUR, 2014, p. 15.

¹⁴ CHAPMAN, Gary. **O casamento que você sempre quis**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007, p. 121.

¹⁵ Final do Juramento à Bandeira Cristã. Uma das três bandeiras que a Organização Embaixadores do Rei, da Convenção Batista Brasileira.

¹⁶ Ministério OIKOS. Pais e Filhos: **A história real em todos os ângulos**. 2009. 1 vídeo (00 h 08 min 36 s). Disponível em: Biblioteca Particular. (00 h 01 min 03s).

relacionamentos saudáveis e fraternos em família; existe distorção de caráter, visto que os pais não vivem o que ensinam.¹⁷

Quando se possui um bom testemunho e tem a Palavra de Deus como lâmpada para os pés e luz para o caminho (Sl 119.105), desenvolver um relacionamento saudável torna-se menos complicado para qualquer ser humano, ainda que haja entre todos os componentes da família, àqueles que não estão caminhando na mesma direção espiritual e religiosa. É que o próximo tópico desenvolverá dentro do tema que trata do processo de construção de relacionamentos saudáveis.

3. A COMUNICAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DE RELACIONAMENTOS SAUDÁVEIS ENTRE PAIS E FILHOS

É fácil constatar que a responsabilidade dos pais no desenvolvimento dos seus filhos, é muitas vezes maior do que se pode imaginar. Mas há um Deus que possibilita, por intermédio da sua grande misericórdia (Lm 3.22) e do seu enorme amor (Jo 3.16), que se possa adquirir conhecimentos que facilitam o exercício dessa honrosa missão.

Todo aquele que vem ao mundo, não escolhe qual família pertencer. Eles nascem e começam a serem educados em uma família que os abraçam com muito amor. Neste processo, os seus responsáveis diretos, e acredita-se que abençoados por Deus, passam a ser seus provedores, não apenas na questão financeira, mas, principalmente, no afeto que contribui para que aquele novo ambiente, onde essas crianças estão inseridas, se torne favorável para que haja o desenvolvimento esperado por todos.

Os pais possuem essa abençoada missão e o lar foi constituído por Deus, o Criador de tudo. Por esse motivo que o lar é considerado a célula mater de uma sociedade, tal como expresso no documento emitido pela denominação batista:

O lar foi constituído por Deus como unidade básica da sociedade. A formação de lares verdadeiramente cristãos deve merecer o interesse particular de todos. Devem ser constituídos da união de dois seres cristãos, dotados de maturidade emocional, espiritual e física e unidos por um amor profundo e puro. O casal deve partilhar ideais e ambições semelhantes e ser dedicado à criação dos filhos na instrução e disciplina divinas. Isso exige o estudo regular da Bíblia e a prática do culto doméstico. Nesses lares o espírito de Cristo está presente em todas as relações da família.¹⁸

O Documento Batista em questão alerta e até mesmo exorta a todos que fazem parte das igrejas batistas e seus líderes eclesiásticos e espirituais que:

As Igrejas têm a obrigação de preparar jovens para o casamento, treinar e auxiliar os pais nas suas responsabilidades, orientar pais e filhos nas provações e crises da vida, assistir àqueles que sofrem em lares desajustados, e ajudar os enlutados e encanecidos a encontrarem sempre um significado na vida.

¹⁷ Ministério OIKOS, 2009, (00 h 02 min 42 s).

¹⁸ **Princípios Batistas: O Cristão e Seu Lar.** Disponível em https://convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21 Acesso em 15/06/2023.

O lar é básico, no propósito de Deus, para o bem-estar da humanidade, e o desenvolvimento da família deve ser de supremo interesse para todos os cristãos.¹⁹

Em uma pastoral dirigida aos pais, Coelho Filho os exorta a não levarem ruína a sua família, principalmente, aos filhos que estão sob a sua responsabilidade. Ele enfatiza que:

Houve um homem que se orgulhava de ser liberal e moderno e não dar a seus filhos nenhum valor moral. Isto era repressão. Religião, então, nem falar. Era atraso de vida, coisa de gente burra. Quando o filho se viciou em droga, ele, orientado por um desses “gurus” da mídia, passou a se drogar com ele, para que ele não se drogasse na rua e contraísse AIDS. O filho, que precisava de um pai sério e não de um pateta, suicidou-se. O pai “pirou”. Isto sucedeu mesmo. E mostra algo: muitos pais não têm valores para passar aos filhos. Dão-lhes coisas, mas não lhes dão conteúdo. [...] Pouco se fala sobre responsabilidade e valores. Depois, fazem passeatas com gente vestida de branco, pedem “paz” em camisetas e usam frases de efeito.

Nossa igreja tem valores a passar às crianças. Sua estrutura de ensino cristão é montada a partir do berço. Temos classes para educação cristã de crianças desde que estas começam a entender. [...] Temos objetivos. Queremos que cada criança seja espiritual e emocionalmente sadia. Ensinamos a amar a Deus e amar ao próximo. Queremos levar as crianças a terem valores espirituais que se reflitam nos seus valores sociais. Queremos que sejam pessoas ajustadas. Com Deus e com os outros. [...] Os grandes atos de Deus na Bíblia começaram com o nascimento de uma criança: Moisés, Samuel, Sansão, Josias, João Batista e Jesus. Deus sempre começou seus grandes movimentos com uma criança. Que valor elas têm!²⁰

Ele continua a pastoral, perguntando aos pais e responsáveis legais, se eles têm objetivos para o desenvolvimento de seus filhos. E até faz um apelo:

Traga seus filhos à igreja. Aqui ele ouvirá bons ensinamentos que acrescentam algo à vida. Uma igreja sadia é um ótimo lugar para se viver. Mas não a use como creche. Venha com eles. É um lugar para sua família! [...] Não negligenciem o futuro espiritual deles! Vocês precisam dar valores espirituais às crianças que Deus lhes confiou! Se falharem, elas serão prejudicadas, e Deus lhes cobrará a negligência!²¹

A atitude de buscar desenvolver os filhos enquanto ainda houver tempo, para que não se venha remendar homens no futuro é o esperado por Deus. Em sua Palavra, ele não questiona a importância do lar e dos pais neste processo, “cabe aos pais, de forma plena, assumirem este papel distinto e excelente na formação moral e espiritual dos filhos, num convívio harmonioso”.²² No entanto, se esses não estão realizando seu trabalho a contento, a igreja sendo a instituição responsável pelo direcionamento espiritual e até atuando muitas

¹⁹ Princípios Batistas, 15/06/2023.

²⁰ COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Não arruíne a vida de seus filhos!** Disponível em <https://www.isaltino.com.br/2012/03/nao-arruine-a-vida-de-seus-filhos/>. 2012.

²¹ COELHO FILHO, 2012.

²² RODRIGUES, Cioli Frickes. A Criação de Filhos. **Revista Práticas Bíblicas**. Belo Horizonte: Gráficos – CBM, 2020, p. 149.

vezes no campo moral e social, realizará o trabalho de exortar esses responsáveis legais a assumirem essa honrosa missão.

Em uma das revistas da EBD da Assembleia de Deus no Brasil, observa-se a eleição do tema “Criando filhos saudáveis”. Nela, consta a verdade bíblica que “A vontade de Deus é que os pais eduquem seus filhos de acordo com os princípios divinos, a fim de que eles cresçam de maneira saudável e equilibrada”.²³ Isso evidencia que não somente a denominação batista, mas outras denominações evangélicas investem na educação dos filhos, por isso procuram exortar os pais na busca por desenvolverem um relacionamento saudável com seus filhos.

Há alguns exemplos e ações de comunicação que podem ser aplicados pelos pais neste processo de desenvolvimento dos filhos, e que, provavelmente, contribuirão para um relacionamento saudável a ser efetivado por meio do testemunho de vida. No entanto, se deve olhar para algumas situações a partir da Palavra de Deus, que são consideradas negativas e verificar a sua recomendação e ou orientação, no sentido de não as praticá-las, a fim de preservar o desenvolvimento deste relacionamento muito mais proveitoso.

A família de Jesus Cristo aqui na terra era considerada uma família normal naquele contexto. “O casamento deles aconteceu depois que o anjo do Senhor revelou a José que sua noiva estava grávida e o filho do seu ventre fora gerado pelo Espírito Santo”.²⁴ Foi em uma família normal, fundada por Deus no princípio, que Jesus Cristo cresceu e se desenvolveu, por isso, que: “Olhando para o desenvolvimento de Jesus em sua família, podemos aprender que a educação de filhos cristãos tem a ver com o desenvolvimento emocional, social e, principalmente, espiritual”.²⁵

Durante a infância, a criança está em pleno desenvolvimento em todas as áreas. Isso pode ser constatado no processo de formação de Jesus, descrito no evangelho lucano: “E o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele” (Lc 2.40). Ainda, não se pode esquecer que “A família de Jesus é um exemplo de boa formação familiar”.²⁶ Seus pais participaram, seguindo a tradição judia, efetivamente da sua formação.

Ainda há aqueles pais que não orientam seus filhos sobre a importância de uma vida espiritual, de devoção ao Senhor dos senhores, antes de completar os dezoito anos e ainda lhes dão o direito de “ficar em casa”, enquanto ainda estão sob a sua responsabilidade. É triste constatar que muitos desses pais, estão hoje olhando para o passado e percebendo que poderiam ter tomado outras atitudes.

Existem, ainda, outras situações que não corroboram com um desenvolvimento saudável, como evitar usar a palavra “errado”, diante de momentos que necessitam que ela seja dita, pois pode desenvolver na criança um complexo de culpa, e na adolescência, quando seu filho errar e outros reclamarem, ele vai se sentir perseguido e que todos estão contra ele. Até quando, muitos pais, mesmo os que já se consideram cristãos, vão permitir que as

²³ Lições Bíblicas - Professor. **Relacionamentos em Família**: superando desafios e problemas com exemplos da Palavra de Deus. 2º trimestre, Rio de Janeiro: CPAD, 2023, p. 84.

²⁴ Lições Bíblicas, 2023, p. 86.

²⁵ Lições Bíblicas, 2023, p. 89.

²⁶ Lições Bíblicas, 2023, p. 90.

intervenções do mundo lhes digam como agir com seus filhos, excluindo a Bíblia Sagrada? “Os pais precisam ter essa consciência de que está sob a sua responsabilidade prover o ambiente propício para que os filhos se desenvolvam de maneira saudável e geral”.²⁷

Em casa, não se pode tirar do filho a sua responsabilidade. É necessário que ele se ocupe com tarefas que sejam compatíveis ao seu desenvolvimento. Isso possibilita que cresça assumindo tarefas. Se isso não for feito, é possível que o filho esteja criando nele a tendência natural, que vem desde o pecado no Jardim do Eden, de jogar sobre outros todas as suas responsabilidades.

Se os pais procurarem ler mais a Bíblia Sagrada e viverem consoante seus princípios com maior intensidade em suas vidas, isso ajudará os filhos em diferentes áreas, desde a física, emocional, espiritual e até financeira. É importante mostrar aos filhos que as Escrituras revelam o plano providencial de Deus. Nelas, é possível extrair ensinamentos valiosos e que podem auxiliar na convivência e nos relacionamentos.

A partir da direção dos pais dentro de sua família, é importante ressaltar sobre a necessidade de construir limites para os filhos, a fim de que possam crescer de maneira saudável. Segundo Rodrigues, estes limites “criam o senso de autocontrole” e formam um “senso de determinação”.²⁸ Os dez mandamentos, o Livro de Provérbios, e tantos outros recursos podem servir como balizadores nesse processo. Tanto as orientações como os ensinamentos ajudam os pais a apresentarem e estabelecerem limites aos seus filhos.

As orientações e os ensinamentos bíblicos podem ser utilizados, sem nenhuma restrição e efeitos colaterais negativos, visto que apresentam o propósito de Deus para o ser humano. Neles, fica claro que há uma missão no processo formativo a ser considerada; e essa é que as gerações possam conhecer a Deus e glorificá-lo. Pazmiño ressalta que o “alvo final é provocar amor a Deus manifestado em lealdade e obediência”.²⁹

Um outro exemplo é a prática da obediência e que se verifica na comunicação estabelecida entre pais e filhos. Afinal, a obediência não se restringe apenas ao não fazer, mas envolve as expressões de todo o corpo que se comunica. “A obediência aos pais tem o sentido de ‘alinhar-se debaixo por dever’”.³⁰ Ainda sobre a obediência, Ezzo destaca que:

A obediência é um “mestre temporário”, que conduz a criança a moldar-se através de meios externos até que ela esteja moralmente preparada para obedecer, dirigida pelos controles do coração. Na época certa, a criança deve trocar a obediência pela submissão.³¹

Kemp corrobora com a citação de Ezzo com relação a este substantivo que define a ação de quem obedece, de “quem dá ouvidos à voz de Deus (Êx 19.5); [e que] manifesta-se através da submissão (Rm 13.1)”,³² quando ele diz que “os filhos precisam entender que Deus quer

²⁷ Lições Bíblicas, 2023, p. 89.

²⁸ RODRIGUES, 2020, p. 149.

²⁹ PAZMIÑO, Robert W. **Temas fundamentais da educação cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 20.

³⁰ RODRIGUES, 2020, p. 150.

³¹ EZZO, Anne Marie; EZZO, Garry Marie. **Educação de filhos à maneira de Deus**. São Paulo: UDF, 2004, p. 28.

³² CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2011, vol. 4, p. 561.

que eles aprendam a viver debaixo da liderança e autoridade dos seus pais”.³³ A obediência dos filhos pode servir como exemplo da comunicação eficaz e que atuou no desenvolvimento de relacionamentos saudáveis.

Reitera-se que o papel dos pais no desenvolvimento dos filhos não para nunca, mesmos estes já crescidos e donos de suas próprias vidas, obterão as mesmas responsabilidades ou semelhantes a dos seus pais. São inúmeros textos das Escrituras que abordam sobre a responsabilidade dos pais sobre a educação dos filhos. Isso indica que “o processo de educação das gerações é considerado por Deus como uma condição indispensável para formação do caráter e da fé”.³⁴

O importante a destacar é que Jesus Cristo seja o centro de suas vidas. Ele pode e quer continuar a fazer a diferença em todas as famílias, em especial, naquelas que têm nele a referência e o reconhecem como Senhor, mestre e redentor. Assim, compete a cada um fazer a sua parte. Pais procurando ser exemplo pelo testemunho, e os filhos sendo obedientes e honrando seus pais (Ef 6.1-4). A família sairá ganhando nesta jornada, em constante crescimento nos relacionamentos que se tornarão saudáveis entre seus membros e todos que por eles foram abençoados.

Defende-se que “o propósito da família é o de prover um ambiente seguro para o crescimento, como também prover princípios e o desenvolvimento da próxima geração”.³⁵ Assim, ao desenvolver um relacionamento familiar saudável, os filhos, e ampliando para todos os descendentes desta família, passam a ter uma formação diferenciada, que bíblicamente foi apresentada quando na ocasião em que Deus necessitou lembrar ao seu povo do que ele havia realizado, a fim de encorajá-los a dedicarem sua vida, totalmente a ele, isto é o que se discute no próximo tópico.

4. O EXEMPLO DE VIDA DOS PAIS NA FORMAÇÃO INTEGRAL DOS FILHOS E ALGUMAS ORIENTAÇÕES PRÁTICAS

Amar a Deus sobre todas as coisas e de todo o coração foi um dos ensinamentos ministrados por Moisés em sua missão desenvolvida junto ao povo de Israel durante anos, contudo, recebeu como resposta deste mesmo povo, uma total descrença diante da fidelidade desse misericordioso Deus demonstrada em vários momentos, quando este povo não observava ou desobedecia aos seus mandamentos. Na passagem de Deuteronômio 6.1-9, observa que Moisés “continua a ensinar os mandamentos, que o povo deve transmitir aos seus filhos”.³⁶

Reconhece-se que o verso que todos os pais deveriam ter encravado em seus corações, aponta para o valor do ensino das Escrituras e “o contexto para este ensino era o lar, em que as pessoas aprendem a relacionar sua fé em Deus com toda a sua vida”. Assim, cabe aos pais

³³ KEMP, Jaime. Filhos bíblicamente educados. **Revista Família - ideia de Deus**. Rio de Janeiro: Grafê, p. 42.

³⁴ DOMINGUES, Gleyds Silva. **Didática e educação cristã**. Curitiba: Olsen, 2021, p. 61.

³⁵ COPE, Lande. **Modelo Social do Antigo Testamento**: redescobrimos os princípios de Deus para discipular as nações. Almirante Tamandaré: JOCUM, 2007, p. 127.

³⁶ DAVIDSON, 1997, p. 234.

ensinar³⁷ “com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar” (Dt 6.7). Ainda é possível identificar uma ordem que alerta os pais para que jamais desistam de falar o que está registrado na Palavra de Deus, pois é ela que traz segurança, convicção e paz ao coração.

Olhando para esta atitude de Moises diante da ordem explícita de Deus para com o povo escolhido, percebe-se que continha ali uma preocupação visionária do próprio Deus com relação ao ensino das Escrituras Sagradas e o que nela há direcionado aos pais para os filhos. MacArthur assim escreveu:

Uma das piores coisas que os pais podem fazer é se permitirem pensar que outra pessoa poderia apresentar melhor o Evangelho para seus filhos, abdicando assim de sua responsabilidade mais crucial, perdendo as melhores oportunidades de alcançar seus filhos e deixando passar as melhores bênçãos da paternidade.³⁸

Investir nos descendentes, foi o que aquele povo fez no passado, transmitindo oralmente, basicamente, tudo o que sabiam para que não se perdesse ao longo do caminho. É do conhecimento de que estas influências advindas das Escrituras já alcançaram muitos, o que indica a efetividade do ensino na prática da educação desenvolvida pelos pais aos filhos. Entende-se que é no processo educativo efetivado pelos pais aos filhos, que se incorpora “os valores e as crenças que são demonstrados em casa, sejam eles intencionalmente ensinados pelos pais ou não”.³⁹

Infelizmente, em muitos contextos, observa-se o distanciamento do plano providencial de Deus no processo da formação das gerações, o que requer dos pais atenção com o que os seus filhos vêm absorvendo da sociedade. É preciso sinalizar sobre os ensinamentos que distorcem a verdade de Deus. Assim, se faz necessário olhar essa situação e fazer o que o apóstolo Paulo disse aos seus irmãos que se encontravam em Roma:

Portanto, irmãos, rogo-lhe pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rm 12.1-2).

Este é o momento, presente, para que os pais invistam todo o tempo necessário e oportuno para ensinar, até e, principalmente, através da prática, o que Deus quer para cada família, e, individualmente, para cada cristão. Essa é uma missão a longo prazo e que se espera dos pais o investimento de tempo integral neste processo educacional e formativo de seus filhos.

Grudem afirma que “um homem sábio que se prepara para o casamento busca orientação num homem mais velho, mais sábio, que seja marido e pai bem-sucedido”,⁴⁰ isso

³⁷ PAZMIÑO, 2008, p. 22.

³⁸ MACARTHUR, 2014, p. 49.

³⁹ COPE, 2007, p. 134.

⁴⁰ GRUDEM, Wayne; RAINEY, Dennis. **Família fortes, igrejas fortes: os desafios do aconselhamento familiar**. São Paulo: Vida, 2005, p. 64.

é uma prova de que os pais quando conseguem ser o exemplo de vida na formação integral dos filhos sentem neles um porto seguro nas decisões importantes em suas vidas.

MacArthur chama a atenção para os pais que não pensam na evangelização de seus filhos, como também daqueles que por eles podem ser alcançados, somente percebem essa necessidade, quando a igreja ou alguma campanha missionária é realizada. Como também deixam apenas para os professores da escola bíblica ensinarem aos seus filhos sobre as verdades deste Evangelho.⁴¹

No dia a dia de toda a família, sempre haverá oportunidades para se falar e demonstrar o que Jesus tem realizado na vida dos pais. Bênçãos sobre bênçãos o Senhor tem dado àqueles que o temem e o servem. E essas ações divinas, como tudo na vida do cristão, precisam ser ditas e ensinadas aos seus pares. Assim, os filhos crescerão vendo e entendendo que Cristo é muito mais do que um homem que por aqui passou, discursou, foi cravado em uma cruz, e que ao terceiro dia ressuscitou. Ele é o motivo da existência e da fé ora abraçada.

Em alguns pais falta a determinação de ser um influenciador na vida de seus descendentes. Há uma frase bastante verdadeira de que não se pode mudar seu cônjuge ou qualquer outra pessoa, inclusive, os pensamentos dos filhos. Mas, é igualmente verdade que se pode causar influência na vida deles.⁴² Chapman escreveu:

[...] devemos, primeiro, reconhecer que não podemos mudar diretamente a personalidade ou o comportamento [...]. Não podemos controlar a maneira de ele pensar ou se sentir nem as palavras que saem da boca dele. Podemos fazer pedidos, não temos garantias de que [...] responderão positivamente aos nossos clamores.⁴³

Um sinal que se torna perceptível aos que já aceitaram Cristo, como seu Salvador, é que para se ter uma relação saudável na família, faz-se necessário ensinar e pôr em prática todo o conselho que Deus já registrou na sua Palavra. E pode-se começar por aquela ordem, que muitos a chamam de “A grande comissão”:

Portanto, ide, ensinais todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém! (Mt 28.19-20).

Acontece que muitos estão à procura do algo simples, do “evangeliquês”, a maneira moderna de resumir sistematicamente o plano de salvação, sem se importar com as verdades. O arrependimento dos pecados é o primeiro passo em uma conversão, seguido pelo reconhecimento de que sem Jesus não se poderá obter a redenção destes pecados. É preciso ir contra a banalização do evangelho e apresentá-lo como resposta de esperança. Contra a prática de um evangelho esvaziado de sentido, MacArthur comenta que:

Algumas vozes espirituais influentes no “evangeliquês” moderno argumentaram que essas verdades (e outras, inclusive o senhorio de Cristo,

⁴¹ MACARTHUR, 2014, p. 50.

⁴² CHAPMAN, Gary. **As quatro estações do casamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p. 177.

⁴³ CHAPMAN, 2006, p. 177.

o seu chamado a uma entrega e o alto preço do discipulado) são estranhas ao Evangelho.⁴⁴

Em uma palestra para os pais, proposta pelo Ministério OIKOS para o mês da família 2014, com o tema “Seja um bom técnico para seu filho”, fundamentado no texto bíblico de primeira Timóteo 1.1ss, o objetivo foi procurar conscientizar os pais sobre a importância de treinar e educar os filhos para seguirem caminhos aprovados por Deus.⁴⁵ A intenção era de que:

Pais que desejam ser bons técnicos para seus filhos devem alertá-los sobre seus adversários. Um técnico de futebol gasta horas vendo vídeos de jogos de seus próximos adversários. Embora haja no mercado empresas que facilitam este trabalho, um bom técnico tem que conhecer os próximos adversários e alertar seus atletas sobre como superá-los.

Paulo alerta a Timóteo sobre os adversários que ele iria encontrar pelo caminho. Pais que querem ser técnicos precisam alertar seus filhos sobre os adversários que eles enfrentarão no decorrer da vida. São muitos os adversários, como, por exemplo: Drogas, corrupção, homossexualismo, secularismo, ateísmo, pornografia e tantos outros.⁴⁶

A partir disso, pode-se dizer que é tarefa dos pais incentivarem os filhos a não desistirem no percurso da sua trajetória aqui na terra, mediante as muitas dificuldades que eles terão. Ensinar-los a serem excelentes filhos é uma responsabilidade a ser assumida pelos pais, por isso, esse é um passo importante no processo do testemunho que os pais devem deixar aos seus filhos. Não se pode esquecer que nesta formação integral dos filhos, os pais devem ser o melhor conselheiro para eles.

Os pais precisam procurar ser uma grande influência para seus filhos, isso é essencial que ocorra até à fase da adolescência, visto que essa ação não gerará tanto resultado depois dos primeiros 16 anos, por ser uma fase, em que a ansiedade, que gera um transe tecnológico, faz com que muitos procurem mais estar antenados à tecnologia do que aos seus pais. Sobre isso, Rodrigues alerta que “a dependência tecnológica é o estágio em que o indivíduo não consegue controlar mais o próprio uso da internet (e afins), ocasionando sofrimento intenso e ou prejuízo significativo em diversas áreas da vida”.⁴⁷

O testemunho dos pais na formação integral dos filhos não pode e nunca deveria ser ignorado. Essa observação é pertinente, uma vez que a prova deste ignorar estão nos diversos relatos, dentro dos gabinetes pastorais, de famílias desajustadas, tanto no âmbito emocional, financeiro e, principalmente, espiritual. Este último, conduz muitos a um distanciamento da igreja e, conseqüentemente, a não observância de diversos mandamentos que se encontram na Bíblia Sagrada. Essa constatação evidencia que o “papel destinado aos pais no processo

⁴⁴ MACARTHUR, 2014, p. 53.

⁴⁵ Ministério OIKOS. **Palestra para pais. Seja um bom técnico para seu filho.** Rio de Janeiro: OIKOS, 2014.

⁴⁶ Ministério OIKOS, 2014.

⁴⁷ RODRIGUES, Cíli Frickes. A família cristã na sociedade da informação. **Revista Práticas Bíblicas**, Belo Horizonte: Gráficos – CBM, 2020, p. 152-155.

formativo deve ser levado em consideração”.⁴⁸ Os pais são aqueles que ensinarão sobre “uma fé prática e vivencial”.⁴⁹

Diferentemente é o processo formativo, quando reinam a discórdia e o conflito no interior das relações familiares. Isso pode trazer insegurança e desestabilização. Afinal, o ambiente é contaminado pela desarmonia do casal. São pais que brigam de maneira frequente, diante da presença de seus filhos, dando-lhes testemunho “negativo”. Ainda, na maioria dos relatos de agressores de cônjuges, contém a declaração de que eles cansaram de ver seus pais em situações semelhantes, e que por isso, reconhecem que esta é uma situação normal em um mundo em que o amor é apenas uma utopia para muitos. Reforça-se, aqui, que o testemunho “positivo” precisa ser demonstrado a todos, principalmente aos de casa,

Neste processo de ser testemunha na formação integral dos filhos, algumas perguntas surgem e talvez uma delas se destaque como questão principal, que seria: como ser bênção para seus filhos? Os pais precisam abençoar os seus filhos e educá-los a temer a Deus. Eles precisam apresentar por meio do testemunho o Deus que servem, isso vale mais do que uma ordem e ou imposição.

Existem algumas maneiras práticas, que podem auxiliar os pais a serem uma bênção na vida de seus filhos. A primeira é a de serem bons exemplos. A Bíblia diz: “Ora, o fim do mandamento é o amor de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida” (1 Tm 1.5). É preciso viver a fé com inteireza de mente e coração.

A segunda maneira diz respeito ao ato de corrigir, ou seja, disciplinar diante de uma situação que evidencia um erro e ou equívoco. Pode-se dizer que há um tripé para correção dos filhos. A firmeza, o amor e aquela “chamada de atenção” em particular. Compreende-se que “os pais devem exercer a função de pais e lutar para não perder essa identidade. Isso significa que a autoridade dos pais é legítima e deve ser exercida com habilidade e responsabilidade”.⁵⁰

É louvável recordar o que Provérbios 19.18 aconselha sobre o valor da disciplina na formação dos filhos. Assim: “Discipline o teu filho enquanto há esperança, mas não deixes que o teu ânimo se exalte até o matar”. dessa maneira de corrigir, não se pode esquecer que os pais são os primeiros a darem o exemplo. Ainda, ressalta-se sobre a necessidade do diálogo, que é uma comunicação essencial para o desenvolvimento dos filhos, por isso que “a proposta é comunicacional porque indica que há a presença de uma mensagem a ser assegurada”⁵¹ e que fará toda a diferença se apropriada pelos filhos.

Salienta-se que os pais precisam corrigir com sabedoria, isso indica que nesse processo, poderá ocorrer o estabelecimento de regras a serem obedecidas e, quando, não observadas conta-se com aplicação da disciplina em amor. A partir da disciplina, o filho assume a responsabilidade diante do feito, devido à relação produzida entre causa e consequência. A

⁴⁸ DOMINGUES, 2018, p. 64.

⁴⁹ DOMINGUES, 2018, p. 65.

⁵⁰ EBERT, 2019, p. 45.

⁵¹ DOMINGUES, 2018, p. 65.

disciplina em amor “comunica confiança e segurança, que promoverá uma base significativa para enfrentar as crises, facilitando todo o processo de educação dos filhos”.⁵²

Uma terceira maneira prática de como os pais podem ser uma bênção na vida de seus filhos é tratar seu filho com respeito. A Palavra de Deus orienta: “E vós, pais, não provoqueis à ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor” (Ef 6.4). Sem gritos, sem ironia e sem ameaças. A Bíblia sempre vai lembrar algo a alguém. Acolha-os quando chegarem em casa, todos os dias, efusivamente. “Acolher amando, dando atenção, apoio e paciência, estimulando e ajudando gradativamente a celebrar os sucessos, mas também a enfrentar, por vezes, as experiências de frustração”.⁵³

No estabelecimento de uma comunicação significativa, é salutar ouvir os filhos sempre com atenção. Não espere que eles cresçam para fazer isto, porque pode ser tarde demais. Compartilhe, sempre que possível, suas ideias e participe de seus planos. Afinal, o que se deseja é a construção de vínculos afetivos, morais, sociais e espirituais, por esse motivo, os pais precisam investir na formação integral de seus filhos, visto ser os primeiros “os principais mentores”⁵⁴ dos últimos.

Elogiar as boas atitudes de seus filhos é uma ação comunicativa que transmite muita alegria, principalmente aos próprios pais. Se alegre com eles em suas vitórias, isto fortalece a autoestima, ajudando-os a enfrentarem melhor os problemas da vida. Como é bom ser elogiado por alguém.

A quarta maneira salienta que não se deve esquecer de compartilhar com eles a fé que os pais têm em Cristo, algo importantíssimo também é orar com eles e por eles sempre. Ler a Bíblia juntos com eles e por último, mas não insignificante, valorize a igreja. Ensinar as doutrinas e fundamentos que alicerçam a fé, de maneira minuciosa, é uma missão que necessita ser efetivada pelos pais.

Neste processo de reconhecimento da grande importância da participação dos pais com seu testemunho, construindo relacionamentos saudáveis, exemplos que podem e devem ser seguidos por seus filhos e outras gerações, surge a necessidade de apresentar uma proposta formativa que viabilize a construção de relações positivas para as famílias cristãs, o que pode ser um caminho viável para que as comunidades eclesiais iniciem sua ação educativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se, aqui, que é um desafio apresentar a importância do testemunho dos pais como parte essencial na edificação de relacionamentos familiares duradouros, levando-se em conta o diálogo, a comunhão e o perdão. Afinal, defende-se que é nesse processo que ocorre a construção de relacionamentos que devem ser seguidos por seus filhos e descendência, durante a caminhada cristã.

Não se busca apresentar respostas pontuais e definitivas, mas uma possibilidade a ser refletida e que possa favorecer o ato comunicativo mediado pelo testemunho dos pais aos

⁵² EBERT, 2019, p. 35.

⁵³ EBERT, 2019, p. 33.

⁵⁴ DOMINGUES, 2018, p. 64.

filhos, por serem ele os primeiros a serem referência que os filhos têm sobre caráter e fé exercidos diante de situações reais e que envolvem relacionamentos que se espera que sejam saudáveis e significativos.

A esperança de qualquer pesquisador e daqueles que se propõem a estudar qualquer tema, é conseguir alcançar seus objetivos, ter suas dúvidas dirimidas e obter a partir de seus estudos uma aplicabilidade na vida social. Assim, também, não poderia ser diferente aqui. Espera-se que os pais possam se inteirar deste conhecimento e que isso os ajude no desenvolvimento de uma prática comunicativa significativa.

REFERÊNCIAS

ADEI, S. **Seja o líder que sua família precisa**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

ALBERTACCI, Jorge. **A família cristã no século XXI**. Disponível em <https://www.jorgealbertacci.com.br/a-familia-crista-no-seculo-xxi---lico-es-biblicas-cpad---2--trim-2013.html>. Acesso em 12/06/2023.

BÍBLIA DE ESTUDO: Aplicação Pessoal. São Paulo: CPAD, 2004.

BIFANO, Gilson. A importância da família no ministério paulino. **Revista Família - Uma visão de Paulo**. Rio de Janeiro: Ministério OIKOS, 2008. p. 9-12.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2011. Vol. 4.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2002. Vol. 4.

CHAPMAN, Gary. **As quatro estações do casamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

CHAPMAN, Gary. **O casamento que você sempre quis**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Não arruíne a vida de seus filhos!** Disponível em <https://www.isaltino.com.br/2012/03/nao-arruine-a-vida-de-seus-filhos/>. 2012.

COPE, Lande. **Modelo social do Antigo Testamento: redescobrimos os princípios de Deus para discipular as nações**. Almirante Tamandaré: JOCUM, 2007.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Didática e educação cristã**. Curitiba: Olsen, 2021.

EZZO, Anne Marie; EZZO, Garry Marie. **Educação de filhos à maneira de Deus**. São Paulo: UDF, 2004.

GRUDEM, Wayne; RAINEY, Dennis. **Família fortes, igrejas fortes: os desafios do aconselhamento familiar**. São Paulo: Vida, 2005.

KEMP, Jaime. Filhos biblicamente educados. **Revista Família - ideia de Deus**. Rio de Janeiro: Grafê, Série Família e Vida, p.42-44.

Lições Bíblicas - Professor. **Relacionamentos em Família**: superando desafios e problemas com exemplos da Palavra de Deus. 2º trimestre, Rio de Janeiro: CPAD, 2023.

MACARTHUR, John. **Pais sábios, filhos brilhantes**: como educar seus filhos de acordo com a Bíblia. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2014.

Ministério OIKOS. **Pais e filhos: a história real em todos os ângulos**. Rio de Janeiro. 2009. 1 vídeo (00 h 08 min 36 s). Disponível em: Biblioteca Particular.

Ministério OIKOS. **Palestra para pais**. Seja um bom técnico para seu filho. Rio de Janeiro. 2014.

PAZMIÑO, Robert W. **Temas fundamentais da educação cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

Princípios Batistas: O Cristão e Seu Lar. Disponível em https://convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21. Acesso em 15/06/2023.

RODRIGUES, Cioli Frickes. A criação de filhos. **Revista Práticas Bíblicas**. Belo Horizonte: Gráficos - CBM. 2020, p. 148-151.

RODRIGUES, Cioli Frickes. A família cristã na sociedade da informação. **Revista Práticas Bíblicas**. Belo Horizonte: Gráficos – CBM, 2020. p. 152-155.

RODRIGUES, Cioli Frickes. O alicerce que sustenta a família cristã. **Revista Práticas Bíblicas**, Belo Horizonte: Gráficos – CBM, 2020. p. 137-139.

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n2.007

Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional**A LINGUAGEM ANTROPOMÓRFICA NO ANTIGO TESTAMENTO E O
“ARREPENDIMENTO” DE DEUS EM ÊXODO 32.14**
ANTHROPOMORPHIC LANGUAGE IN THE OLD TESTAMENT AND GOD'S
“REPENTANCE” IN EXODUS 32:14Werbston da Silva Coelho¹**RESUMO**

O presente trabalho se propõe a demonstrar que Deus é imutável em seus desígnios e na maneira como lida com sua criação, da qual se utiliza para cumprir seus insondáveis propósitos, revelando-se nas Escrituras através de uma linguagem antropomórfica que embora sugira uma mudança de direção ou “arrependimento”, na verdade, expressa seu caráter misericordioso e compassivo sem alteração de sua substância. Nessa toada, também procura demonstrar que a objeção do teísmo aberto à imutabilidade do ser de Deus deita raízes no liberalismo teológico, cujos pressupostos excluem a inerrância e inspiração das Escrituras, bem como seu caráter autoritativo, no que resulta em frágil argumentação, que exalta a perspectiva humana em detrimento da natureza e do caráter do Criador. Dentre as passagens veterotestamentárias referentes ao tema, analisa-se o texto de Êxodo 32.14. A metodologia utilizada é a da pesquisa bibliográfica, com observância dos métodos indutivo e dedutivo. As proposições decorrentes do tema da imutabilidade de Deus, do ponto de vista teológico, são estabelecidas, para empós apresentar-se resultados da pesquisa.

Palavras-chaves: Imutabilidade de Deus. Arrependimento. Linguagem antropomórfica.

ABSTRACT

The present work aims to demonstrate that God is immutable in his designs and in the way he deals with his creation, which he uses to fulfill his unfathomable purposes, revealing himself in the Scriptures through an anthropomorphic language that although it

¹ Mestrando em Teologia Profissional pelas Faculdades Batista do Paraná. werbston@yahoo.com.br

suggests a change of direction or “repentance”, indeed, expresses its merciful and compassionate character without altering its substance. In this vein, it also seeks to demonstrate that the opposition of open theism against the immutability of God's being is rooted in theological liberalism, whose assumptions exclude the inerrancy and inspiration of Scripture, as well as its authoritative character. It results in a weak argument that exalts the human perspective to the detriment of the nature and character of the Creator. Among the Old Testament texts referring to the theme, it analyzes the text of Exodus 32.14. The methodology used is bibliographic research, with observance of the inductive and deductive methods. The propositions arising from the theme of the immutability of God, from the theological point of view, are established. Afterward, the results of the research that is presented.

Keywords: Immutability of God. Repentance. Anthropomorphic Language.

INTRODUÇÃO

Parece fora de discussão que uma leitura a mais superficial da Bíblia revela que ela não é o resultado de um ditado divino puro e simples. Mesmo diante da premissa básica que sustenta toda a ortodoxia cristã, no sentido de que a Bíblia é um livro inteiramente inspirado por Deus e, por conseguinte, inerrante em toda a sua mensagem, é surpreendente constatar que, de outra banda, está-se diante de um livro visceralmente humano.

A esse respeito, não se pode olvidar que a Bíblia foi escrita ao longo de um período de mais de mil e quinhentos anos, pelas mãos de dezenas de escritores, alguns deles totalmente desconhecidos, mas a sua maioria composta de verdadeiros personagens históricos, donde se conclui que se trata de um livro que finca raízes na raça humana e se confunde com sua própria história.

Por outro lado, embora com um registro humano, a Bíblia é um livro revelado por Deus. Sua mensagem, incluindo as próprias palavras, é divina, tendo Deus como fonte da qual emana, além de fim último de seu propósito escriturístico. Não seria precipitado concluir-se, então, que a Escritura é tanto divina quanto humana, tal qual o Deus encarnado na pessoa de Jesus Cristo. Um só livro com duas naturezas. Deve-se fazer, contudo, uma ressalva: enquanto o Cristo deve ser adorado, a Bíblia, naturalmente, não se presta a tal desiderato.²

Outro aspecto que deve ser realçado na humanidade das escrituras é o fato de que ela conta uma história que se passa no tempo e no espaço. Por mais extraordinários que sejam os feitos por ela narrados, não há como fugir do fato de que a Bíblia não pode prescindir de uma investigação histórica. “E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé...”, já dizia o percuciente apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 15.14. O Cristianismo não é um sistema filosófico abstrato, alheio à história. Ao reverso, ele busca seu fundamento de validade na história e não subsiste sem seu respaldo.

Arelada a essa nota convincentemente humana que a Bíblia ostenta percebe-se em suas linhas e entrelinhas a graciosa autorrevelação de Deus, que surpreendentemente se valeu do testemunho humano para falar sobre si. Esse Deus que gradualmente se revela aos

² CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2020, p. 18.

homens escolheu fazê-lo no ambiente e na linguagem humanos. Por hora, basta-nos constatar que Deus parece não apenas ter escolhido o tempo e os lugares em que se daria sua revelação, mas também e principalmente a forma e os instrumentos que utilizaria para apresentá-la. O principal deles não é senão a linguagem escrita antropomórfica. Trataremos com mais detença acerca de seu conceito e expressões ao longo do artigo.

Algumas indagações, porém, devem ser formuladas no momento: 1) seria o antropomorfismo suficiente para explicar a afirmação cabal de algumas passagens bíblicas, mormente aquela objeto do estudo, inserta em Êxodo 32.14, de que Deus se arrepende?; 2) qual a resposta teísta para este dilema?; 3) O que advogam as diferentes correntes do pensamento teológico acerca do tema?; 4) Quais soluções são apresentadas e como compatibilizá-las com o caráter imutável de Deus?

O presente artigo pretende instigar o enfrentamento de tais questões e propor uma abordagem adequada no trato desse controvertido dilema teológico.

1. O “ARREPENDIMENTO” DE DEUS

“Então, se arrependera o Senhor do mal que dissera havia de fazer ao povo”. São estas as palavras de Moisés, sem rodeios, sem justificações, sem maiores esclarecimentos. A naturalidade com que o autor do Pentateuco expressa algo tão diametralmente oposto àquilo que ele mesmo já havia registrado em outro ponto de sua coletânea de cinco rolos (“Deus não é homem, para que minta, nem filho de homem para que se arrependa” – Nm 23.19) causa estranheza ao mais desatento ou heterodoxo dos leitores.

Antes, porém, de nos debruçarmos sobre o ponto nevrálgico de nosso trabalho, precisamos entender o contexto em que a passagem bíblica em questão está inserida, como forma de traçar um caminho que possa melhor elucidá-la.

1.1 O contexto da passagem (Êx 32.14)

Tomando como base a própria Escritura, vê-se que 1 Reis 6.1 nos informa que o templo de Salomão foi iniciado no quarto ano de seu reinado (ou seja, 966 a.C.), mencionado no texto como o ano 480 depois do êxodo, o que levou Archer Jr a afirmar que “[...] a data exata do êxodo seria 1.445 a.C., no terceiro ano do reinado de Amenotepe II (1447-1421)”.³

Os acontecimentos em torno do episódio do bezerro de ouro ocorreram pouco depois da libertação do povo do jugo egípcio, no início da caminhada de Israel, ao pé do Monte Sinai.

Nesse átimo, cumpre ressaltar que os episódios narrados nos capítulos 32-34 do livro de Êxodo separam as instruções sobre a construção do tabernáculo (Êx 25-31) do relato sobre o cumprimento dessas mesmas orientações (Êx 35-40). Os três capítulos que intermedeiam a narrativa bíblica sobre a importância do tabernáculo servem como interlúdio não menos que imprescindível ao seu desenvolvimento, visto que não apenas registram a violação da aliança

³ ARCHER JR, Gleason L. **Panorama do Antigo Testamento**. 4.ed. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 264.

por parte de Israel na adoração do bezerro de ouro (cap. 32), mas também o revelador diálogo de Moisés com Deus (cap. 33) e a renovação dessa aliança (cap. 34).⁴

Para além dos detalhes tão conhecidos da narrativa bíblica em tela, chama a atenção o peculiar relacionamento de Moisés com Deus. O profeta roga mais de uma vez a Javé para que não aniquile seu povo, mesmo diante das palavras do Senhor, em Êxodo 32.10. Nessa tentativa, Moisés arrisca seu próprio relacionamento com Deus (Êx 32.32). Sua insistência é tamanha que Javé parece ceder aos apelos de Moisés e, em acréscimo, revela-se a seu servo de maneira inédita e profunda. Deus revela sua própria identidade a Moisés (Êx 34.6-7), de tal modo marcante que a passagem é mencionada até os dias de hoje nas tradições hebraicas com o nome de “Os treze atributos de Deus”, sendo ainda refletida em textos como Nm 14.18; Ne 9.17,31; Sl 86.15; 130.8; 145.8; Jr 32.18; Jl 2.13; Jn 4.2; Na 1.3.⁵

Como destacado por Lasor, Hubbard e Bush:

A renovação da aliança que se segue em 34.10-28 indica sem dúvida que Deus de fato perdoou Israel. Temos aqui uma teologia da graça sem igual no Antigo Testamento. Embora o julgamento divino não seja tragado por sua misericórdia, toda a ênfase está em sua graça. Pois, apesar do lamentável pecado do povo contra a aliança, esta não é anulada. Qual a base para esse perdão notável? De acordo com 33.18-34.9, fundamenta-se totalmente no caráter misericordioso e clemente [de Deus].⁶

A perspicaz observação de Lasor, Hubbard e Bush conduz-nos a um ponto de inflexão sem o qual não podemos prosseguir nesse trabalho. Sobreleva ressaltar que Deus é misericordioso, longânimo, tardio em irar-se e sempre pronto a perdoar. Tais atributos fazem parte de seu caráter, que é imutável, e não apenas expressam o ser de Deus como, em certo sentido, condicionam e determinam sua atuação na história. Sem entender a maneira como Deus trata o pecado e o pecador, propondo a este último um relacionamento misericordioso em face de um arrependimento profundo e eficaz, não há como compreender sua revelação.

O relato do bezerro de ouro e da renovação da aliança formam um padrão único que se repete ao longo da história de Israel. Um povo que (re)começa sua trajetória sempre com grande zelo pelo Senhor, afasta-se dele por questões de somenos importância, volta-se à idolatria, arrepende-se, ante a maldição decorrente da quebra da aliança, e vê Deus levantar vezes sem conta um intercessor para restaurá-la, com base em seu caráter sempre clemente e misericordioso. Esse é o Deus de Êxodo 32.14.⁷

1.1.1 (Im)passibilidade em Deus

O verbo *nāḥam* (arrepender, ceder, mudar de ideia, no hebraico) é usado 34 (trinta e quatro) vezes no Antigo Testamento, tendo Deus como sujeito. Apenas dois textos ensinam que Deus, ao contrário dos homens, jamais precisa se arrepender de pecados (Nm 23.19; 1Sm 15.29). Em outra passagem, é dito que Ele nunca se arrepende de ter escolhido Davi (Sl 110.4).

⁴ LASOR, W. S.; HUBBARD, D. A.; BUSH, F. W. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2002, p. 83.

⁵ HAMILTON, Victor P. **Manual do Pentateuco**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 257.

⁶ LASOR; HUBBARD; BUSH, 2002, p. 84-85.

⁷ LASOR; HUBBARD; BUSH, 2002, p. 85.

Nas demais passagens que falam sobre o arrependimento de Deus, lemos que Ele se arrepende do “mal” (não do pecado!), sendo esta palavra traduzida em versões como a NVI com o significado de “calamidade” ou “desastre”.⁸

Não raro, Deus se arrepende do mal em resposta ao arrependimento de alguém ou de um povo (v.g., Jr 18.8; 26.3; Jn 3.9,10). Em outras circunstâncias, Deus parece se arrepender em resposta à intercessão de alguém pelo culpado, como no nosso texto base, de Êxodo 32.14, mas também em Amós 7.3,6.⁹

O que podemos extrair das referidas passagens bíblicas, ao menos por hora, é que o registro do arrependimento de Deus em Êxodo 32 indica que o Senhor, conquanto soberano e ativo na história, não se mostra um ser impassível, como o deus do deísmo. Não se trata aqui de um ser frio e insensível, somente porque tem como atributo ser imutável em sua natureza e caráter.

Acerca do tema, Craig expressa-se de modo lapidar:

Longe de considerar a suscetibilidade à dor emocional como fraqueza, a maioria dos filósofos e teólogos cristãos da atualidade diria exatamente o contrário: que se trata de fraqueza, quando alguém não se compadece do sofrimento humano, e de força, quando alguém sente emoções, como dor, indignação, compaixão, etc. De fato, pense sobre a etimologia da palavra ‘compaixão’: sofrer com. Como o maior ser concebível, Deus precisa ser compassivo e compartilhar de nossas tristezas e alegrias. A impassibilidade é de fato uma fraqueza, ao passo que a compaixão contribui para a grandeza de Deus.¹⁰

É bem verdade que teólogos há que fazem uma associação direta e, no seu entender, necessária entre imutabilidade e impassibilidade em Deus. Sustentam que a primeira pressupõe a segunda, como decorrência lógica do fato de que Deus não pode estar sujeito a mutáveis e contingentes paixões, emoções e sentimentos, tal como os homens.¹¹

Deixemos que Cheung explicita esse posicionamento:

Ainda que se possa desenvolver um notável nível de autocontrole pelo poder santificador da Escritura e do Espírito Santo, permanece o fato de que a vontade e a emoção de alguém não mantêm um relacionamento harmônico. O estado emocional de uma pessoa não é sempre exatamente o que ela quer ou decide ser.

Contudo, o que foi dito acima não pode ser verdadeiro acerca de Deus mesmo que ele experimentasse emoções, pois essa falta de autocontrole contradiz sua soberania, imutabilidade e onisciência.¹²

Ocorre que tal vertente interpretativa confunde a possibilidade de Deus sentir emoções com a pressuposição não necessária de que, se isso ocorresse, não teria o controle sobre elas ou, por outra, seria por elas dominado. Tal assertiva evidentemente não se sustenta, dado

⁸ HAMILTON, 2015, p. 255.

⁹ HAMILTON, 2015, p. 255.

¹⁰ CRAIG, William Lane. **A razão da nossa fé: respostas à perguntas difíceis sobre Deus, o Cristianismo e a Bíblia.** São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 205.

¹¹ CHEUNG, Vincent. **Introdução à Teologia Sistemática.** São Paulo: Arte Editorial, 2008, p. 85.

¹² CHEUNG, 2008, p. 85.

que se os sentimentos e as emoções não são algo ontologicamente ruim, podem naturalmente conviver em Deus sem a faceta que lhes torna eventualmente maus nos homens, qual seja, o pecado ou, mais especificamente, a falta ou ausência de domínio próprio.

Sobreleva ressaltar, ademais, que toda volição, emoção e atividade, quando aplicados a Deus, sofrem os necessários aperfeiçoamentos decorrentes da própria perfeição de seu ser, de modo a assumirem nele a concretização idealmente esperada em ato e potência.

Assim é que a imutabilidade de Deus não é impeditivo a que ele sinta as emoções perfeitas que emanam do seu ser, de maneira que ao mesmo tempo não seja em nada surpreendido ou frustrado ao interagir com as circunstâncias que produzem tais sentimentos.

De alguma forma que só Deus pode explicar é possível que Ele sinta ira, sem pecar (Jo 2.15,16; 1Pe 2.22), tristeza, sem se deprimir (Sl 78.40; Ef 4.30), alegria, sem se exceder (Is 62.5) e compaixão, sem mudar (Sl 103.13).

A afirmação que consta do capítulo segundo da Confissão de Fé de Westminster (2019, p. 23) de que Deus é “sem [...] paixões” deve ser interpretada com temperamentos. Como bem observa Grudem, ela se baseia em Atos 14.15, que na versão King James relata a oposição de Paulo e Barnabé à adoração do povo de Listra, declarando-se “homens de paixões como as vossas”.¹³ Ocorre que a passagem não pode ser interpretada isoladamente, e mesmo que assim o fosse, não quer absolutamente dizer que Deus seria desapaixonado, diferenciando-se, assim, dos homens.

Primeiramente porque a ideia de deuses desafeiçoados, inerente ao paganismo e, particularmente, ao povo de Listra (v. 10-11), não pode ser tomada como parâmetro de comparação com o soberano Senhor de Israel. Em segundo lugar, o termo grego (ὁμοιοπαθεῖς) na passagem pode tão somente significar ter circunstâncias ou experiências semelhantes a outrem, sem, contudo, denotar algo da exclusiva esfera do humano, como um dado ontológico ou único em sua natureza.

Nas palavras do grande teólogo norte-americano,

Obviamente Deus não tem paixões ou emoções pecaminosas. Mas a ideia de que Deus não tem nenhuma paixão ou emoção está nitidamente em conflito com boa parte do restante das Escrituras, e por essa razão não afirmei a impassibilidade de Deus neste livro. Em vez disso, a verdade é bem o contrário, pois Deus, que é a origem das nossas emoções e que de fato as criou certamente também sente emoções.¹⁴

Por outro lado, não se pode utilizar o texto em discussão no presente trabalho (Êx 32.14) para concluir, açodadamente, que Deus pode ser persuadido com bons argumentos a ver a realidade sob o nosso ponto de vista humano e a agir conforme nós agiríamos se fôssemos Deus, simplesmente porque ele é um Deus compassivo. O fato de a Bíblia apontar decisivamente para o caráter misericordioso de Deus não põe termo à questão que se apresenta na passagem em análise, expressa na inequívoca e, de certa forma, constrangedora afirmação de Moisés de que Deus muda de ideia, o que revela a necessidade de um

¹³ GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática atual e exaustiva**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 114.

¹⁴ GRUDEM, 1999, p. 114.

aprofundamento maior do tema, de modo a fazer o intérprete descer a minúcias de linguagem para melhor entender o que, de fato, o texto quer nos dizer.

1.2 Antropomorfismo – em busca de um conceito

Podemos iniciar com uma definição popular de antropomorfismo:

‘[...] figura de linguagem utilizada pelos escritores da Bíblia em que características físicas do ser humano são atribuídas a Deus com o propósito de ressaltar algo importante. [...] O antropomorfismo essencialmente ajuda a tornar concretas certas verdades abstratas sobre Deus’.¹⁵

O conceito é útil, principalmente porque expressa o que comumente se entende por antropomorfismo no meio evangélico em geral. Antes de prosseguirmos em direção a um conceito mais preciso de antropomorfismo, necessário pontuar que alguns teólogos mais puristas fazem nítida distinção entre antropomorfismo e antropopatismo. O primeiro seria definido como a automanifestação de Deus em forma humana, enquanto o segundo seria a mesma automanifestação de Deus com qualidades humanas – paixões, sentimentos, atitudes, etc. Já outros entendem a linguagem antropomórfica sob uma perspectiva mais ampla, a ponto de incluir no conceito qualquer atribuição de características ou qualidades humanas a Deus.¹⁶

Seja como for, o que não se pode perder de vista neste estudo é que a Palavra de Deus é intrinsecamente antropomórfica,

‘[...] pois a Bíblia é a fala de Deus aos seres humanos na linguagem humana [...] O antropomorfismo é uma descrição da revelação de Deus; não é uma descrição de nossa interpretação das Escrituras. O fato de Deus ter-se revelado de maneira antropomórfica não nos dá o direito de adotarmos uma ‘interpretação antropomórfica’(...)’.¹⁷

Dito de outro modo, todos os aspectos da autorrevelação de Deus são analógicos ou antropomórficos, e sob um ponto de vista de Deus, não nosso. A essência do antropomorfismo se evidencia no fato de que Deus se revela a nós em termos humanos, mas não de modo a permitir que nos comparemos a Ele, como se fôssemos o ponto de referência definitivo. Em suma, “não é suficiente dizer que os antropomorfismos são atribuições humanas a Deus. ‘Ao contrário, nossas qualidades humanas nada mais são do que um reflexo da pessoa e dos atributos de Deus’”.¹⁸

Estabelecidas tais premissas, adotamos o conceito de Ardel B. Caneday:

Porque formou Adão do ‘pó da terra’ e soprou em suas narinas o fôlego da vida, criando-o à sua imagem e semelhança, Deus se faz conhecido às suas

¹⁵ CANEDAY, A. B. Glória Velada. In: PIPER, J.; TAYLOR, J.; HELSETH, P. K. **Teísmo aberto**: uma teologia além dos limites bíblicos. São Paulo: Vida acadêmica, 2006, p. 192.

¹⁶ CANEDAY, In: PIPER; TAYLOR; HELSETH, 2006, p. 194.

¹⁷ CANEDAY, In: PIPER; TAYLOR; HELSETH, 2006, p. 194-195.

¹⁸ CANEDAY, In: PIPER; TAYLOR; HELSETH, 2006, p. 200.

criaturas à semelhança delas, como se ele usasse tanto as formas quanto as qualidades delas, quando, de fato, são elas que usam a sua semelhança.¹⁹

Corroborando tal afirmação e avançando em direção ao papel do ser humano na criação, Hans Wolff sustenta que a chave para a autocompreensão do ser humano reside na relação especial que Deus estabelece com ele a partir da sua Palavra manifestada em Gênesis 1.26. É Deus quem toma a iniciativa, de tal modo que o termo semelhança talvez tenha sido utilizado pelo escritor para “...impedir o equívoco de que a correspondência só significasse identidade e não também diferença na semelhança”.²⁰

2. O SIGNIFICADO DA PASSAGEM

Não é de hoje que os intérpretes da Bíblia se dedicam a fornecer alguma explicação razoável sobre como é possível que o Todo-Poderoso venha arrepender-se ou de alguma forma mudar de ideia. Como destaca Champlin, “a ideia de que Deus pode alterar Sua mente, como se sua capacidade de planejar, com base em sua presciência, fosse defeituosa, é um ataque intolerável contra a correta compreensão dos atributos de Deus”.²¹

O teólogo elenca na obra citada oito pontos de vista diferentes, que tentam esclarecer o texto de Êxodo 32.14. Os estreitos limites do presente trabalho não permitem relacioná-los em toda sua extensão, mas pode-se resumi-los da seguinte forma: i) a passagem estaria expressando um Deus limitado, sendo perfeitamente possível que pudesse se arrepender; ii) estar-se-ia diante de uma linguagem antropomórfica. Deus mudaria sua mente ao longo da história, mas não de fato; iii) Deus se envolveria demais com os homens, estando sujeito às suas ideias e caprichos e abrindo mão de sua soberania e transcendência; iv) Deus não se envolveria pessoalmente com os homens, deixando a critério de uma teofania ou de um anjo a correção dos rumos da história.²²

Ressalte-se, contudo, que a controvérsia que se instaura em torno do texto pode ser reduzida a dois grandes ramos do pensamento teológico, que são, por assim dizer, diametralmente opostos, à semelhança de dois líquidos imiscíveis, e que se colocam atualmente como verdadeiros antípodas, a dividir toda a cristandade, quais sejam, ortodoxia cristã, de um lado, e heterodoxia, do outro. É pela maneira com que cada um de tais segmentos do cristianismo enxerga e interpreta o texto bíblico que surgem respostas as mais diversas para o assim denominado “arrependimento” de Deus.

2.1 Correntes Teológicas – A visão da ortodoxia cristã

Cumprido ressaltar, logo de início, que a resposta ortodoxa parece muito mais consentânea e adequada à revelação bíblica sobre o caráter de Deus e seu método de comunicação com o homem. É bem verdade que há diferentes visões acerca desse intrincado

¹⁹ CANEDAY, In: PIPER; TAYLOR; HELSETH, 2006, p. 195.

²⁰ WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 284.

²¹ CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Candeia, 2000, p. 448.

²² CHAMPLIN, 2000, p. 448.

dilema teológico, mas o fato é que o critério utilizado pelos teólogos tradicionais, ao menos em princípio, parte de uma premissa básica da fé cristã: a inspiração e inerrância bíblica.

Embora, como se verá, a teologia do processo, e mais especificamente o teísmo aberto, pretenda dar uma interpretação literal ao antropomorfismo verificado em passagens como a de Êxodo 32.14, a verdade é que seus seguidores não têm qualquer compromisso com a fidedignidade do texto bíblico, relativizando-o sempre que lhes parece conveniente. Em outras palavras, “literalizam” o arrependimento de Deus e relativizam seu caráter imutável, também constante nas Escrituras (Mt 3.6; Tg 1.17).

Não é o que ocorre com a ortodoxia evangélica. Busca-se conciliar a verdade bíblica irrefutável de que Deus não é contingente como os seres humanos com o fato inexorável de que Ele também é um ser compassivo.

Assim é que, para Victor P. Hamilton,

O que Deus diz a Moisés sobre o futuro de Israel, no capítulo 32, expressa mais a ameaça de um juízo que um decreto. Como tal, é um convite e um estímulo a uma intercessão profética por parte de Moisés. O que Deus faz em Êxodo 32 é, portanto, mais misericórdia que mudança de opinião.²³

Tal visão concilia bem o caráter misericordioso de Deus com sua natureza imutável, razão pela qual muito se aproxima do que de fato pode ter ocorrido no episódio do bezerro de ouro. Uma visão mais conservadora atribui a tais passagens o caráter de mistério, levando em consideração a circunstância de que não é fácil discernir o envolvimento de criaturas finitas com um ser infinito, o que pode resultar em atribuímos a Deus aquilo que não lhe pertence na realidade, como a ideia de arrepender-se.²⁴

Por sua vez, os apologetas Howe e Geisler²⁵ enfrentam melhor a questão, justamente porque abordam seu elemento fundamental: a imutabilidade de Deus. Não é despidendo ressaltar, na linha do que já sustentado neste trabalho, que imutabilidade em Deus não é o mesmo que impassibilidade.

Fixada tal premissa, deixa-se que os ilustres argumentistas despejem luzes sobre a controvérsia:

A atitude de Deus para com o pecado é sempre a ira, mas a sua atitude para com aqueles que o invocam é sempre de misericórdia. Antes de Moisés orar por Israel, eles estavam sob o juízo de Deus. Porém, a intercessão de Moisés pelo povo de Israel levou-os a ficar sob a misericórdia de Deus.

[...]

Quando Moisés disse que Deus se arrependeu, essa foi uma forma figurativa de descrever que a intercessão de Moisés teve êxito em mudar o relacionamento do povo de Israel com Deus. Ele tirou a nação do juízo de Deus e a trouxe para a misericórdia de sua graça. Deus não muda, nem muda de ideia, nem de vontade; sua natureza é imutável.²⁶

²³ HAMILTON, 2015, p. 255.

²⁴ CHAMPLIN, 2000, p. 448.

²⁵ HOWE, Thomas; GEISLER, Norman L. **Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

²⁶ HOWE; GEISLER, 2003. p. 92-93.

No mesmo sentido, Berkhof sustenta o envolvimento de Deus nas multiformes relações com os homens, de modo que possa Ele ser associado ao conceito, muito comum em filosofia, de *actus purus*²⁷, a significar um Deus que, embora viva sua vida com os homens, estando cercado, por assim dizer, das mudanças próprias dos relacionamentos humanos, não muda em seu Ser, em seus atributos e em seus propósitos, de maneira que a mudança a Ele atribuída pelas Escrituras não passa de uma alteração na relação que estabelece com os pecadores, quando se arrependem.²⁸

O que se verifica, portanto, nas relações humanas é uma passagem do estado de obstinação pecaminosa para o de sujeição arrependida a Deus. E essa mudança provoca em Deus atitudes diversas que nada tem que ver com a alteração de seu ser, mas, ao reverso, até mesmo reforçam seu caráter inamovível, por mostrarem como Deus reage uniformemente a cada uma dessas situações.

Em termos lapidares,

A santidade imutável de Deus requer que Ele trate o ímpio diferentemente do justo. Quando os justos se tornam ímpios, o tratamento deles deve mudar. O sol não é inconstante ou parcial porque ele derrete a cera e endurece o barro – a mudança não está no sol, mas nos objetos sobre os quais ele brilha.²⁹

Nessa linha, François Turretini defende que atribuir a Deus a possibilidade de arrependimento deve ser entendido, por um lado, em conformidade com o hábito dos homens (*anthrōpopathōs*) e, por outro, em atenção ao comportamento do próprio Deus (*theoprepōs*), de modo a destacar a mudança ocorrida no evento, e não no conselho de Deus, tendo em mira as modificações na coisa determinada, não na vontade do Criador. E o citado autor avança para afirmar que “Promessas e ameaças não cumpridas não servem de argumento em prol de mudança na vontade divina, porque elas eram de caráter condicional, não absoluto”.³⁰

A Bíblia parece deixar claro que Deus muda de atitude em seu relacionamento com os seres humanos, a depender da maneira como estes reagem a seus mandamentos (Sl 78; Êx 32.14; Jn 3.10). Como um ser moralmente perfeito, Deus possui padrões e exigências que devem ser cumpridos. Quando a condição moral do homem muda para o arrependimento em relação a algum mal praticado, Deus muda de atitude para com ele, exercendo misericórdia. Seu estado de ira se desloca em direção ao perdão, transporta-se da maldição para a bênção, muda da rejeição para a aceitação. Tais circunstâncias não provocam em Deus nenhuma

²⁷ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 104. O autor assevera que “Na concepção aristotélica, a distinção entre matéria e A. determina a ordenação hierárquica de toda a realidade, que vai de um limite inferior extremo, que é a *matéria prima* (v.), pura potencialidade indeterminada, até Deus, que é *puro A.*, sem mescla de potencialidade.”

²⁸ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 58-59.

²⁹ CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia Sistemática**. 3.ed. São Paulo: Hagnos, 2013, p. 242.

³⁰ TURRETINI, François; DENNISON JR, James T. (Org.). **Compêndio de teologia apologética**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, vol. 1, p. 280.

melhora ou piora, mas revelam apenas sua luminosa natureza, que ora reflete seu amor eterno, ora sua justiça.³¹

Além disso, Deus pretende se relacionar com o homem pessoalmente e, para tanto, estabelece com este um relacionamento que pressupõe comportamentos pessoais no nível de entendimento de suas criaturas. Por essa razão, por vezes, Deus é representado na Escritura como quem se arrepende ou muda de intenção, mas, na verdade, tais expressões devem ser entendidas como retratos antropomórficos.³²

Heber Carlos Campos chama a atenção para o que denomina de “uma mudança mais séria em Deus” revelada nas Escrituras.³³ Sem ignorar que nos casos em que se atribui a Deus uma mudança de direção está-se diante, como visto, de um antropopatismo ou a atribuição de um sentimento humano ao Criador, o autor ressalta, todavia, que existem “sentimentos” em Deus que são próprios Dele.

Assim é que, em situações particularmente distintas no texto bíblico, a linguagem humana utilizada para descrever o arrependimento de Deus não é somente análoga, como em outros antropopatismos, mas inadequada ou insuficiente para expressar um genuíno sentimento da divindade, como se esta pudesse se arrepender de um modo ou em um sentido diverso daquele percebido e apreendido pelos seres humanos.

Se, por um lado, não se pode apontar qualquer possibilidade de erro, falta de planejamento ou impotência em Deus (Nm 23.19), de modo que Ele venha a retroceder ou mudar suas promessas em razão de um plano mal-feito (Sl 110.4), por outro, há pelo menos uma passagem bíblica que reforça a ideia de que o arrependimento de que se está a tratar não é típico de homens, encontrando-se, ao reverso, na exclusiva esfera do próprio Deus.³⁴

O texto em questão é o de 1 Samuel 15, no qual se pode divisar claramente a existência de duas espécies de arrependimento: o de Deus e o dos homens. O cotejo entre o texto de 1 Samuel 15.11 e o de 1 Samuel 15.29 põe o intérprete diante de duas afirmações paradoxais: Deus se arrepende (v. 11) e ao mesmo tempo não se arrepende (v. 29). Como conciliar tais informações? A única possibilidade, segundo o autor, é considerar que o escritor bíblico está se referindo ao arrependimento de Deus no verso 11 e ao arrependimento dos homens no verso 29.

Dado que a palavra hebraica é a mesma nos dois casos, o sentido, segundo sustentado pelo ilustre teólogo, não pode ser o mesmo. E conclui, dizendo:

Podemos saber com clareza qual é o tipo de arrependimento que os seres humanos sentem, mas não temos condições de saber qual o arrependimento de Deus. Certamente, os dois não são da mesma natureza. [...] As Escrituras não têm uma palavra apropriada para o “arrependimento de Deus” porque nenhum ser humano conhece ou pode expressar esse sentimento, uma vez que ele pertence exclusivamente a Deus. Então, os escritores sacros tentaram expressar um sentimento que é próprio de Deus com uma palavra

³¹ CAMPOS, Heber Carlos de. **O Ser de Deus e os seus Atributos**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 197.

³² FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 217.

³³ CAMPOS, 2012, p. 198.

³⁴ CAMPOS, 2012, p. 198-199.

que expressa um sentimento próprio dos homens. Daí o nome técnico *antropatismo*, ao qual já nos referimos.³⁵

Seja como for, o fato é que Deus não deixou de castigar o povo pela adoração ao bezerro de ouro (Êx 32.35). Parte do povo é que se voltou para Deus em sincero arrependimento. A narrativa mostra que a petição de Moisés “[...] baseava-se inteiramente no caráter e na honra de Deus. Ademais, Moisés não fez nenhuma tentativa de desculpar o comportamento pecaminoso do povo”.³⁶ O que realmente exsurge do texto bíblico é o Deus que trata o arrependimento com misericórdia e a obstinação com juízo.

3.2 Correntes Teológicas – tendências diversas e vozes dissonantes

A essa altura já se pode delinear a existência de um padrão ortodoxo bem definido em relação à ocorrência de uma linguagem antropomórfica utilizada pelos escritores veterotestamentários para explicar o “arrependimento” de Deus. Também já se pode dizer que o Deus da Bíblia permanece imutável em seus desígnios e propósitos, visto que a mudança verificada sempre ocorre no ser humano. Uma última conclusão, contudo, constitui o fundamento das duas primeiras: deve haver um equilíbrio entre os conceitos de imanência e transcendência aplicados a Deus, de modo que um não venha a prevalecer sobre o outro.

É justamente quando se passa a dar maior ênfase a uma dessas manifestações de Deus que as distorções surgem. É dizer, imanência e transcendência devem conviver harmonicamente, sob pena de, ao se privilegiar a primeira, criar-se a alegoria de um deus “sensível” e fraco, ou, ao se superestimar a segunda, construir-se a caricatura de um deus “forte” e ausente.

Os adeptos da teologia do processo engrossam as fileiras do imanentismo teológico, que defende a ideia de um Deus que, de tão próximo da criação, chega a com ela se confundir. Liderados por Alfred North Whitehead, sustentam que a realidade é fundamentalmente dinâmica e em constante desenvolvimento, não existindo em condição estática ou fixa. É como se tudo estivesse em crescimento e progresso contínuos, de maneira que a mudança é o que caracteriza a realidade, que não pode ser entendida através de essências fixas.³⁷

Tais conclusões tem implicações diretas na maneira como esses teólogos passam a enxergar Deus, o qual, sendo também uma realidade, deve ser entendido segundo as mesmas categorias aplicáveis ao restante do mundo fenomenológico à sua volta. Deus teria, então, um elemento fixo e um mutável, que revelaria sua natureza inacabada, e não completa e pronta, como sustentado pela teologia tradicional.³⁸

É como se Deus pudesse somente “influenciar” o processo em curso, estando impotente em relação a tudo que acontece, porque Ele mesmo está em crescimento e desenvolvimento. Para essa teologia, o Deus das Escrituras não é onipotente nem onisciente, mas surpreende-se com a realidade, tal qual o ser humano, visto que Ele não apenas afeta o mundo ao seu

³⁵ CAMPOS, 2012, p. 199.

³⁶ CARSON; FRANCE; MOTYER; WENHAM, 2020, p. 186.

³⁷ ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 302.

³⁸ ERICKSON, 2015, p. 303.

redor, mas também por ele é afetado. Deus seria, então, um mero expectador, que simplesmente aguarda o resultado do processo e reage aos seus efeitos na tentativa de persuadir os atores da história humana.

Charles Hartshorn foi o responsável por desenvolver as ideias básicas de Whitehead, modificando-as em alguma medida. Defendeu, por exemplo, que a ideia de Deus como uma entidade, presente no pensamento de seu precursor, não era sustentável à luz da própria doutrina do processo. Para Hartshorn, Deus seria uma pessoa cuja perfeição não seria afetada pela possibilidade de mudança, mas redefinida e, em certo sentido, aprimorada pela receptividade à mudança. O fato de Deus ser influenciado por outras entidades não lhe diminuiria a estatura, visto que, como Deus, Ele tem a capacidade de em si mesmo superar todos esses seres, mesmo sendo afetado por eles.³⁹

Ao se posicionar nesses termos, a teologia do processo se coloca em posição frontalmente contrária à visão teológica clássica, fundada no testemunho das Escrituras, bem como nos desenvolvimentos do Tomismo aristotélico⁴⁰, que estabelecem um Deus não integrante da ordem temporal e, portanto, não sujeito a mudanças ou afetações próprias do envolvimento ou experiência no mundo.

A teologia tradicional também crê na absoluta perfeição de Deus, não sendo possível concebê-lo em um estágio maior de desenvolvimento e perfeição, como sustentam os teólogos do processo. Deus, então, não poderia evoluir em sua condição plenamente perfeita, dado que tal raciocínio seria não apenas insustentável, sob o ponto de vista lógico, como indefensável à luz do texto bíblico.⁴¹

Não obstante as razões da teologia tradicional, o fato é que o texto inspirado das Escrituras não mais satisfaz o desejo irrefreável daqueles que pretendem ir além dele, para dar-lhe uma explicação humanamente “adequada”. Assim é que nasce o teísmo aberto, que encontra suas raízes no liberalismo teológico, expressão maior da heterodoxia cristã.

Surgido nos anos de 1986, com o ensaio *God limits his knowledge*, de Clark Pinnock, o teísmo aberto “...cruzou em silêncio a fronteira do evangelicalismo [...], fixou residência ali e agora move um processo de usucapião [...]”, na feliz expressão de A. B. Caneday.⁴²

Mas foi com John Sanders que a heterodoxia camuflada de cristianismo se assumiu como contraponto definitivo à ortodoxia tradicional, apontando uma falha do teísmo cristão, consistente na

‘[...] maneira filosófica grega de falar sobre Deus (impassível, imutável, atemporal etc.)’, em detrimento da ‘[...] maneira antropomórfica (pai,

³⁹ MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd, 2005, p. 340-341.

⁴⁰ Um dos fundamentos da filosofia de Tomás de Aquino é a analogicidade do ser, termo usado para se referir à criatura não com um significado idêntico, mas apenas semelhante ou correspondente ao ser de Deus (ABBAGNANO, 2012, p. 1144).

⁴¹ MCGRATH, 2005, p. 341-342.

⁴² CANEDAY, In: PIPER, TAYLOR, HELSETH, 2006, p. 180.

mutável, sofredor etc.). A igreja seguiu esse caminho por tanto tempo que hoje aceita, sem questionamento, essa maneira de pensar'.⁴³

Embora Sanders pareça sair em defesa do antropomorfismo, a verdade é que os teístas abertos não empregam a imagem de Deus como retratos antropopáticos ou analógicos Dele próprio, mas com o fim de descrever Deus como Ele realmente é. Usam as analogias criadas de Deus para afirmar que elas expressam exatamente o que Ele é.

Por todos, cita-se uma vez mais A. B. Caneday, para quem,

Todos os antropomorfismos e os antropopatismos são inerentemente referenciais, pois envolvem analogia. Eles esboçam similaridade e dissimilaridade implícitas entre Criador e criatura. A falácia referencial do teísmo aberto inverte essa analogia implícita e intrínseca à automanifestação de Deus em semelhança humana. O erro é esquecer que somos analógicos a Deus e considerar a nós mesmos como ponto de referência fundamental para atribuições a Deus.⁴⁴

Em suma, os teístas abertos se negam a atribuir um sentido figurado aos autorretratos antropomórficos de Deus, tais como, “Deus mudou de ideia”. E assim o fazem por entender que, se essas passagens expressam o ser de Deus em um sentido meramente figurado, não permitem o acesso a seu verdadeiro conhecimento, fornecendo, em verdade, um pseudorretrato.⁴⁵

Não se pode perder de vista o fato de que toda busca para conhecer Deus como Ele realmente é mostra-se enganosa. O Deus das Escrituras, ao mesmo tempo em que se revela a nós, também se esconde de nós, para não nos consumir. Dessa forma, toda tentativa de conhecer Deus deve ser conduzida por sua Palavra revelada, sob pena de terminar por trocar a glória de Deus pela imagem e semelhança da criatura, equívoco insanável no qual incorre o teísmo aberto.⁴⁶

Contudo, os esforços dos teístas abertos em produzir um arremedo de Deus ou uma imagem algo distorcida de sua essência e caráter tem desdobramentos ainda mais graves. Considera a ideia de um deus que leva em conta a ação e o pensamento de suas criaturas como determinantes de sua própria ação futura. Em outros termos, a resposta humana condiciona a resposta de Deus, de maneira tal que não é a vontade de Deus que molda o futuro da humanidade, mas a própria vontade humana.⁴⁷

Dito de outro modo, o teísmo aberto acredita firmemente que o homem pode “dobrar” Deus a partir de argumentos, como teria ocorrido na passagem objeto do presente estudo. Para Fratheim,

Mesmo que não devamos considerar que Deus não tinha pensado antes nesses argumentos, vê-los articulados de forma contundente por alguém que foi convidado a deliberar sobre o futuro de Israel, coloca-os em um novo

⁴³ CANEDAY, In: PIPER, TAYLOR, HELSETH, 2006, p. 181.

⁴⁴ CANEDAY, In: PIPER, TAYLOR, HELSETH, 2006, p. 184.

⁴⁵ CANEDAY, In: PIPER, TAYLOR, HELSETH, 2006, p. 185.

⁴⁶ CANEDAY, In: PIPER, TAYLOR, HELSETH, 2006, p. 189.

⁴⁷ PRATNEY, Winkie A. **A natureza e o caráter de Deus**: a magnífica doutrina da salvação ao alcance de todos. São Paulo: Vida, 2004, p. 239.

patamar. Isto é, Deus considera a contribuição de Moisés com extrema seriedade. [...] Deus trata a conversão de Moisés de forma íntegra, e honra a percepção humana como um importante ingrediente ao moldar o futuro. Se Moisés pensa essas coisas, elas assumem uma nova significância que não tinham quando tratadas isoladamente pela mente divina [...].⁴⁸

Tal perspectiva ignora o fato de que Deus pode muito bem usar as orações como um instrumento de realização de sua soberana vontade. Faz muito mais sentido, à luz das Escrituras, que o Deus soberano se utilize da intercessão de seu povo como a ferramenta misericordiosa de realização de seus desígnios. Ele poderia simplesmente agir por si mesmo e desconsiderar completamente a ação humana, mas prefere interagir com o ser humano, de modo a fazer com que as coisas aconteçam neste mundo sem prejuízo da liberdade humana de aderir ou não a seus insondáveis propósitos. É preciso atentar para a circunstância de que a oração não muda a mente de Deus, mas tão somente o estado das coisas.⁴⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interpretação das Escrituras não pode se dar sem o conhecimento do Deus das Escrituras. Essa é a primeira conclusão a que se deve chegar quando se busca sinceramente compreender passagens como a de Êxodo 32.14.

Decorrência dessa compreensão da revelação divina tem-se que Deus planejou a Criação para revelar sua glória, e fez o homem à sua própria imagem para que essa revelação comunicasse algo Dele ao nosso próprio ser. Em certo sentido, somos a expressão e o veículo dessa auto manifestação divina.

Assim é que tudo na revelação de Deus se refere à semelhança de Deus em nós; é, por assim dizer, análogo a Deus, de modo que a Bíblia não apenas contém antropomorfismos, mas é, em si mesma, antropomórfica, porque consiste no discurso de Deus aos homens em linguagem humana.⁵⁰

Não devemos, portanto, evitar a linguagem antropomórfica, tendo em mira o fato de que a Bíblia está repleta de imagens verbais. Por outro lado, não podemos dar a ela uma interpretação que ultrapasse os limites do próprio antropomorfismo, igualando Deus a um ser que com ele apenas se assemelha.

Conclui-se, assim, na esteira de Caneday⁵¹, que a interpretação que fazemos da revelação divina não começa conosco e se move na direção de Deus, mas se inicia com Ele e nos atinge em cheio. É por essa razão que o texto aqui estudado, antes de revelar um deus indeciso e pusilânime, mostra a verdadeira face de um Ser compassivo, misericordioso e ao mesmo tempo imutável.

⁴⁸ FRATHEIM, 1984 *apud* PRATNEY, 2004, p. 239-240.

⁴⁹ SPROUL, Robert Charles. **A oração muda as coisas?** São José dos Campos: Fiel, 2012, p. 21.

⁵⁰ CANEDAY, In: PIPER, TAYLOR, HELSETH, 2006, p. 239.

⁵¹ CANEDAY, In: PIPER, TAYLOR, HELSETH, 2006, p. 240.

REFERÊNCIAS

- A confissão de fé de Westminster.** São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia.** 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ARCHER JR, Gleason L. **Panorama do Antigo Testamento.** 4.ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática.** 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- CAMPOS, Heber Carlos de. **O ser de Deus e os seus atributos.** 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- CANEDAY, A. B. Glória Velada. In: PIPER, J.; TAYLOR, J.; HELSETH, P. K. **Teísmo aberto: uma teologia além dos limites bíblicos.** São Paulo: Vida acadêmica, 2006, p. 179-242.
- CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. **Comentário bíblico Vida Nova.** São Paulo: Vida Nova, 2020.
- CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia sistemática.** 3.ed. São Paulo: Hagnos, 2013.
- CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo.** São Paulo: Candeia, 2000.
- CHEUNG, Vincent. **Introdução à teologia sistemática.** São Paulo: Arte Editorial, 2008.
- CRAIG, William Lane. **A razão da nossa fé: respostas à perguntas difíceis sobre Deus, o Cristianismo e a Bíblia.** São Paulo: Vida Nova, 2018.
- ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2015.
- FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual.** São Paulo: Vida Nova, 2007.
- GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática atual e exaustiva.** São Paulo: Vida Nova, 1999.
- HAMILTON, Victor P. **Manual do Pentateuco.** Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- HOWE, Thomas; GEISLER, Norman L. **Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia.** São Paulo: Mundo Cristão, 2003.
- LASOR, W. S.; HUBBARD, D. A.; BUSH, F. W. **Introdução ao Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2002.
- MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã.** São Paulo: Shedd, 2005.
- PRATNEY, Winkie A. **A natureza e o caráter de Deus: a magnífica doutrina da salvação ao alcance de todos.** São Paulo: Vida, 2004.
- SPROUL, Robert Charles. **A oração muda as coisas?** São José dos Campos: Fiel, 2012.

TURRETINI, François; DENNISON JR, James T. (Org.). **Compêndio de teologia apologética**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. Vol. 1.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2014.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n2.008



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

ACONSELHAMENTO PASTORAL: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E SUA RELEVÂNCIA NO ÂMBITO EVANGÉLICO ATUAL

PASTORAL COUNSELLING: A HISTORICAL APPROACH AND ITS RELEVANCE IN THE CURRENT EVANGELICAL FRAMEWORK

Régis Carvalho Bueno¹

RESUMO

O presente artigo visa tratar dos aspectos históricos, conceituais e teológicos acerca do Aconselhamento Pastoral, buscando apresentar as origens da prática do Aconselhamento nos filósofos da Grécia antiga, demonstrar como o Aconselhamento se deu no contexto do povo de Israel no período do Antigo Testamento, bem como o tratamento e a importância teológica de tal tema no Novo Testamento, através do exemplo de Jesus, de sua delegação da missão aos apóstolos e da atuação do Espírito Santo como consolador / conselheiro. Além de trazer um breve relato da evolução na História da Igreja, buscando demonstrar a relevância do Aconselhamento Pastoral no séc. XXI

Palavras-chave: Aconselhamento Pastoral. Conselheiro. Aconselhamento. Pastor.

ABSTRACT

The present article aims to address the historical, conceptual and theological aspects of Pastoral Counseling, seeking to present the origins of Counseling practice in ancient Greek philosophers, to demonstrate how Counseling took place in the context of the people of Israel in the Old Testament period, as well as as the treatment and theological importance of the theme in the New Testament, through the example of Jesus, his delegation of the

¹ Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná – FABAPAR, Pós-graduado *latu sensu* em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Alvorada Paulista – FAP, Pós-graduado *latu sensu* em Psicologia e Aconselhamento Pastoral pela Universidade Paranaense - UNIPAR, Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana – FTSA. Pastor na Igreja Batista Independente de Campo Bom e Professor no Seminário Teológico Batista Independente do Sul – STBISUL. E-mail: mp-2022-regis@fabapar.com.br

mission to the apostles and the action of the Holy Spirit as a comforter / counselor. In addition to bringing a brief account of the evolution in the History of the Church, seeking to demonstrate the relevance of Pastoral Counseling in the 21th century.

Keywords: Pastoral Counseling. Counselor. Counseling. Shepherd. Priest.

INTRODUÇÃO

O termo Aconselhamento Pastoral tem entrado em voga nos últimos anos, dadas as grandes mudanças pelas quais a nossa sociedade tem passado. Embora a prática do Aconselhamento Pastoral sempre tenha sido desempenhada ao longo da história da igreja e suas origens remontem ao Antigo Testamento, tendo ainda recebido uma nova dimensão no Novo Testamento, alguns desconsideraram a sua existência antes da metade do séc. XX.

Já os filósofos gregos apontavam para a necessidade da prática do aconselhamento, e alguns dos grandes pensadores se destacaram por serem conhecidos como “curadores da alma”. No mundo do Antigo Testamento, o patriarca era o grande conselheiro da família, função posteriormente exercida pelos juízes, pelos sacerdotes e reis, e por toda a sorte de sábios leigos que tinham a capacidade de entender os seus pares e os acolherem em seus dilemas.

No Novo Testamento, Jesus se apresenta como um grande Conselheiro, cuidando dos corações das pessoas que o procuravam, missão que posteriormente delegaria a seus discípulos realizarem, através da presença do Espírito Santo, chamado de “outro Consolador”, ou conselheiro. Por fim, durante toda a história da igreja, embora com algumas diferenças peculiares em determinados momentos, o papel de Conselheiro vem sendo exercido por sacerdotes, pastores, líderes, e homens e mulheres comuns ou leigos, interessados em cuidar dos corações aflitos.

A “era da pós-verdade” como vem sendo chamado por alguns o período pós-moderno em que vivemos, tem rejeitado o entendimento dos conceitos de certo e errado, e levado as pessoas a buscar, para os ouvir, apenas quem os tolere sem questionamentos e qualquer juízo de valor, tornando pesada a necessária tarefa de um Conselheiro Bíblico de apontar os erros e pecados do aconselhando diante das Escrituras, o que pode tornar o conselheiro uma mera peça decorativa.

Em uma sociedade marcada pela incessante corrida pelo bem-estar, e que rejeita todo tipo de sofrimento, o Aconselhamento Pastoral corre o risco de tornar-se não mais do que uma terapia de autoajuda induzida, ou mais uma sessão *coach* permeada por clichês evangélicos, em uma suposta neutralidade de “não julgar”, que certamente não produzirá qualquer efeito positivo sobre o aconselhando.

Outrossim, cuide-se que a prática do aconselhamento não deve ser entendida como um tribunal de julgamento ou um confessionário de onde se sairá com uma penitência a pagar, mas apresentar o gabinete de aconselhamento como um lugar de cura da alma.

Nesse sentido, faz-se importante resgatar as origens dos termos e das práticas de aconselhamento para buscar reconhecer o que os antigos filósofos tinham a dizer sobre o tema, bem como procurar conceituar corretamente o que seria ou não uma prática de

Aconselhamento Pastoral e por fim discorrer brevemente sobre as bases teológicas Vêtero e Neo Testamentárias inerentes a esse tema, que podem jogar alguma luz sobre a prática do Aconselhamento Pastoral no contexto do séc. XXI.

1. A ORIGEM HISTÓRICA DO TERMO ACONSELHAMENTO

Desde os primórdios, o ser humano sempre demonstrou a necessidade de relatar suas dificuldades, conquistas, anseios e medos à outra pessoa. Até o grande filósofo Sócrates já se pronunciava sobre essa questão intitulando-se um “parteiro de almas”, uma vez que seu maior anseio era que as pessoas fossem reveladas a si mesmas através de seus próprios relatos e desabafos.

Seguindo este mesmo pensamento temos Antifon de Atenas, um contemporâneo de Sócrates que viveu entre 480 e 421 a.C., o qual se destacou por ter alcançado um conceito muito bem delineado sobre os relacionamentos de ajuda baseados em relatos pessoais dos indivíduos. Antifon era um encorajador de que todos aqueles que o procuravam, os quais tratava como pacientes, relatassem acerca de suas necessidades, dores e medos, e após ouvir os relatos, “retomava o conteúdo e o estilo de sua fala para realizar ‘um novo enquadramento’ dando-lhes uma nova visão da realidade”.²

Ainda, os mesmos autores Jacques & Claire Poujol, em sua obra Manual de Relacionamento de Ajuda, falam sobre Antifon, mencionando que na residência desse grande mestre, em Corinto, próximo a Ágora, havia uma inscrição sobre ele que assim dizia: “tinha o poder de curar com as palavras”.³ Historicamente há de se atentar para fato importante ocorrido entre 1920 e 1930 nos Estados Unidos, quando do surgimento de um movimento de cooperativismo entre médicos e pastores, intitulado “Movimento da Clínica Pastoral”, o qual uniu a formação terapêutica e teológica em prol de um aconselhamento completo, que viesse a tratar todas as áreas do ser humano com eficiência e destreza.⁴

Posteriormente, na Europa, no ano de 1960, ocorreu a adesão da psicologia ao Movimento da Clínica Pastoral, o que segundo, Schneider-Harpprecht “promoveu a recepção de conhecimentos psicológicos e psicoterápicos no aconselhamento”.⁵ Imperioso ressaltar que atualmente esse movimento encontra-se ativo em diversos países, os quais primam por um sistema onde haja a formação clínica e teórica para obreiros da igreja em aconselhamento pastoral o qual “começa a deixar marcas na formação teológica em algumas igrejas evangélicas da América latina”.⁶

Gary Collins menciona em seu livro que muitos outros autores têm demonstrado uma tendência na utilização da psicologia para alcançar um aconselhamento efetivo. Ele ainda menciona que:

² POUJOL, Jacques; POUJOL, Claire. **Os conflitos**. São Paulo: Vida, 2005, p. 23.

³ POUJOL, Jacques; POUJOL, Claire. **Manual de relacionamento de ajuda: conselhos práticos para acompanhamento psicológico e espiritual**. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 12.

⁴ LÉON, Jorge A. **Introdução à psicologia pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 117.

⁵ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph. **Teologia prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 1990, p. 302

⁶ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 302.

o alvo ulterior e abrangente do aconselhamento é a evangelização e o discipulado, que os indivíduos tenham vida em abundância na terra e a vida eterna prometida aos crentes. Que procura integrar a psicologia moderna e o cristianismo bíblico.⁷

O poder de curar com as palavras é um método utilizado desde as primeiras relações humanas, e antes mesmo de Sócrates e Antífon, temos relatos na Bíblia Sagrada acerca do poder terapêutico das palavras, como podemos verificar em Provérbios 12.18 onde está relatado que “...a língua dos sábios é medicina”.

2. O CONCEITO BÍBLICO DE ACONSELHAMENTO E AS BASES TEOLÓGICAS

A utilização do aconselhamento ocorre já no Antigo Testamento (AT) e frise-se que nesta oportunidade ele era mais voltado na busca do ser humano em resgatar o relacionamento com Deus. Schneider-Harpprecht menciona que “a antropologia do AT não separava mente, alma e corpo, mas entendia o ser humano de maneira integral e relacional”.⁸ Desta forma entende-se que toda e qualquer perturbação relacionada a Deus não afetava somente alguma área isolada, mas todo o ser humano.

O aconselhamento no Antigo Testamento, como verifica-se através do registro constante em Provérbios 4, era função exercida pelos sacerdotes, juízes, anciãos e profetas, mas primariamente era realizado por homens considerados sábios, que eram responsáveis por transmitir conselhos dotados de sabedoria para seus filhos. Em contrapartida, no Novo Testamento (NT), Schneider Harpprecht recorda que “se segue uma prática que integra cura espiritual e física, aconselhamento, culto, interpretação das leis divinas e da sabedoria popular”.⁹

O próprio Jesus se apresenta a todos como aquele que veio para reconciliar Deus e o homem, através de virtudes como o perdão e o amor, de tal forma que o ser humano passou a viver baseado nesse amor e perdão de Deus por intermédio de Jesus Cristo. Essas bases apresentadas por Jesus, quais sejam o amor e o perdão são o que norteiam até hoje o aconselhamento cristão.

Schneider-Harpprecht menciona que:

a palavra *paraclesis* (admoestação, consolação) tornou-se o conceito chave para o aconselhamento no NT e seu fundamento é a misericórdia de Deus que justifica o pecador (Rm 12.1). A *paraclesis* desafia os crentes a realizar uma identificação com Jesus Cristo que os fortalece, lhes dá paciência e esperança (2Co 1.6s).¹⁰

Ainda, o mesmo autor segue afirmando que a *paraclesis* serve para a edificação do corpo de Cristo, sendo um termo usado pelo Apóstolo Paulo para apresentar “a oferta de salvação

⁷ COLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. Tradução Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 304.

⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 294.

⁹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 295.

¹⁰ SCHNEIDER-HARPPRECHT 1990, p. 295.

através da relação com Cristo que a pregação do evangelho leva até as pessoas”.¹¹ Entende-se, portanto, que na Nova Aliança, todos os cristãos estão habilitados e devem estar engajados no aconselhamento, visto que “são os agentes do aconselhamento, e a cura depende da qualidade espiritual da pessoa”.¹²

Ainda, segundo Schneider-Harpprecht, o Pietismo foi quem desenvolveu a forma de aconselhamento onde pela primeira vez, surgiu a conversação livre, a pessoa podia falar de seus problemas independente da situação de penitência, e ainda menciona que o período do pietismo era “caracterizado pela fé pessoal, nas experiências de conversão e na santificação”¹³, de forma que as questões sociais, familiares ou físicas não eram consideradas de forma tão acurada como seriam a partir do racionalismo.

Foi nesse período que a capelania hospitalar surgiu como uma forma de acompanhamento dos doentes, em que os ministros iam até os necessitados com vistas à salvação das almas, ainda sem alguma preocupação maior com a situação do corpo e de saúde, e nem mesmo com as questões sociais. Foi só com a ascensão do racionalismo que:

o aconselhamento rompeu essa tradição, entendendo a conversação pastoral como diálogo entre amigos em que o pastor tinha a tarefa de animar pessoas, procurar melhorá-las moralmente, consolá-las e fornecer ajuda concreta através de conhecimentos de medicina e psicologia.¹⁴

Em um sentido amplo pode-se dizer que todos os temas da teologia estão inseridos no aconselhamento, como por exemplo: Deus, Cristo, a humanidade, o pecado, a cristologia, a soteriologia, a santificação e a escatologia. Um Aconselhamento Pastoral certamente considerará as respostas que a Bíblia dá para as mais diversas circunstâncias.

No livro *Aconselhamento Cristão Transformador*, Antônio Carlos Barro traz o conceito de que existem certos temas que sempre estarão presentes na tarefa do aconselhamento, sendo eles a nossa ideia de Deus, a dignidade da pessoa humana e a salvação como plenitude humana.¹⁵ Desta forma deve-se levar em conta o conceito e entendimento a respeito de Deus que o aconselhando possui, como um fator de acentuada influência no deslinde do aconselhamento:

Pensemos nas ideias que as pessoas em nossa cultura latino-americana têm em comum a respeito de Deus. Uma dessas imagens, abundantes na narrativa latino-americana, é a de um Deus cruel e algoz. (...) Não obstante o diálogo reflete o que muitas pessoas pensam sobre Deus: implacável e cruel, que tem prazer em penitenciar os seres humanos.¹⁶

Ainda, Barro considera que há outra imagem igualmente equivocada a respeito de Deus, qual seja:

¹¹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 295.

¹² SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 295.

¹³ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 301.

¹⁴ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 301.

¹⁵ BARRO, Antônio Carlos. **Aconselhamento cristão transformador**. Londrina: Descoberta, 2006, p. 17.

¹⁶ BARRO, 2006, p. 19.

a de uma espécie de Papai Noel, um velhinho bondoso que está disposto a atender nossos pedidos mais estranhos e extravagantes. É o polo oposto da imagem anterior. Neste caso trata-se de um Deus que está a serviço dos seres humanos para ser manipulado segundo os seus caprichos.¹⁷

Exatamente neste ponto salta aos olhos a questão acerca da correta imagem de Deus: o conceito de Deus deve ser baseado nas Escrituras, que o retratam como um Deus justo, fiel e amoroso, sem exaltar a justiça em detrimento do amor, e sem que o amor impeça a aceitação da justiça divina.

Outro ponto determinante a ser considerado é a dignidade da pessoa humana, sendo este um conteúdo teológico fundamental para o aconselhamento. Para tal é útil e proveitosa a base bíblica encontrada em Gênesis 1.27, onde está relatado que o homem e a mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus e por essa razão não cabe ao conselheiro ter determinadas atitudes com o aconselhando que o denigrem ou o condicione a uma posição subalterna ou inferiorizada, consoante a afirmação de Barro:

O fato do ser humano ser pecador não deve conduzir o conselheiro a menosprezar quem vier consultá-lo. Por mais corrompida que a pessoa possa ser, nunca perde a imagem de Deus e merece nosso respeito. Nesse sentido, é importante levar em conta a atitude de reconhecimento do outro que quer dizer, a alteridade.¹⁸

Assim, torna-se imperioso frisar que o aconselhando merece o respeito do conselheiro porque também foi criado à imagem e à semelhança de Deus e, ainda, é mister considerar a salvação como plenitude humana, a qual assim como os demais conceitos deve ter uma base teológica sólida e firmada nas escrituras. Desta forma, acerca da salvação, a Escritura afirma que a salvação se dá tanto no sentido transcendente, isto é, o homem é salvo da morte eterna, como no sentido histórico, qual seja, o desfrutar imediato dos benefícios da salvação.

3. A PERTINÊNCIA DO ACONSELHAMENTO PASTORAL COMO FERRAMENTA NO CONTEXTO EVANGÉLICO ATUAL

Decorridos os séculos desde os antigos filósofos da Grécia antiga, e até mesmo dos patriarcas bíblicos, o relacionamento de ajuda através das palavras, baseado no relato de uma pessoa e na escuta de outra que, após analisar tais fatos irá intervir com sua opinião e conselhos, continua sendo utilizado como um método cada vez mais eficiente e necessário.

Há de se convir que tal técnica demonstrou grande avanço nos últimos anos, influenciada por diversos estudos e avanços da própria ciência, que permitiu um aprofundamento do conhecimento acerca da psiquê humana. Neste ínterim, acerca dos relacionamentos de ajuda, percebe-se um de grande destaque, o qual tem conquistado seu espaço e credibilidade ao longo dos tempos, qual seja o aconselhamento pastoral.

O Aconselhamento Pastoral está enquadrado como um relacionamento de ajuda, e é apenas uma das muitas atividades ministeriais atinentes às funções da igreja, o qual define-se

¹⁷ BARRO, 2006, p. 19.

¹⁸ BARRO, 2006, p. 23.

como uma fase de relacionamento que se dá de maneira única, através da comunicação interpessoal entre o pastor e um membro de seu rebanho.¹⁹

A expressão em português Aconselhamento Pastoral tem origem no termo inglês *pastoral counseling*, e denota a ideia de que tal função seria uma atividade exclusiva e atinente ao pastorado.

Schneider-Harpprecht, ao discorrer sobre o tema Aconselhamento Pastoral, afirma que seria possível, e até desejável, juntar ao termo *pastoral counseling* a palavra grega *Poimênica*, de forma que esta junção de palavras poderia ser definida como “o ministério de ajuda da comunidade cristã para os seus membros e para outras pessoas que a procuram na área da saúde através da convivência diária no contexto da igreja”.²⁰

Assim, poder-se-á dizer que o aconselhamento pastoral é “uma dimensão da *Poimênica* que procura ajudar através da conversação e outras formas de comunicação metodologicamente refletidas”.²¹ Já Paul Johnson define o aconselhamento pastoral como “uma relação responsiva emergindo da necessidade expressa de vencer trabalhosamente as dificuldades por meio da compreensão emocional e crescente responsabilidade”.²²

Roseli M. Kühnrich de Oliveira, em sua obra *Cuidando de quem cuida*, trará ainda uma nomenclatura diversa de conselheiro pastoral, chamando-o de cuidador pastoral, conceituando-o da seguinte forma:

Entende-se como cuidadores pastorais aquelas pessoas que exercem seus ministérios em igrejas, comunidades, paróquias, células, grupos caseiros, escolas, seminários e outras situações nas quais esta atuação é reconhecida como tal.²³

Desta forma admitir-se-á que diversas nomenclaturas poderão ser utilizadas, como por exemplo pastor, cuidador, ministro e conselheiro, sendo que ao longo desse trabalho todas essas palavras serão consideradas como sinônimos no tocante à função do conselheiro.

O Aconselhamento Pastoral atenta para as necessidades pessoais do indivíduo, em qualquer área de sua vida, seja espiritual, emocional, financeira, corporal, dentre tantas outras. Para James Mannoia o aconselhamento pastoral eficaz está baseado no senso de responsabilidade entre duas pessoas em relacionamento, razão pela qual tanto o conselheiro quanto o aconselhando teriam responsabilidades a serem assumidas.²⁴

Neste ínterim, a responsabilidade por parte do pastor, ora conselheiro, seria a de reconhecer sua obrigação para com aquele que está lhe solicitando ajuda, devendo ser honesto consigo mesmo e com o aconselhando. Mannoia menciona que “Embora não possa deixar de executar a sua tarefa ministerial, por outro lado, não deve explorá-la como

¹⁹ LÉON, 1996, p. 22.

²⁰ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 289

²¹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 289

²² JOHNSON, Paul. **Psychology of pastoral care**. Tradução de Emilia Rezende Abreu. New York: Abingdon, 1953, p. 73.

²³ OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich de. **Cuidando de quem cuida**. Joinville: Grafar, 2012, p. 25.

²⁴ MANNOIA, V. James. **Aconselhamento pastoral**. São Paulo: Redijo, 1981, p. 17.

desobrigação do seu senso de responsabilidade pessoal”²⁵, deixando claro que o pastor tem tanto a responsabilidade de trabalho com o coletivo da congregação, em relação à pregação e administração, quanto a tem nas questões individuais de aconselhamento.

Em contrapartida, da parte do que busca o conselho, ou seja, do aconselhando, deve haver o senso de responsabilidade pela tomada da iniciativa e pelas consequências da busca do conselho. O aconselhando deve estar ciente de que depende de si mesmo a iniciativa de mudança ou correção de rumos. Sobre o aconselhando James Mannoia também se manifesta dizendo que “na interação do aconselhamento ele deve estar aberto para o seu verdadeiro ego e pronto a assumir a sua carga na terapia pessoal”.²⁶

Para Schneider-Harpprecht o aconselhamento acontece quando as pessoas convivem, participam e comunicam-se sobre as dificuldades no grupo familiar, no trabalho, na igreja, ou seja, nas diferentes relações sociais. A sua base social é a convivência no contexto da igreja e é uma dimensão da *Koinonia*, ou comunhão.²⁷

Para o mencionado autor, o objetivo do aconselhamento pastoral é: “descobrir com as pessoas em diferentes situações da sua vida e especialmente em conflitos e crises, o significado concreto da liberdade cristã dos pecadores cujo direito de viver e cuja autoaceitação vêm da graça de Deus”.²⁸ Faz parte também dos objetivos do aconselhamento ajudar as pessoas a viverem de maneira consciente e adulta a sua relação com Deus, consigo mesmas e com o próximo.

Schneider-Harpprecht ainda lembra que “o aconselhamento pastoral lida com processos de mudança de identidade, de posturas, pensamentos, sentimentos, relações interpessoais que se refletem no comportamento das pessoas”.²⁹

Assim, pode-se dizer que aconselhar não consiste em uma tarefa fácil, onde apenas dá-se conselhos ou provê-se respostas à algumas perguntas. Não se deve confundir o aconselhamento com ditar regras sobre uma denominação ou entidade, ou ainda, com discorrer sobre pontos de vista teológicos, pois o aconselhamento pastoral é muito mais do que isso. Nenhuma destas formas sequer chega perto do que é atuar como um conselheiro, eis que este deve buscar o íntimo do ser do aconselhando, alcançando aquele lugar onde realmente a vida do indivíduo é desenvolvida e formada.

Para James Mannoia o aconselhamento pastoral “está aquém da comunicação empática e não opinativa que suscita um crescimento espontâneo no íntimo do indivíduo”.³⁰ E ainda, como menciona Edgar Jackson, “o aconselhamento pastoral é uma pesquisa do significado último da vida na própria natureza do indivíduo e na mais profunda natureza dos outros”.³¹

Para que reste clara a definição do assunto aqui tratado, adota-se o conceito de Seward Hiltner acerca do aconselhamento em geral, o qual assim preceitua:

²⁵ MANNOIA, 1981, p. 18.

²⁶ MANNOIA, 1981, p. 18.

²⁷ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 292

²⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 293.

²⁹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 293.

³⁰ MANNOIA, 1981, p. 18.

³¹ JACKSON, Edgar N. **The pastor and his**. New York: Channel Press, 1963, p. 142.

O aconselhamento não é um processo mecânico, mas um relacionamento interpessoal em que duas pessoas se engajam no processo de esclarecer os sentimentos e problemas de alguém, e concordam em que isto é exatamente o que estão pretendendo fazer.³²

Ainda, o mesmo autor define o conceito de aconselhamento, especificamente no que tange ao âmbito pastoral, diferenciando-o do aconselhamento em geral: “Em termos de atitude básica, aproximação e método o aconselhamento pastoral não difere do aconselhamento eficaz realizado por qualquer tipo de aconselhador”.³³

A diferença então se dará em “termo da situação em que o aconselhamento é realizado”.³⁴ No aconselhamento pastoral, o pastor dispõe de “recursos religiosos de que se pode lançar mão” além de possuir uma “dimensão na qual o pastor precisa ver todo o crescimento humano e todos os problemas do homem”.³⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado, o aconselhamento como uma prática e sua necessidade são parte da realidade humana desde a antiguidade até o presente, dadas as circunstâncias da vida no contexto terreno e, embora por muito tempo não houvesse uma disciplina em torno do tema, a realização do mesmo se deu, em muitos casos, de forma empírica e não-intencional.

Visto que, desde os filósofos gregos, aos escritores do Antigo Testamento, encontram-se inúmeros relatos e indicações de tais práticas, o aconselhamento não pode ser considerado como algo inerente somente à atual cultura. Do contrário, ao perceber a evolução de tal tema no decorrer dos séculos e nas diferentes culturas e sociedades, a compreensão de como as comunidades e civilizações antigas trataram o tema certamente contribuirão para que os atuais conselheiros se tornem mais aptos e capacitados para os desafios de aconselhamento no século XXI.

Tomando como base o conceito de que o aconselhamento nada mais é do que uma relação consciente e intencional entre dois indivíduos, os quais buscarão o entendimento e as soluções para o sofrimento do aconselhado, e sendo essa uma relação pautada no mútuo respeito e entendimento não só das limitações, mas também das virtudes e valores inerentes a cada ser humano criado à imagem de Deus, é imperioso lembrar que, embora o aconselhamento pastoral não difira, em muitos aspectos, de qualquer outro tipo de aconselhamento, é o respeito aos papéis de ambos os agentes, bem como a manutenção da Escritura e seus preceitos como base de todo o processo que tornarão o aconselhamento pastoral uma tarefa singular com contribuições singulares ao aconselhando.

Manter a consciência do papel fundamental do Conselheiro como um ajudador, certamente ajudará o ministro a estar disposto a buscar, a partir dos fundamentos bíblicos, orientações e conselhos sábios, que levem em conta todos os grandes temas cristãos como

³² HILTNER, Seward. **The Counselor in Counseling**. New York: Abingdon, 1952, p. 11.

³³ HILTNER, 1952, p. 12.

³⁴ HILTNER, 1952, p. 12.

³⁵ HILTNER, 1952, p. 12.

Deus, o homem e seu estado caído, a redenção em Cristo e a esperança escatológica, e aplicá-los ao contexto do aconselhando, proporcionando, assim, não um conjunto de respostas prontas, mas uma orientação sincera, ética e bem amparada para que o aconselhando tenha liberdade em tomar suas próprias decisões e se sinta, ao mesmo tempo seguro em relação a seu conselheiro e responsável em relação à sua própria vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. 2.ed. São Paulo: SBB, 2009.

BARRO, Antônio Carlos. **Aconselhamento cristão transformador**. Londrina: Descoberta, 2006.

COLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. Tradução Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004.

HILTNER, Seward. **The Counselor in Counseling**. New York: Abingdon, 1952.

JACKSON, Edgar N. **The pastor and his**. New York: Channel Press, 1963.

JOHSON, Paul. **Psychology of pastoral care**. Tradução de Emilia Rezende Abreu. New York: Abingdon, 1953.

LÉON, Jorge A. **Introdução à psicologia pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

MANNOIA, V. James. **Aconselhamento pastoral**. São Paulo: Redijo, 1981.

OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich de. **Cuidando de quem cuida**. Joinville: Grafar, 2012.

POUJOL, Jacques; POUJOL, Claire. **Manual de relacionamento de ajuda**: conselhos práticos para acompanhamento psicológico e espiritual. São Paulo: Vida Nova, 2006.

POUJOL, Jacques; POUJOL, Claire. **Os conflitos**. São Paulo: Vida, 2005.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph. **Teologia prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 1990.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n2.009

Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

MULHERES NO CONTEXTO DAS ESCRITURAS, IDENTIDADE E PAPEIS QUE GERAM POSICIONAMENTOS WOMEN IN THE CONTEXT OF SCRIPTURES, IDENTITY AND ROLES THAT GENERATE POSITIONS

Shirlei Lopes de Oliveira Souza¹

RESUMO

A finalidade da pesquisa é de compreender como a mulher cristã pode desempenhar seus papéis ao manter a mente de Cristo e glorificar a Deus. O objetivo eleito visa descrever sobre a influência exercida por mulheres a partir da perspectiva bíblica. O problema parte da seguinte questão: que princípios podem ser extraídos da ação de mulheres no contexto bíblico e que possam ajudar na ação de mulheres cristãs deste tempo? O tipo de pesquisa é o bibliográfico e descritivo, pois o fundamenta-se em aportes teóricos que ajudam no tratamento do objeto e no processo de argumentação a ser tecido. Considera-se que aliada à missão de ser testemunha de Cristo, a mulher cristã ao exercer seu papel precisa atuar como instrumento para apresentar, a um mundo desesperadamente necessitado, a mensagem de redenção, principalmente, diante do processo de formação em que está envolvida, enquanto pessoa, serve de Cristo e profissional. Ela não pode se distanciar desta missão, porque também expressa o sentido e o propósito de cuidado, ajuda e colaboração com o outro.

Palavras-chave: Mulher cristã. Missão. Prática do serviço.

¹ Mestre em Teologia pela Carolina University. Participante do Grupo de Pesquisa Formação Ministerial e Ensino Bíblico-FORMEB. É graduada em Pedagogia (Universidade Vale do Acaraú). Bacharel em Educação Cristã - (Sibima- Ceará) com reconhecimento pela UFC. Licenciatura em Filosofia pela UFC, Universidade Federal do Ceará. Pós-graduada em Psicopedagogia (Faculdade Plus- Ceará). E-mail: souzas@carolinau.edu

ABSTRACT

The purpose of this research is to understand how the christian women can play their roles in keeping the mind of Christ and glorifying God. The chosen objective is to describe the influence exerted by women from a biblical perspective. The problem arises from the following question: what principles can be extracted from the actions of women in the biblical context that can help in the actions of Christian women in this time? The type of research is bibliographic and descriptive, since it is based on theoretical contributions that help in the treatment of the object and in the process of argumentation to be woven. It is considered that, allied to the mission of being a witness of Christ, the christian woman in exercising her role needs to act as an instrument to present, to a world in desperate need, the message of redemption, especially in view of the process of formation in which she is involved, as a person, servant of Christ and professional. She cannot distance herself from this mission, because it also expresses the meaning and purpose of care, help and collaboration with others.

Keywords: Christian woman. Mission. Practice of service.

INTRODUÇÃO

Observa-se que as mulheres cristãs enfrentam desafios e esses são associados às ações comuns do dia a dia, tais como cumprir com suas responsabilidades, diante dos diferentes e diversos papéis exercidos e que podem ser assim identificados: estudante, mãe, esposa, filha, profissional, pessoa, discípula.

Aprende-se muito com as mulheres mencionadas em enredos e passagens das Escrituras. Observa-se que elas atuaram em dias difíceis da história. Apesar dos momentos críticos, o relato apresenta que em muitas situações, elas se mostraram hábeis no exercício de seu papel, o qual envolvia o seu entendimento sobre a missão que lhe fora designada e ou confiada.

Compreende-se que muitas das mulheres da Bíblia que tiveram grande influência sobre aqueles que estavam ao seu redor, viviam perto de Deus, respeitavam sua Palavra e falavam sob sua autoridade. Elas ganharam o direito de serem ouvidas devido ao seu caráter e compromisso com o reino de Deus.

Apesar de reconhecer a importância de várias mulheres que são descritas na Bíblia, é feita aqui uma seleção de algumas delas para demonstrar a relevância de sua missão em um momento específico da história. Essa seleção não foi feita de maneira aleatória, antes, ao estudar sobre a sua atuação e participação, observou-se o propósito do seu trabalho ou missão, bem como a contribuição efetiva como parte do plano maior de Deus. O problema parte da seguinte questão: que princípios podem ser extraídos da ação de mulheres no contexto bíblico e que possam ajudar na ação de mulheres cristãs deste tempo?

O tipo de pesquisa é o bibliográfico e descritivo, pois o primeiro fundamenta-se em aportes teóricos que ajudam no tratamento do objeto e no processo de argumentação a ser tecido. O segundo, “descreve fato ou fenômeno, apresentado suas características e

especificidades. Sua finalidade é trazer conhecimento e esclarecimento sobre o objeto investigado”.²

Este artigo traz como proposta descrever sobre a atuação e a missão de mulheres que exerceram um papel relevante no contexto do Antigo e do Novo Testamentos, não no sentido de idealização, mas de evidenciar que diante da consciência sobre sua identidade, ocorre determinação, persistência e ousadia em prol da concretização de sua missão.

Não se tem como abordar sobre todas as personagens bíblicas, por isso, elege-se neste trabalho o exemplo de Débora, Abigail, Hulda, Ester, Lídia e Priscila, devido a sua atuação na história, bem como do exercício de sua missão diante de um objetivo a ser alcançado.

1. O RELATO BÍBLICO E A AÇÃO DA MULHER NO DESENVOLVIMENTO DE UMA MISSÃO

A Palavra de Deus registra acontecimentos de uma época bem distante, em que é possível encontrar o relato de atividades e a maneira de ser de algumas mulheres que se tomaram parte ativa no seu dia a dia. A partir de sua atuação é possível aprender sobre alguns princípios e ações que são essenciais a prática dos relacionamentos. Afinal, “o elenco de personagens das mulheres da Bíblia é amplo e variado, incluindo prostitutas e rainhas perversas a profetisas, de mulheres ricas a mulheres exploradas, de mulheres solteiras a casadas e viúvas, de jovens a idosas”.³

Essas mulheres possuíam qualidades e defeitos. Eram fortes, porém frágeis. humildes e vitoriosas. Soberbas e fracassadas. Belas e virtuosas. Esforçadas e, também, delicadas. Elas eram mulheres de carne e osso e expressavam desejos, sonhos, perspectivas e consciência firme de seu propósito e missão. O exemplo de algumas das mulheres citadas na Bíblia pode ser utilizado como referencial de ensino pela mulher cristã na atualidade.

“Aliás em geral, a Bíblia é bem mais liberal com a mulher que outros documentos da época [...]”⁴, isso porque é possível encontrar relatos de mulheres que atuaram em diferentes posições, quer seja de juíza, rainha, profetiza, empreendedora, ajudadora, cuidadora, acolhedora, estrategista e discípulas, “o que enfatiza o papel religioso público da mulher”.⁵

Sobre a criação da mulher, as Escrituras expressam que foi planejada por Deus para que ela pudesse ser auxiliadora do homem (Gn 2.18). Esse papel já evidencia o seu valor atribuído no ato de sua criação. Nesse sentido, é que se pode dizer que sua atuação é caminhar ao lado do marido e juntos enfrentarem os desafios cotidianos. Dentre os desafios está o processo da formação e do desenvolvimento de seus filhos.

Ao considerar o papel de ajudadora atribuído à mulher, percebe-se, por outro lado, que o momento atual da sua vida é de grande cautela. Isso porque, existem escolhas que ela precisa fazer diante do cenário em que se encontra e que é marcado pelo adultério,

² DOMINGUES, Gleyds Silva. **Pesquisa em prática**: orientações e normas de editoração de trabalhos científicos em Teologia. Winston-Salem: Carolina University, 2022, p. 31.

³ SYSWERDA, Jean. **Elas**. São Paulo: Mundo Cristão, 2003, p. 16.

⁴ TOURNIER, Paul. **A missão da mulher**. Viçosa: Ultimato, 2008, p. 145.

⁵ TOURNIER, 2008, p. 145.

desconfiança, traição. Por essa razão, há uma parte considerável de mulheres cristãs que se encontram frustradas e algumas com depressão, outras por renunciaram seus sonhos, outras por terem que estudar e trabalhar para manter a família. Além de encontrar mulheres que tomaram decisões erradas e que impactam negativamente suas vidas, dentre outras situações.

O elenco de personagens das mulheres da Bíblia é amplo e variado, incluindo prostitutas e rainhas perversas a profetisas, de mulheres ricas a mulheres exploradas, de mulheres solteiras a casadas e viúvas, de jovens a idosas. Longe de se tratar de personagens fictícias, são mulheres de verdade, que lutaram contra a tragédia ou foram sua causa; que arriscaram a vida e a reputação por outros, cheias de compaixão e de sabedoria para vencer as dificuldades. Embora nossa cultura seja muito diferente dessas mulheres, compartilhamos muitas reações e preocupações emocionais.⁶

Ao observar essas características, é possível perceber que a mulher tem papel fundamental na vida da sua família e na igreja. Ela trava uma luta com o Maligno e sendo sábia fará como o apóstolo Paulo instrui em Efésios 6.10-20.

A mulher exerce um ministério no mundo. Ela atua. A sua presença se faz sentir. Mesmo quando não aceita as responsabilidades de um emprego remunerado, ela se oferece para as tarefas que visam o bem da comunidade, auxiliando em obras sociais, educacionais ou religiosas. A mulher desta época é enérgica, saudável, dotada de um preparo educacional que maioria das mulheres das gerações passadas não usufrui. Ela julga ser tanto seu dever, quanto seu privilégio, torna-se participante ativa nos afazeres do mundo.⁷

A mulher cristã sabe que a Bíblia é a revelação de Deus para a humanidade, a partir dela se tem conhecimento da ação providencial de Deus na história, além de apresentar princípios que alicerçam a prática e vida de fé. Os princípios ajudam a compreender a vontade de Deus, sendo submissa aos seus mandamentos, estatutos e preceitos.

A mulher cristã reconhece, ainda, que precisa ocupar diferentes papéis, tendo a consciência que sua ação precisa resultar na glória de Deus. Sendo assim, é preciso refletir sobre as filosofias que dominam os pensamentos e que determinam os estilos de vida na geração em que se vive, a fim de reconhecer o quão podem estar distanciados desse propósito. A Bíblia diz que o homem e a mulher agem, conforme eles pensam no seu coração (Pv 23.7).

Observa-se claramente a necessidade que a mulher cristã atual tem em buscar um ponto de equilíbrio diante da sociedade em que se vive. No que diz respeito ao mercado de trabalho, bem como à relação conjugal e familiar é uma linha bastante tênue, em que se faz necessário desenraizar os moldes e padrões culturais de educação impostos pelo feminismo. Dessa forma, ela pode obter êxito em todas as esferas da vida pessoal, familiar e social, obtendo seu devido valor e reconhecimento, evitando diversas frustrações e ainda apontando o caminho para as futuras gerações.

⁶ SYSWERDA, 2003, p. 16.

⁷ CRAWFORD, Maxie. **Mulher cristã, desafio de hoje**. Rio de Janeiro: JUERP, 1981, p. 104.

O lugar da mulher na ordem do governo de Deus (1Co 11.3-16) O versículo 3 é a chave de todo o texto, pois Paulo procura mostrar à confusa Igreja de Corinto, que Deus tem princípios, que Deus tem uma ordem, que Deus não é de confusão. Para tanto ele mostra no versículo 3, uma cadeia de comando que é a ordem de Deus nesta terra. A ordem é: DEUS – CRISTO – HOMEM – MULHER. A igreja de Corinto estava vivendo um caos com relação ao culto público, a ceia do Senhor e aos dons espirituais. Paulo mostrou àquela Igreja uma ordem hierárquica que começa na Trindade e continua na família, na igreja e na nação. O que Paulo estava dizendo é que dentro da ordem da criação, Deus, o Pai, é autoridade sobre o Filho (que é Deus), que Cristo é autoridade sobre o homem e que o homem é autoridade sobre a mulher. Essa hierarquia não tem relação com inferioridade, mas sim com o fato de que Deus criou o homem e a mulher com funções específicas.⁸

Visto algo sobre a natureza do mundo em que a mulher cristã atua, suas filosofias e sua realidade social, é preciso considerar agora as qualidades que ela deverá cultivar e isso irá impactar diretamente no seu ser e no seu agir. O que ela é e faz, sem dúvida, produz impacto no mundo, bem mais do que aquilo que ela realiza.

Ao estudar sobre as mulheres da bíblia e observando os acontecimentos de uma época bem remota, identificam-se relatos de atividades essenciais por elas desempenhadas, bem como a presença de maneiras de ser, agir e decidir, as quais podem ser utilizadas para refletir como isso produziu uma ação decisiva na história, visto que foram reconhecidas como parte ativa e contributiva no desenvolvimento do plano de Deus.

1.1 Débora, a juíza que fez a diferença na história de Israel

A história de Debora é inspiradora e pode-se ler a descrição de sua missão no livro de Juízes 4-5. Sua atuação ensina que sua visão de mundo não era moldada pela situação política da sua época, mas por seu relacionamento com Deus. Embora as mulheres do mundo antigo, geralmente, não se tornassem líderes políticas, Débora foi justamente a líder de que Israel precisava num momento tão crucial da retomada dos rumos de sua história com Deus. Ela era uma profetisa que ouvia a Deus e que cria nele, cuja coragem estimulava o povo, capacitando-o a libertar-se da opressão estrangeira. “Deus levantou Débora para ser mãe em Israel (v. 6-9). [...] Débora se preocupava com a vida espiritual do povo e também com seu bem-estar físico e político”.⁹

Observa-se que o papel de Débora não se limitava ao acolhimento materno do povo, antes incluía as suas ações e posicionamentos em termos sociais e políticos, o que pode pressupor que a esfera espiritual não pode ser dissociada das demais. Essa perspectiva assumida pode ser considerada inovadora para aquele tempo, principalmente por compreender que todas as esferas da vida precisam estar sob a direção de Deus.

É sabido que mulheres líderes na sociedade israelita não era algo comum, mas elas não deixaram de existir, principalmente, quando essa atuação estava associada ao plano providencial de Deus. No período dos juízes, quando Israel achava se enfraquecido

⁸ NICODEMUS, Augustus. **Ordenação de mulheres**: que diz o Novo Testamento? São Paulo: PES, 2006, p. 11.

⁹ WIERSBE, Warren W. **Históricos**: comentário bíblico expositivo. São Paulo: Geográfica, 2017, p. 108.

espiritualmente, em desordem civil e oprimido por seus inimigos. Débora enfrentou o desafio. Ela “lidera o exército com Baraque e conquista a vitória sobre Sísera”.¹⁰ Debora atuou como uma estrategista militar, cujo papel de liderança desenvolveu-se, aos poucos, à medida que sua sabedoria para fazer julgamento veio a se tornar conhecida.

Débora foi a única mulher a manter a posição de juíza em Israel mas não era a única profetisa. Várias outras são mencionadas: Miriã (Êx 15.20), Hulda (II Reis 22.14), Noadia (Ne 6.14), Ana (Lc 2.36) e as quatro filhas solteiras do evangelista Filipe (At 21.9).¹¹

A piedosa Débora tem sido fonte de encorajamento para mulheres de todos os tempos, sua palavra foi decisiva para o povo de Israel, em um tempo em que a justiça e o temor a Deus não estavam sendo observados. A partir da vida de Débora, é possível encorajar uma mulher, quando se sente confinada ou maltratada, insegura quanto ao que é certo ou sobre qual caminho tomar, quando entra em território desconhecido, quando se sente desprezada ou ignorada. Ela pode obter segurança e conforto ao lembrar-se da figura de Débora.

A sabedoria de Débora que se revela nas Escrituras pode ajudar a outras mulheres em momentos de decisão a dependerem de Deus. Sua confiança em Deus é encontrada no relacionamento com ele. Sua coragem é possível de ser alcançada, quando se deposita coração e mente nas mãos de Deus, crendo em suas doces e boas promessas.

1.2 Abigail, uma mulher que age com sabedoria e salva sua casa

A Bíblia apresenta muitos exemplos de vida familiar, mas poucos são os que se podem chamar de famílias ideais. Algumas eram famílias com múltiplas esposas ou esposas estéreis. Outras tinham filhos desobedientes. Ainda há relatos de problemas econômicos, enfermidades, morte ou maridos e esposas que não compartilhavam da mesma fé. Como muitos desses problemas são comuns na atualidade, pode-se pensar que estas situações são normais, contudo, não há como considerá-las assim, porque elas se distanciam da vontade de Deus para a humanidade.

A breve história de Abigail encontra-se no capítulo 25 de I Samuel ela demonstrou ter grande caráter e fé pela forma que confiou no tempo de Deus, com respeito à vida de seu marido.

Abigail era uma mulher corajosa e extraiu o máximo que podia de uma situação difícil. Ela conhecia os princípios culturais adequados para a situação: Nabal, por simples hospitalidade e agradecimento pela proteção que os homens de Davi haviam dado, deveria ter concordado com o pedido deles. Todavia, quando Davi pensou em vingança Abigail intercedeu, compreendendo que a vingança não era algo que cabia a Davi nem a ela. Anos de convívio com Nabal não tornaram Abigail amarga nem desejosa de vingar-se dele. O Senhor honrou Abigail por sua firmeza, generosidade e disposição em continuar no caminho reto, apesar das dificuldades. Da mesma forma, Deus continua a honrar os que são fiéis, mesmo quando esta

¹⁰ TOURNIER, 2008, p. 145.

¹¹ SYSWERDA, 2003, p. 111.

fidelidade resulta em problemas e sofrimento. Ele não promete livrar-nos sempre, como fez com Abigail mas promete ficar conosco.¹²

Muitas vezes o ser humano precisa passar por um período de disciplina, de duro aperfeiçoamento, para estar habilitado. Essa fase da vida de Abigail ocorreu evidentemente, após seu casamento, pois seu marido era um homem cruel, escravo do vinho, um verdadeiro tolo, conforme indica o seu nome. A Bíblia não relata como essa mulher apresentada nas Escrituras como sendo sensata e formosa, teve a desventura de se casar com Nabal. O que relata, e o que nos impressiona, é como Abigail salvou sua família todo o pessoal da grande fazenda que possuía de uma destruição total pelas mãos de Davi e seus homens. É uma história que vale a pena ser lida.

É possível destacar rápidas pinceladas das qualidades de Abigail. Sua capacidade de assumir a liderança em face da má decisão do marido e seu estado de embriaguez. Os servos depositavam nela completa confiança e logo obedeceram ao seu mandato. Sua prudência ao reconhecer a gravidade da situação em que ela e todo o seu povo se encontravam, e a maneira eficiente e prática pela qual resolveu o problema. Sua confiança na misericórdia na integridade de Davi sabia ser ele um homem ungido pelo Senhor. Distingua nele a capacidade de perdoar e de aceitar a restituição que ela lhe oferecesse.

A mulher cristã que atua no mundo de hoje também necessita dessas qualidades:

1. A capacidade de administrar - Seu tempo, suas energias, seus bens, sua vida no lar e fora dele, estão sendo administrados de tal maneira que Deus está sendo glorificado em sua vida?
2. A capacidade de compreender a situação em que se encontra – Está sendo sábia no seu viver diário, nas prioridades a que está dando preferência? A compreensão e a mutualidade existentes entre ela e o marido estão cada vez mais fortes?¹³

Observa-se a percepção espiritual para discernir o caráter das pessoas que a cercam – a mulher cristã tem que ser, na expressão de Jesus, prudente como as serpentes e simples como as pombas (Mt 10.16). A prudência e a formosura se Abigail são dignas de serem cultivadas pelas mulheres do século vinte.

1.3 Hulda, uma mulher que exerceu sua autoridade para advertir o povo de Israel

Hulda, junto à Débora e Miriã, foi uma das poucas mulheres do Antigo Testamento que ocuparam cargos de autoridade. Ela foi esposa de Salum, responsável pelo guarda-roupa do templo, e viveu em Jerusalém durante o reinado do rei Josias.

O rei Josias iniciou o seu reinado sobre Judá quando tinha apenas oito anos de idade. Seu avô e seu pai haviam sido reis perversos. Mas, desde o princípio do reinado, Josias foi um rei diferente. O estudo sobre Hulda começa no livro de 2 Reis 22.1-2.

Sabe-se pouco da história de Hulda, somente que Deus lhe confiou suas palavras num período de crise nacional. Isso ocorreu quando o rei Josias assumiu o poder e tornou-se rei,

¹² SYSWERDA, 2003, p. 166.

¹³ CRAWFORD, 1981, p. 114.

toda a nação de Israel vivia de maneira pecaminosa, então, Hulda agiu corajosamente para fazer essa dura advertência (2Rs 22.18-20).

O sumo sacerdote e os outros homens levaram ao rei a mensagem de Hulda. Isto demonstra o respeito que lhe dispensavam. Talvez tenham dito: “Talvez o rei não goste das coisas que ela disse que acontecerão; vamos encontrar outra pessoa para que dê as más notícias”. Ou, eles poderiam ter tentado encontrar uma profetisa mais favorável de alguma outra fonte.

Em um período de crises no reino de Judá, Hulda foi uma mulher que vivia uma comunhão estrita com Deus e estava em condições de falar em nome dele. Ela teve coragem de fazê-lo com honestidade. Por meio de Hulda, o rei aprendeu o que ele e sua nação deveriam fazer para evitarem o julgamento e a punição que mereciam.¹⁴

A história de Hulda e de suas palavras ao rei ilustra o contraste entre o juízo e a misericórdia de Deus. Ele é rápido para julgar os que merecem castigo, mas também depressa perdoa os que se arrependem. De fato, Deus inclina-se a perdoar, esperando apenas que se achege a ele em arrependimento.

A confiança de Hulda estava no Senhor Deus. Ainda hoje, Deus continua usando mulheres para expressar a verdade sem temor e com confiança nele. Davi, ancestral do rei Josias, conhecia a coragem que recebera por confiar no Senhor. Davi escreveu: “O Senhor é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo? O Senhor é a fortaleza da minha vida; a quem temerei? Espere no Senhor, seja forte” (Sl 27.1).

1.4 Ester, uma mulher que reconheceu sua missão diante do perigo

A fascinante história de Ester encontra-se no livro do Antigo Testamento que leva o seu nome. Sua história é bastante conhecida. Ester era sobrinha de Mardoqueu que servia ao rei da Pérsia, como porteiro do palácio, foi levada para corte persa, onde depois de algum tempo foi escolhida pelo rei para ser a nova rainha do seu império.

A história deveria ter tido um final feliz, não fosse a proeminência do mau Hamã, que odiava os judeus e, de modo especial, Mardoqueu. Mediante um decreto assinado pelo próprio rei, consequência de uma artimanha de Hamã, todos os judeus são sentenciados à morte. Eis aí a hora de grande prova para a rainha Ester. Ela recebe de seu tio Mardoqueu a incumbência de adentrar o átrio de audiência do rei para pleitear a salvação do seu povo (Et 4.14).

É nessa hora que Ester revela a grandeza de seu caráter. Em primeiro lugar, manda que o povo ore por ela. Reconhece que essa não seria uma missão que ela, sozinha, seria capaz de cumprir. Mostrou-se, também, diplomata por excelência na maneira como agiu. Ao entrar na presença do rei, não denunciou de uma vez a trama armada por Hamã contra seu povo. Preparou um ambiente propício. Convidou o rei para o seu aposento. Usou seus dons,

¹⁴ PRIDDY, Eunice Faith. **Mulheres na Bíblia**. Curitiba: RBC, 2011, p. 96.

seus atributos femininos para que, no momento próprio, pudesse falar do grande perigo e aflição do seu povo.¹⁵

A semelhança de Ester, é preciso atentar para mais essas duas qualidades, as quais podem ser cultivadas nos relacionamentos: 1 - reconhecer a própria incapacidade de vencer, solicitar o apoio espiritual de outros e entregar a própria vida nas mãos de Deus. Ester declarou: “Se eu perecer, pereci” (Et 4.16). Ela colocou-se numa completa dependência de Deus; e 2 - desenvolver os atributos de um diplomata. Para isso, é preciso conhecer melhor o mundo em que se vive. Aprender a guardar língua para falar na hora certa, proceder em todas as horas da vida com dignidade e retidão. Nada de palavras impensadas e ações que não sejam cometidas. Faz-se necessário assumir um comportamento real, a semelhança de Ester como mulheres cristãs, filhas do grande Rei.

1.5 Lídia, uma mulher influente, generosa e hospitaleira

Lídia, a vendedora de púrpura, gentia, era uma das mulheres de negócios mais influentes na próspera cidade comercial de Filipos. Além desse fato, o que mais a caracterizava era sua autêntica piedade. Juntava-se a outras mulheres tementes a Deus, aos sábados, à beira do rio, para oração. Ali aparecem homens enviados por Deus, como registra o Livro de Atos, capítulo 16, que lhes anunciam as boas-novas de Cristo Jesus.

Lídia se converte e com ela toda a sua casa. Ela roga aos discípulos de Jesus que se hospedem em sua casa. Tudo parece indicar que a própria igreja de Filipos nasceu e se reuniu neste lugar hospitaleiro. Lídia é a primeira pessoa a ser convertida na Europa e essa igreja é a primeira igreja cristã na Europa, fruto da obediência de Paulo sobre a visão da Macedônia, pela qual Deus dirigiu seu servo para o Ocidente. Sua obediência a ordem de Deus mudou todo o curso da história do mundo. Ainda sobre Lídia é precisa salientar que:

A vida de Lídia nos revela um Deus que aceita relacionar-se com seu povo. A abertura de Lídia para as verdades pregadas por Paulo não foi buscada por sua própria iniciativa; Deus viu a fome que aquela mulher tinha por ele e satisfaz sua maior necessidade: sua necessidade dele. Ele continua tocando corações hoje. A ânsia que você sente por intimidade com ele, o vazio que experimenta quando já tentou tudo o mais e continua com fome, a necessidade ardente que tem pela integridade – essas coisas só podem ser satisfeitas quando começar com alfa e terminar com o Ômega, Jesus Cristo, nosso começo e nosso fim.¹⁶

Atualmente as mulheres cristãs que negociam, que compram e vendem, que oferecem seus serviços à comunidade, farão bem em cultivar em suas vidas essas qualidades que brilham na vida de Lídia, tais como a oração, a liderança, a valorização da fé e dos valores espirituais e a verdadeira humildade cristã.

¹⁵ CRAWFORD, 1981, p. 114.

¹⁶ SYSWERDA, 2003, p. 391.

1.6 Priscila, uma mulher evangelista com maturidade espiritual

Priscila aparece nas Escrituras, no livro de Atos, sempre ao lado do seu marido, Aquila, ambos eram fabricantes de tendas. Esse casal tornou-se grande colaborador de Paulo na vida profissional e, também, na pregação do evangelho. Certa feita, o casal ouviu em Éfeso um jovem pregador chamado Apolo, impressionado com os dons que o jovem possuía, mas percebendo que a mensagem que anunciava com tanto ardor era incompleta, eles levaram para o seu lar, onde o instruiu em todas as verdades concernentes a Jesus Cristo (At 18.24-28).

Priscila e Aquila eram um casal hospitaleiro, testemunha fiel, transferiu-se diversas vezes de um local para outro, sempre usado e abençoado por Deus em todos os lugares. Sua presença se destacou em Corinto, Éfeso e Roma.

A Escritura não relata, exatamente, qual era o papel desempenhado por Priscila nas circunstâncias descritas no Novo Testamento. Era uma professora ativa ou ficava na retaguarda? O fato de seu nome aparecer sempre junto com o do marido nos diz algo: era uma discípula valiosa, alguém que fez diferença na vida de Paulo e em seu mundo. Seja qual for o papel como mulher em sua igreja, quer em segundo plano, quer em posição de liderança, fique certa de que seu trabalho é importante. Cada tarefa – não importa se pequena ou grande – tem importância na propagação do evangelho. Você faz parte da comunidade sua igreja, e Deus promete usá-la.¹⁷

A mulher cristã no exercício de suas atividades na sociedade, no trabalho ou em casa, assume as funções de participante ativa e tem como tarefa primordial, ajudar e melhorar o seu meio ambiente, assim como ser o sal e a luz que atuam e melhoram o ambiente em que efetivam sua missão. Ela deve fazer com que a sua presença seja transformadora até onde a sua influência alcance. Sendo cristã, ela é a própria presença de Cristo em qualquer lugar que estiver, assim como fez Priscila em sua época.

A mulher cristã desenvolve seu papel no mundo, quando torna o mundo um lugar melhor, quando inclina os corações dos homens para Deus. O exemplo dessas mulheres citadas na Bíblia pode ser utilizado como referencial de ensino pela mulher cristã na atualidade. Essas mulheres possuíam qualidades e defeitos. Eram fortes, porém frágeis. Humildes e vitoriosas. Soberbas e fracassadas. Belas e virtuosas. Esforçadas e, também, delicadas.

O elenco de personagens das mulheres da Bíblia é amplo e variado, incluindo prostitutas e rainhas perversas a profetisas, de mulheres ricas a mulheres exploradas, de mulheres solteiras a casadas e viúvas, de jovens a idosas. Longe de se tratar de personagens fictícias, são mulheres de verdade, que lutaram contra a tragédia ou foram sua causa; que arriscaram a vida e a reputação por outros, cheias de compaixão e de sabedoria para vencer as dificuldades. Embora nossa cultura seja muito diferente dessas mulheres, compartilhamos muitas reações e preocupações emocionais.¹⁸

¹⁷ SYSWERDA, 2003, p. 400.

¹⁸ SYSWERDA, 2003, p. 16.

Ao observar essas características, é possível perceber que a mulher tem papel fundamental na vida da sua família e na igreja. Além de exercer influência nos contextos de atuação, isso indica que sua ação expressa a sua fé e a forma como enfrenta às situações do dia a dia.

2. MULHER CRISTÃ E SEU PAPEL NA SOCIEDADE

A mulher cristã frente ao seu papel na sociedade tem o privilégio de ser luz em meio às trevas e fazer a diferença através de sua vida. Percebe-se que no contexto bíblico e histórico muitas mulheres foram influências diretas no desenvolvimento da fé cristã. Não obstante o fato de muitas vezes não serem evidenciadas no contexto histórico, elas fazem parte da história, quer como auxiliaadoras, discípulas, coadjuvantes, protagonistas. Contudo, o que sobressai de sua atuação é a firmeza de seu caráter construído pelo poder do Espírito Santo e moldados pela graça divina.

Mulheres cristãs não precisam se preocupar em enaltecer sua imagem na sociedade, antes elas dedicam suas vidas para servir e glorificar a Deus, pois isso é de fato compreender seu real papel em uma conjuntura social que preconiza que homens e mulheres disputam posições valorativas. Estas ações determinam a importância de alçar uma maior representatividade no âmbito das decisões, entretanto, a mulher deseja que seus direitos sejam respeitados e que possam servir com inteireza de coração.

O olhar cristão defende que homens e mulheres são iguais em humanidade, dignidade, valor e propósito, contudo, não são idênticos, porque se acredita que as diferenças entre o sexo devem trabalhar em conjunto para criar relacionamentos de unidade e complementaridade.

No decorrer da história, as mulheres cristãs podem ser consideradas como exemplos eficazes de caráter, atitude e decisão, pois desenvolveram a capacidade de trabalhar em prol do próximo. Elas foram missionárias, pregadoras do evangelho, escritoras, mães e filhas prudentes e submissas. Enfrentaram o desconhecido e responderam ao chamado em prol do reino de Deus. Elas não se conformaram à sua época, não declararam serem inferiores, mas se indignaram com a injustiça, com o analfabetismo e com a ausência de condições mínimas de higiene e saneamento.

Observa-se, ainda, que as mulheres cristãs buscam ser valorizadas pelos seus méritos, pelo que são, sem adotar discursos ultrajantes, estudos ou interpretações contrárias ao seu papel e identidade como mulher, por isso defende-se que tanto aquelas como as mulheres de hoje precisam ser valorizadas sim, humilhadas jamais.

Isso ocorre pela convicção que têm de que foram “chamados segundo seu propósito”, Deus refina a cada um pela obra de um Salvador extraordinário e maravilhoso - o seu Filho único, como molda a cada um que crê, conforme a sua imagem (Rm 8.29).

A obra graciosa de Deus na vida das mulheres fez com que cada uma se tornasse verdadeiramente extraordinária. Por isto, elas permanecem como

um lembrete da nossa queda e do nosso potencial. Uma só voz, onde todas elas nos apontam para Cristo.¹⁹

As mulheres frequentemente foram silenciadas, controladas, diminuídas e tratadas como subumanas nas mais diversas sociedades humanas. Todavia, houve um homem que lutou sozinho contra o império do preconceito. Ele foi incompreendido, rejeitado, excluído, mas não desistiu dos seus ideais. Ninguém apostou tanto nas mulheres como ele. Fez das prostitutas rainhas, e das desprezadas, princesas. Muitos dizem que ele é o homem mais famoso da história, mas poucos sabem que foi ele quem mais defendeu as mulheres. Seu nome é Jesus Cristo, o Mestre dos Mestres na arte de viver. Esse texto não fala de uma religião, mas da filosofia e da psicologia do homem mais complexo e ousado de que se teve notícia. Mas a base fundamental da liberdade é a capacidade de escolha, e a capacidade de escolha só é plena quando temos liberdade de escolher o que amamos. Todavia, estamos vivendo em uma sociedade em que não conseguimos sequer amar a nós mesmos. Estamos nos tornando mais um número de cartão de crédito, mais um consumidor potencial. Isso é inaceitável.²⁰

O contexto da narrativa de Cury reflete a importância do agir de Jesus Cristo em defesa das mulheres, evidenciando que todas são igualmente belas, não importando a anatomia do seu corpo, não importando nem mesmo se erravam ou erram muito ou pouco, o critério é o do amor e da sua graça manifesta. Jesus viu algo mais profundo na presença da mulher, à medida que respeitou sua inteligência, sabedoria e dignidade.

As confusões que se proliferaram no mundo a respeito do devido lugar da mulher na sociedade e no lar, afetam também a posição da mulher dentro da Igreja. A igreja não fica isenta, intocável, ilhada pelas mudanças que ocorrem no mundo. Antes, como é composta de pessoas que vivem neste mundo e acompanham as mudanças pelas quais ele passa, a igreja de Jesus Cristo também sofre evoluções, revoluções e grandes mudanças, na sua eclesiologia e na sua prática, as quais atingem a sua maneira de ser.

Dr Adrian Rogers, pastor de Bellevue Baptist Church, em Memphis, Tennessee, ao falar numa Conferência de Mulheres Cristãs sobre o papel da mulher no mundo em que vivemos, salientou a falta de definição do papel da mulher no mundo atual. Reconheceu a confusão existente, mesmo dentro da Igreja, a respeito do ministério e da contribuição da mulher em particular. Seu Fez, então, esta afirmação: sou da opinião que a mulher é infinitamente superior ao homem na importante tarefa de ser mulher, e que o homem é infinitamente superior à mulher na importante tarefa de ser homem! Isto é evidente, e a Bíblia ensina que somos iguais quanto ao nosso valor; todavia, e graças a Deus por isso, não somos iguais no que diz respeito às nossas funções.²¹

Observa-se que o papel da mulher cristã como ajudadora do lar é um plano de Deus, como ilustra (Pv 31.10-31). Provérbios alude que a mulher, casada ou não, zela pelo rumo do seu lar e se recusa a comer o pão da preguiça (Pv 31. 27). As instruções desse texto vindas de

¹⁹ MACARTHUR, Jonh. **Chaves para o crescimento espiritual**. São José dos Campos: Fiel, 1981, p. 13.

²⁰ CURY, Augusto. **A ditadura da beleza e a revolução das mulheres**. São Paulo: Arqueiro, 2005, p. 79.

²¹ CRAWFORD, 1981, p. 75.

Deus são importantes. É preciso atentar que a mulher tem uma missão e que ela pode exercê-la com qualidade e excelência.

Em Provérbios 31.10 é acrescentado outro desafio ao papel da mulher cristã, o que será exercido no lar. Chama atenção para o emprego da palavra virtuosa que carrega como significado o ato de possuir força moral, força de caráter e que enfatiza a habilidade e coragem física desta mulher. Este retrato, portanto, revela a força de caráter e a excelência moral e que podem ser contempladas também na força do seu corpo e em sua diligência, energia, trabalho, habilidade de realizar e zelar por aquilo que está sob o seu cuidado, recusando-se a comer o pão da preguiça.

A mulher cristã tem a consciência sobre os princípios presentes na revelação de Deus. São eles que precisam nortear suas ações e pensamentos. Afinal, os princípios emanam do próprio Deus para que se tenha uma vida boa e longa. Para tal, é preciso cultivar alguns valores que são essenciais aos relacionamentos, como amor, justiça, temperança, compaixão, empatia, alteridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relacionamentos significativos e saudáveis são aqueles que estão fundamentados pela verdade de Deus. A Bíblia diz que o homem e a mulher agem, conforme eles pensam no seu coração (Pv 23.7), o que implica em dizer que tanto o homem como a mulher precisam ser alcançados pela graça de Deus, a qual implica em mudança de vida e mentalidade. De fato, é preciso que sejam novas criaturas em Cristo. Esse é o propósito maior da redenção concedida no sacrifício da cruz.

É preciso ressaltar a atitude de Jesus para com as mulheres. Ele “mostra-se livre de qualquer preconceito, fala às mulheres como fala aos homens, com o mesmo respeito, a mesma confiança, as mesmas exigências e as mesmas promessas”.²² De fato, no plano divino não existe diferença de tratamento e nem mesmo de valorização de um sexo em relação ao outros, antes pode-se ter a convicção de que homens e mulheres carecem da graça de Deus.

Interessante que é possível identificar algumas ações diretas de Jesus às mulheres. Foi a uma mulher, a samaritana, que Jesus revela sua identidade (Eu sou, o que está falando contigo - Jo 4.26). Foi a mulheres, Maria, Maria Madalena, que ele se apresenta após a ressurreição (Mt 28.9-10). Foi a uma mulher, Maria, irmã de Lázaro, que ele dedicou tempo para o ensino, enquanto a visitava em sua casa. Foi por intermédio de uma mulher que confrontou o pecado (Jo 8). Foi a uma mulher que demonstrou sua compaixão, curando-a (Lc 12.10-13).

Sem dúvida, não se pode ignorar o impacto da mulher na história. Ele alcança mais significado do que aquilo que a sociedade reconhece, por isso que é preciso estudar sobre as ações das mulheres relatadas nas Escrituras. Aprende-se muito com suas histórias, atitudes e relacionamentos. Afinal, elas uma missão em dias difíceis, em momentos críticos da história e se mostraram hábeis em suas decisões.

²² TOURNIER, 2008, p. 144.

As decisões das mulheres eleitas expressam a sua dependência e confiança em Deus. Elas não agiram de forma isolada, antes demonstraram sabedoria e senso de missão em suas ações. Às mulheres foram designadas uma tarefa, a qual cumpriram com excelência.

Por fim, enfatiza-se que não se deseja idealizar a ação das mulheres, a ideia foi a de enfatizar aspectos importantes que podem ser extraídos de sua ação na efetivação do plano de Deus para a humanidade, reconhecendo que homens e mulheres são participantes ativos na missão designada. Eles são cooperadores de Deus na expansão do seu reino.

REFERÊNCIAS

CRAWFORD, Maxie. **Mulher cristã, desafio de hoje**. Rio de Janeiro: JUERP, 1981.

CURY, Augusto. **A ditadura da beleza e a revolução das mulheres**. São Paulo: Arqueiro, 2005.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Pesquisa em prática: orientações e normas de editoração de trabalhos científicos em Teologia**. Winston-Salem: Carolina University, 2022.

MACARTHUR, Jonh. **Chaves para o crescimento espiritual**. São José dos Campos: Fiel, 1981.

NICODEMUS, Augustus. **Ordenação de mulheres: que diz o Novo Testamento?** São Paulo: PES, 2006.

PRIDDY, Eunice Faith. **Mulheres na Bíblia**. Curitiba: RBC, 2011.

SYSWERDA, Jean. **Elas**. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

TOURNIER, Paul. **A missão da mulher**. Viçosa: Ultimato, 2008.

WIERSBE, Warren W. **Históricos: comentário bíblico expositivo**. São Paulo: Geográfica, 2017.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n2.010

Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A TRANSIÇÃO DOS SISTEMAS DE GOVERNO SOBRE A DESCENDÊNCIA DE JACÓ NO ÊXODO

THE TRANSITION OF SYSTEMS OF GOVERNMENT OVER THE DESCENDANTS OF JACOB IN THE EXODUS

Suzinete Cristina da Silva Cobiak¹

RESUMO

Faraó, rei do Egito, impõe seu sistema de governo sobre os filhos de Israel tornando-os seus escravos. Israel perde sua identidade como descendência detentora das alianças de Deus com os patriarcas e Deus resolve intervir. Moisés nasce na tribo de Levi e é criado como filho da filha de Faraó. Já adulto passa por um sério problema e foge de Faraó. Tem um encontro com Deus que mudaria sua história, sua vida, suas crenças e se tornaria o líder de seu povo. O escritor do livro de Êxodo faz uso alternado dos termos Faraó e rei do Egito para uma mesma pessoa, bem como hebreus, filhos de Israel, casa de Israel e congregação de Israel para os descendentes de Jacó. O Tabernáculo é inaugurado e o Senhor passa a habitar no meio de seu povo.

Palavras-chave: Deus. Faraó. Governo. Israel. Moisés.

ABSTRACT

Pharaoh, king of Egypt, imposes his system of government on the children of Israel by making them his slaves. Israel loses its identity as descendants holding God's covenants with the patriarchs and God decides to intervene. Moses is born in the tribe of Levi and raised as the son of Pharaoh's daughter. As an adult he goes through a serious problem and runs away from Pharaoh. He has an encounter with God that would change his story, his life, his beliefs and would become the leader of his people. The writer of the book of

¹ A autora é mestra em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná, bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica de São Paulo e Faculdade Unidade de Vitória, Pós-Graduada em Exposição e Ensino da Bíblia pela Faculdade Teológica de São Paulo e E-mail: suzicobiak@hotmail.com.

Exodus makes alternate use of the terms Pharaoh and king of Egypt for the same person, as well as Hebrews, children of Israel, house of Israel and congregation of Israel for the descendants of Jacob. The Tabernacle is inaugurated and the Lord passes by to dwell among his people.

Keywords: God. Pharaoh. Government. Israel. Moses.

INTRODUÇÃO

O tema *A Transição dos Sistemas de Governo sobre a Descendência de Jacó no Êxodo* teve início quando, ao efetuar mais uma vez a leitura de Gênesis e Êxodo para uma pesquisa teológica, observou-se que o termo Faraó surge pela primeira vez em Gênesis com Abrão, porém nas narrativas que se seguiam no livro de Êxodo o escritor alternava entre o uso dos termos “rei do Egito” e “Faraó”.

É claro que se tratava do mesmo indivíduo, todavia, qual a finalidade desta alternância, por que não utilizar um mesmo termo? Aliás, onde surgiu o termo Egito no contexto bíblico e o que significa Faraó? Como era seu sistema de governo em relação ao povo de Israel?

Outro detalhe que chamou a atenção foi que também houve alternância entre o uso dos termos hebreus, Israel, filhos de Israel, casa de Israel, congregação de Israel, mas qual seria o motivo para um escritor usar tantas nomenclaturas diferentes para se referir a um mesmo povo?

Considerando o modo de vida que Faraó impôs aos filhos de Israel, como fica a promessa feita a Abraão, Isaque e Jacó, tendo os descendentes de Jacó se transformado em escravos de Faraó? E como deixaram de ser escravos para se tornar a Congregação dos filhos de Israel?

São questões relevantes que necessitavam de pesquisa efetuada com base na leitura detalhada e comparativa dos livros de Gênesis e Êxodo, em que o escritor, registrando cada passo do caminho, possa ter deixado algum detalhe que permitisse compreendê-las. Contudo, a leitura não pode ater-se somente ao texto, mas também, no texto por trás do texto, ou seja, analisar não somente o texto escrito, mas a possível intenção do escritor ao utilizar este ou aquele termo.

O texto base para comparação nesta pesquisa será no uso das versões bíblicas em português (Almeida Revista e Corrigida), em hebraico (Bíblia Stuttgartensia), bem como instrumentos auxiliares tais como dicionários, léxicos, gramática instrumental hebraica e obras que versem sobre costumes do Antigo Testamento.

1. FARAÓ, O REI DO EGITO, E SEU SISTEMA DE GOVERNO SOBRE OS DESCENDENTES DE JACÓ

A leitura do livro de Gênesis feita de forma comparativa entre duas versões da Bíblia² foi um dos pontos relevantes que começaram a apresentar respostas às questões introdutórias deste artigo. Logo no capítulo 10, em que o escritor de Gênesis faz a narrativa

² **BÍBLIA de Estudo Plenitude**. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: SBB, 2001; **BÍBLIA Hebraica Stuttgartensia**. Edição quinta emendata. Barueri: SBB, 1997.

que apresenta a descendência dos filhos de Noé, é apontado o surgimento de Egito e o nome de seus filhos:

“E os filhos de Cam, são: Cuxe, e Mizraim³, e Pute, e Canaã” (Gn 10.6) - texto que apresenta a origem do indivíduo Egito, filho de Cam;...“E Mizraim gerou a Ludim, e a Ananim, e a Leabim, e a Naftuim” (Gn 10.13) - é elencado o começo da descendência de Egito;...“E a Patrusim e a Caslusim, (donde saíram os Filisteus) e a Caftorim” (Gn 10.14) - texto que continua apresentando a descendência de Egito.

Prosseguindo a leitura, o autor, no capítulo 11 narra o surgimento da torre de Babel e a intervenção de Deus que culminou nos povos espalhados pelo mundo. No mesmo capítulo continua a narrativa sobre os filhos de Sem, até o surgimento de Abrão e sua esposa Sarai que partem de Ur dos Caldeus em direção à Canaã.

No capítulo 12 está registrado: “Ora, o SENHOR disse a Abrão: Sai-te da tua terra, e da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei” (Gn 12.1). Assim Abrão começa a peregrinar pela terra, e o mesmo capítulo registra: “E havia fome naquela terra; e desceu Abrão ao Egito, para peregrinar ali, porquanto a fome era grande na terra” (Gn 12.10).

Abrão vai para o Egito e isso demonstra o aparecimento da nação no texto bíblico, mas e Faraó? O termo Faraó aparece pela primeira vez em Gênesis 12.15, quando Sarai, esposa de Abrão, foi levada para a Casa de Faraó e Deus precisa intervir para que Sarai seja liberta e retorne para junto de Abrão.

No trecho compreendido entre o capítulo 13 e o 25, Deus faz uma aliança com Abrão, troca seu nome para Abraão e o nome de sua esposa para Sara. Nasce seu filho Isaque. Isaque casa-se com Rebeca e têm dois filhos, Esaú e Jacó.

No capítulo 28 Jacó se separa de seu pai, mãe, irmão, e “vai a Padã-Arã, à casa de Betuel, pai de tua mãe [...]” (Gn 28.2). E é possível constatar que, até o capítulo 35 do livro de Gênesis, Jacó possuía duas esposas (Lea e Raquel), duas concubinas (Zilpa, Bila) e, somando os filhos gerados pelas esposas e concubinas, teve doze filhos e uma filha, sendo apenas dois filhos gerados por Raquel, José e Benjamim.

Do capítulo 37 ao 50, a narrativa bíblica descreve a trajetória de José do momento em que foi vendido como escravo por seus irmãos, até tornar-se governador do Egito. Ele reconcilia-se com seus irmãos e traz seu pai e seus irmãos com suas famílias para habitarem na melhor região da terra do Egito. O capítulo 50 é finalizado com a morte de José, todavia, ele sabia que Deus visitaria seu povo e os levaria para a terra que jurou a Abraão, Isaque e Jacó. Quando isso acontecesse, deveriam levar seus ossos junto com eles para a nova terra.

Entretanto, ao analisar detidamente o trecho bíblico entre Gênesis 41.46 e Êxodo 1.8, tanto na versão em Português quanto na versão em Hebraico, é possível perceber que não mais é mencionado o termo “rei do Egito”, somente “Faraó”. Mais ainda, o escritor de Êxodo 1:8 narra que se levantou um novo rei sobre o Egito que não conhecia a José e que este se preocupou com o tamanho do povo dos filhos de Israel.

³ *Mits^eraim* (מִצְרַיִם = Egito), segundo Davidson, seria o nome próprio de um dos filhos de Cam; nome do país Egito (DAVIDSON, Benjamin. **Léxico analítico-hebraico e caldaico**. Tradução de Daniel de Oliveira e William Lane. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 769-770).

Interessante observar que no intervalo de 10 capítulos é utilizado apenas o termo Faraó e isso ocorre, possivelmente, devido ao local da narrativa, ou seja, o contexto geográfico dos fatos descritos. Afinal, o povo de Israel está no Egito desde quando José trouxe seu pai e seus irmãos para viverem na terra de Gósen (Gn 47.27).

No entanto, o povo se multiplicou, viveu e prosperou na terra do Egito e, quando se levantou um novo rei que não conheceu José e não soube tudo que ocorrera e tudo o que ele fez pelo Egito, teve medo de que, caso acontecesse alguma guerra, este povo que vivia junto dos egípcios poderia se levantar contra ele, ou se juntar com os inimigos, e pelejar contra ele, conforme descrito em Êxodo 1.10.

Assim, o rei lhes impõe altos tributos para afligi-los, mas, quanto mais os afligia, mais se multiplicavam, cresciam, se espalhavam, o que deixava os egípcios ainda mais preocupados o que fazia com que oprimissem ainda mais os filhos de Israel. Então, no versículo 18, o autor escreve que o rei do Egito manda chamar as parteiras para que, quando fossem ajudar as hebreias a terem seus filhos, se o bebê fosse do gênero masculino, elas deveriam matá-lo, mas se fosse feminino, que deixassem viver. Entretanto, no versículo 19, na resposta das parteiras, o que chama a atenção é que o escritor afirma “E as parteiras disseram a Faraó [...]”.

Porque o escritor iria inserir na narrativa o termo “rei do Egito”, mas no diálogo entre as parteiras e o rei, o autor menciona “Faraó”? Por que a diferença? Este é um ponto importante desta pesquisa: a alternância das palavras! O termo Faraó, no hebraico *par'ōh* (פַּרְעֹה), segundo Hamilton, representa a transcrição e vocalização do egípcio *per a'ō*, “a Casa Grande”, assim, a expressão não designava o rei do Egito, mas sim, seu palácio. Apenas na décima oitava dinastia teria se tornado o título que designa o rei.⁴ O que concorda com a afirmação de Gardner que aponta Faraó como sendo um título comumente utilizado para os reis do Egito, com o significado de “casa grande”.⁵

Importante lembrar que por trás do termo Faraó, também existia a crença de que ele seria mais que um simples rei. Segundo Losch, o termo faraó se refere à maioria dos reis do Egito, porém, o que vem à mente ao se ouvir o termo é aquele que Moisés enfrentou. Acrescenta que ele pensava ser deus e responsável pela prosperidade do Egito. O acesso à vida após a morte era feito por seu intermédio, assim, quando morria, era levado para a vida eterna com os deuses e aqueles que o serviam com mais lealdade podiam ser levados com ele.⁶

Packer explica que, quando Amenófis I (Amenotepe I), filho de Ahmose, sucedeu-o no trono em 1546 a.C., deu a si mesmo o nome de Amun- Rê, deus de seu pai; também ele se denominava “Filho de Rê”.⁷ Dessa forma, aos poucos, os egípcios passaram a considerar os seus faraós como deuses encarnados, e os adoravam como tais.

⁴ HAMILTON, Victor P. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1239.

⁵ GARDNER, Paul (Edit.). **Quem é quem na Bíblia**. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2005, p. 213.

⁶ LOSCH, Richard R. **Todos os personagens da Bíblia de A a Z**. 2.ed. São Paulo: Didática Paulista, 2011, p. 159.

⁷ PACKER, James I.; TENNEY, Merrill G.; WHITE JR, William. **O mundo do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2002, p. 71.

Diante disso, como viveria um povo estrangeiro, oprimido e sobrecarregado com trabalhos pesados neste sistema de governo? Passariam a sentir-se como escravos? Sim, foi exatamente o que aconteceu com os filhos de Israel. Da forma como os egípcios viam no rei o representante dos deuses, como deveria sentir-se um povo oprimido sob este sistema de governo por centenas de anos? Geração após geração, com cargas cada vez mais pesadas? Escravos!

Assim, de volta à narrativa bíblica de Êxodo 1.19, a quem as parteiras estavam respondendo, ao rei? Não, elas eram egípcias, estavam respondendo a Faraó, o representante dos deuses, ou melhor, aquele que se denominava filho de um dos deuses do Egito. O escritor termina o primeiro capítulo de Êxodo com a ordem de Faraó para todo o seu povo, dizendo: “A todos os filhos que nascerem lançareis no rio, mas a todas as filhas guardareis com vida” (Êx 1.22). Mais uma vez, não era um rei ordenando, era Faraó!

O autor do capítulo dois narra o nascimento de Moisés, como foi poupado de ser lançado no rio e a forma como foi adotado pela filha de Faraó. Mais uma vez o escritor menciona “filha de Faraó” e não, filha do rei. Já adulto, a bíblia descreve que Moisés visitava seu povo cujo nome o escritor também já não chama de filhos de Israel, mas sim, hebreus. Observando estes detalhes é possível perceber que os filhos de Israel haviam perdido sua identidade como o povo detentor da promessa de Deus. Uma aliança feita pelo próprio Deus com Jacó, transformado em Israel.⁸

Contudo, se analisar o texto por trás do texto, será possível notar a visão do escritor que, quando escreve a narrativa, insere as palavras rei do Egito, quando descreve diálogos ou atitudes dos personagens, usa o termo Faraó. Estes detalhes podem ser vistos em vários trechos como, por exemplo:

Narrativa do escritor - “E aconteceu, depois de muitos destes dias, morrendo o rei do Egito, que os filhos de Israel suspiraram por causa da servidão e clamaram; e o seu clamor subiu a Deus por causa de sua servidão” (Êx 2.23). Diálogo entre Deus e Moisés - “Vem agora, pois, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito. Então, Moisés disse a Deus: Quem sou eu, que vá a Faraó e tire do Egito os filhos de Israel?” (Êx 3.10,11).

No entanto, analisando ainda mais profundamente, é possível compreender que esta situação não perdura, nos capítulos que se seguem, gradativamente, vai havendo uma transição entre o uso de Faraó e rei do Egito, inclusive pelo próprio personagem de Moisés e não apenas na narrativa do escritor, mas também em seus diálogos com o monarca do Egito. Quando ocorre essa transição e seu desdobramento será exatamente o assunto do próximo tópico.

⁸ E disse-lhe Deus: O teu nome é Jacó; não se chamará mais o teu nome Jacó, mas Israel será o teu nome. E chamou o seu nome Israel. Disse-lhe mais Deus: Eu sou o Deus Todo-Poderoso; frutifica e multiplica-te; uma nação e multidão de nações sairão de ti, e reis procederão de ti. E te darei a ti a terra que tenho dado a Abraão e a Isaque e à tua semente depois de ti darei a terra (Gn 35.10-12).

2. A TRANSIÇÃO PARA UM NOVO SISTEMA DE GOVERNO PARA ISRAEL

O trecho de Êxodo 2.23-25, o autor narra a situação em que se encontravam os filhos de Israel quando morreu o rei do Egito. O texto descreve que suspiravam por causa da servidão, clamaram, e seu clamor chegou a Deus que os ouviu e lembrou-se de sua aliança com Abraão, Isaque e Jacó. No capítulo 3, Deus se apresenta a Moisés explicando que Ele é o Deus de seu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. E Moisés encobre o seu rosto, porque teme olhar para Deus (Êx 3.6). Vale lembrar que Moisés nasceu e foi criado entre Egípcios, ele não conhecia o Deus de Israel. O Senhor prossegue dizendo: “Vem agora, pois, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito” (Êx 3.10).

Neste ponto, pode ser notado o cuidado com que Deus fala com Moisés chamando os hebreus de filhos de Israel, no entanto, Deus não diz que o está enviando para o rei do Egito, mas sim, está o enviando a Faraó. O Senhor prossegue explicando a Moisés como ele deveria proceder: fale aos filhos de Israel, explique que sou o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Ajunte os anciãos de Israel e diga-lhes que os farei sair desta aflição e os levarei a uma terra que mana leite e mel, ou seja, relembre-os da aliança que fiz com Abraão, Isaque e Jacó.

Moisés, então deveria chamar os anciãos e ir com eles até o rei do Egito e dizer que os deixe ir para sacrificar ao seu Deus. Mais uma vez Deus volta a usar o termo rei e não Faraó, além do detalhe que, agora, já não deveria ser apenas Moisés, mas uma comitiva dos anciãos de Israel, isto é, estava sendo formada uma liderança para Israel.

O registro do capítulo 4 é iniciado com Moisés dizendo a Deus que o povo não iria crer nele, o que parece demonstrar sua insegurança. Deus lhe ensina sobre os sinais da vara se transformando em serpente, a mão tornando-se leprosa e voltando a estar sã e explica que deveria repeti-los diante de todos, assim iriam crer nele, e isso deveria ser feito também diante de Faraó, mas que seu coração iria ser endurecido e não os deixaria partir. Mais uma vez o escritor de Êxodo alterna o uso das palavras, pois Moisés não faria os sinais diante do rei do Egito, mas está escrito que ele faria diante de Faraó.

Ainda no mesmo capítulo é possível notar o medo de Moisés em se apresentar diante de Faraó, pede que Deus envie outro em seu lugar justificando que não é eloquente. Deus o repreende, mas entende sua dificuldade e orienta que Arão vá com ele e seja seu porta-voz.

O capítulo 5 é bem interessante, nos versículos 1, 2, o escritor insere as palavras que Moisés e Arão disseram a Faraó, contudo, quando escreve a resposta (v. 4), volta a utilizar o termo rei do Egito. O que o autor parece querer demonstrar a descida do primeiro degrau de Faraó no conceito de Moisés, no entanto, os demais versículos deste capítulo (5, 6, 10, 14, 15, 20, 21 e 23) apresentam que a reação foi de Faraó, e termina na frustração de Moisés: “Porque, desde que entrei a Faraó para falar em teu nome, ele maltratou a este povo; e, de nenhuma maneira, livraste o teu povo” (Êx 5.23).

O capítulo 6 começa com a resposta de Deus a Moisés: “Agora verás **o que hei de fazer a Faraó**; porque, **por mão poderosa**, os deixará ir; sim, **por mão poderosa**, os lançará de sua terra” (Êx 6.1). Momento em que se percebe novamente a inserção do termo Faraó e parece trazer a ideia de que Deus está dizendo a Moisés, veja o que farei com aquele que se acha um

deus. E continua ensinando, quando se apresenta oficialmente dizendo o que Moisés deveria falar aos filhos de Israel, “[...] Eu sou o Senhor. E eu apareci a Abraão, e a Isaque, e a Jacó, como o Deus Todo-Poderoso; mas pelo meu nome, o Senhor, não lhes fui perfeitamente conhecido” (Êx 6.2,3).

O interessante é que no versículo 11, o escritor já utiliza as duas formas, Faraó e rei do Egito, e ainda destaca, “deixe os filhos de Israel partirem”, ou seja, não são os hebreus, mas os filhos de Israel, os herdeiros da promessa. O uso das duas maneiras para se referir ao governante do Egito vai se repetir nos versículos, 13, 27 e 29, porém, no 30, o escritor insere uma pergunta de Moisés a Deus querendo demonstrar sua insignificância diante daquele governante, e o escritor volta a utilizar, apenas, Faraó.

Entretanto, quem lê Êxodo 7.1 se depara com uma declaração que, salvo engano, não é encontrada em nenhum outro trecho bíblico: “Eis que te tenho posto por Deus sobre Faraó; e Arão, teu irmão, será o teu profeta”. A narrativa dos demais versículos descreve Moisés e Arão diante de Faraó com mais sinais (vara se torna serpente e engole as serpentes dos magos), e Faraó permanece de coração obstinado.

Então o Senhor orienta a Moisés a falar com ele novamente, todavia, desta vez Moisés diz: “O Senhor, o Deus dos hebreus, me tem enviado a ti [...]” (Êx 7.16). Agora, Moisés já não está falando a um governante, o escritor usa o termo “a ti”, ou seja, é como se estivesse falando de igual para igual, no mesmo nível. Destaque-se que é Moisés falando para aquele que se autodenominava deus, que o Deus dos hebreus o enviou.

O texto de Êxodo 8.1 prossegue com a narrativa descrevendo as orientações de Deus a Moisés e Arão que deveriam ir ao Faraó e dizer: “Assim diz o Senhor: Deixa ir o meu povo, para que me sirva”. Agora, Moisés e Arão entravam na presença de Faraó e diziam que o Senhor os enviou, Deus estava ensinando quem é Senhor, não apenas para Faraó, mas também a Moisés, Arão e todo o povo dos filhos de Israel.

Claro que Faraó não obedece e então se segue a praga das rãs e, mais uma vez, Faraó desce um degrau de seu pedestal, ele mesmo se refere a Deus como Senhor: “E Faraó chamou a Moisés e a Arão e disse: Rogai ao Senhor que tire as rãs de mim e do meu povo; depois, deixarei ir o povo, para que sacrifiquem ao Senhor” (Êx 8.8).

No trecho descrito nos capítulos 9 a 13 seguem-se as demais pragas enviadas pelo Senhor que finalizam com a morte dos primogênitos de todo o Egito, menos dos filhos de Israel; a instituição da Páscoa e a saída da terra do Egito pelo caminho que Deus os conduzia: “E o Senhor ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo, para os alumiar, para que caminhassem de dia e de noite. Nunca tirou de diante da face do povo a coluna de nuvem, de dia, nem a coluna de fogo, de noite” (Êx 13.21,22).

Mas a instituição do novo Sistema de Governo ainda não estava concluída, restava mostrar, mais uma vez, a todos os filhos de Israel, a Faraó e todos os egípcios, quem era o Senhor. Assim, no capítulo 14, o escritor volta a utilizar o termo “rei do Egito” e acrescenta que quem partiu foi “Israel” e não os “hebreus”:

Sendo, pois, anunciado ao **rei do Egito** que o povo fugia, mudou-se o coração de Faraó e dos seus servos contra o povo, e disseram: Por que fizemos isso, havendo deixado ir a **Israel**, para que nos não sirva?

E aprontou o seu carro e tomou consigo o seu povo; e tomou seiscentos carros escolhidos, e todos os carros do Egito, e os capitães sobre eles todos (Êx 14.5-7, grifo nosso).

Ocorre que a obra precisava ser completa, os filhos de Israel também necessitavam aprender algo: “E, chegando Faraó, os filhos de Israel levantaram seus olhos, e eis que os egípcios vinham atrás deles, e temeram muito; então, os filhos de Israel clamaram ao Senhor” (Êx 14.10).

A esta altura Moisés demonstra que já havia aprendido e o escritor deixa isto bem claro: “Moisés, porém, disse ao povo: Não temais; estai quietos e vede o livramento do Senhor, que hoje vos fará; porque aos egípcios, que hoje vistes, nunca mais vereis para sempre. O Senhor pelejará por vós, e vos calareis” (Êx 14.13,14).

Então o Senhor orienta Moisés como proceder, o mar se abre, os filhos de Israel atravessam em terra seca, e agora, nos versículos 19 e 20, já não é Moisés que vai até Faraó:

E o Anjo de Deus, que ia adiante do exército de Israel, se retirou e ia atrás deles; também a coluna de nuvem se retirou de diante deles e se pôs atrás deles. E ia entre o campo dos egípcios e o campo de Israel; e a nuvem era escuridade para aqueles e para estes esclarecia a noite [...] (Êx 14.19,20).

Neste ponto o escritor acrescenta mais uma transição, se no versículo 13 ele escreve que Moisés estava dizendo algo ao “povo”, no versículo 19, ele descreve que o Anjo de Deus que estava indo adiante do “exército de Israel”, ou seja, aquelas setenta almas que foram morar no Egito (Israel com seus filhos e suas famílias), agora formavam um exército.

Israel atravessou e o mar se fechou deixando os egípcios para traz:

Assim, o Senhor salvou Israel naquele dia da mão dos egípcios; e Israel viu os egípcios mortos na praia do mar. E viu Israel a grande mão que o Senhor mostrara aos egípcios; e temeu o povo ao Senhor e creu no Senhor e em Moisés, seu servo (Êx 14.30,31).

Importante notar que nos versículos 30 e 31, o escritor registrou que o Senhor salvou Israel; Israel viu os egípcios mortos e a grande mão do Senhor, e creu no Senhor. Um detalhe, o escritor escreve Israel, e não os filhos de Israel, ou o povo de Israel, mas Israel, como uma só pessoa, ou seja, eles eram um.

Depois deste acontecimento sem precedentes, o capítulo seguinte (16.1) inicia utilizando um novo termo para Israel: Toda a congregação dos filhos de Israel (כָּל־בְּנֵי־יִשְׂרָאֵל). Agora já não era o povo estrangeiro que trazia a ideia de “peregrino”, como sugere Gardner, em relação ao termo “hebreu”.⁹

No entanto, neste ponto é possível observar um pouco mais sobre a transição deste povo que passou de hebreus para filhos de Israel e, de filhos de Israel para exército de Israel, quando na batalha do Senhor contra Faraó no meio do mar. Aqui, vencida a batalha, tornaram-

⁹ GARDNER, 2005, p. 258.

se a congregação de Israel, porém, a transição ainda não estava completa. A cada obstáculo no caminho em direção à terra prometida, eles murmuravam, ora por falta de água, ora pela alimentação e o Senhor os ouvia e resolvia cada situação.

Deus envia o maná dizendo a Moisés como deveriam fazer para colhê-lo e como deveria ser feita esta colheita, porém, uns faziam de um jeito outros de outro. Assim, Moisés os ensina que deveriam colher durante seis dias a porção para cada dia, contudo, no sexto dia, a porção deveria ser dobrada para que, no sábado, descansassem e não viria o maná.

Assim ficou registrado nos versículos 30 e 31, pois repousaram no sétimo dia, o que parece demonstrar a implantação de um novo sistema de leis para aquele povo. Aliás, no versículo 31, também ficou registrado um novo termo, Casa de Israel (בֵּית־יִשְׂרָאֵל), ou seja, agora aquele povo era chamado de família: “E chamou a casa de Israel o seu nome Maná [...]” (Êx 16.31).

No capítulo 18, Moisés cria uma hierarquia de liderança para que pudessem atender às questões do povo: “e escolheu Moisés homens capazes, de todo o Israel, e os pôs por cabeças sobre o povo: maiores de mil e maiores de cem, maiores de cinquenta e maiores de dez. E eles julgaram o povo em todo tempo; o negócio árduo traziam a Moisés, e todo negócio pequeno julgavam eles” (Êx 18.25,26).

No terceiro mês da saída do Egito (capítulo 19) o povo acampa-se e Moisés vai buscar ao Senhor:

E subiu Moisés a Deus, e o Senhor o chamou do monte, dizendo: Assim falarás à casa de Jacó e anunciarás aos filhos de Israel:

Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a mim; agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes o meu concerto, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha.

E vós me sereis reino sacerdotal e povo santo. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel (Êx 19.3-6).

Este trecho é de extrema importância e profundidade, aqui fica registrada a aliança que o Senhor desejava fazer com todo aquele povo, não mais somente com Abraão, Isaque e Jacó, mas com todo aquele povo. Quando aquelas setenta almas entraram no Egito, havia a aliança de Deus com Jacó transformado em Israel, todavia, os que saíram do Egito foram milhares, sim faziam parte da família de Jacó, mas agora Deus queria uma aliança com os filhos de Israel.

Assim como fez aliança com Abraão, com Isaque e com Israel, desejava fazer aliança com os filhos de Israel, afinal, parece ser esta a ideia transmitida pelo escritor quando, no versículo 3, registra “fale à casa de Jacó” e anuncie “aos filhos de Israel”, ou seja, Moisés diga a todos e proclame aos filhos. Se me ouvirem, e guardarem a minha aliança, eles serão minha propriedade particular dentre todos os povos. Serão um reino sacerdotal e povo santo.

Do capítulo 20 ao 24, segue-se a narrativa de Moisés transmitindo estatutos de Deus aos filhos de Israel, conforme o Senhor falara e, no versículo 3, fica registrada a resposta do povo: “Vindo, pois, Moisés e contando ao povo todas as palavras do Senhor e todos os estatutos, então, o povo respondeu a uma voz. E disseram: Todas as palavras que o Senhor tem falado faremos” (Êx 24.3).

Nos capítulos seguintes o Senhor orienta Moisés a construir o Tabernáculo para que pudesse habitar no meio de seu povo e, é bem verdade que ocorreram muitos tropeços e percalços pelo caminho, todavia, no capítulo 40, o escritor registra:

Então, a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo, de maneira que Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porquanto a nuvem ficava sobre ela, e a glória do Senhor enchia o tabernáculo.

Quando, pois, a nuvem se levantava de sobre o tabernáculo, então, os filhos de Israel caminhavam em todas as suas jornadas.

Se a nuvem, porém, não se levantava, não caminhavam até ao dia em que ela se levantava; porquanto a nuvem do Senhor estava de dia sobre o tabernáculo, e o fogo estava de noite sobre ele, perante os olhos de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas (Êx 40.34-38).

Desse modo, a congregação dos filhos de Israel, passou a ter um novo Sistema de Governo implantado pelo próprio Deus. Contudo, este sistema não era baseado em cargas pesadas, trabalho de escravos, o Senhor os resgatou da servidão e, como povo livre, os convidou a ser seu povo.

Assim como um dia Abrão (Abraão), Isaque e Jacó (Israel) fizeram uma aliança com Deus, da mesma forma os filhos de Israel fizeram e tiveram sua vida transformada. Entretanto, não bastava que tivessem leis para obedecer como qualquer outro povo sob um sistema de governo, não, eles precisavam ser mais, precisavam se tornar teorreferentes, ou seja, uma referência como povo de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a leitura detalhada dos livros de Gênesis e Êxodo efetuando algumas reflexões baseadas no sistema de governo do Faraó do período do Êxodo, chegou-se ao entendimento que este Faraó não era o mesmo da época vivida por José, que alcançou um alto posto na administração do Egito.

O Faraó do Êxodo segundo o relato bíblico, não conheceu José e, possivelmente, não teve conhecimento da importância que ele teve para a continuidade da vida em toda a terra do Egito. Simplesmente, viu um povo diferente, com costumes diferentes, que cresciam exponencialmente, vivendo no meio de seus súditos e preocupou-se com uma possível revolução e tomada de poder, passando a persegui-los chegando a ordenar a matança de bebês recém-nascidos para que não continuassem a crescer.

Em meio ao clamor dos filhos de Israel, que se tornaram escravos de Faraó, Deus intervém. Todavia, era necessário que houvesse um líder para conduzir o povo, e Deus escolhe Moisés, bisneto de Levi que era filho de Jacó, o qual fez uma aliança com Deus tendo seu nome trocado para Israel.

Durante esta intervenção de Deus para socorrer os filhos de Israel, houve a necessidade de preparar Moisés que havia sido criado como filho da filha de Faraó. Lembrando que o termo Faraó designa um título, contudo, este não se considerava apenas um rei, ele se

autodenominava filho de um deus egípcio o que fazia com que seus súditos também passassem a acreditar nesta pseudodivindade.

Nesse sentido, primeiro Deus se apresenta a Moisés e, com todo carinho e longanimidade, espera até que Moisés creia que o Senhor é o Único e Verdadeiro Deus. O que é possível notar nas vezes em que Deus se refere ao rei do Egito chamando-o de Faraó todas as vezes que Moisés se refere a ele desta forma. Até que se observa Moisés se dirigindo a Faraó pelo pronome da segunda pessoa no singular, “digo a ti”.

Os deuses do Egito juntamente com faraó ficam desmoralizados e Moisés está pronto para conduzir o povo à terra prometida por Deus aos filhos de Israel e torna-se interessante destacar que isso somente pode ser percebido pelo fato do escritor do livro de Êxodo usar os termos “Faraó” e “rei do Egito” em alternância. Durante quase 10 capítulos inteiros não se encontra o termo “rei do Egito”, apenas “Faraó”, trecho este que coincide com a terrível opressão causada pelo rei do Egito sobre os filhos de Israel.

Deus fez com que o povo de Israel, chamado de hebreus pelo Faraó, recuperassem sua identidade e dignidade como filhos de Israel, detentores da promessa de Deus feita a Jacó. Todavia, não bastava resgatar um povo que não acreditava no poder de Deus, sendo necessário primeiro destituir Faraó de seu pedestal transformando-o novamente num simples rei que chegou a referir-se a Deus como Senhor.

Mas não era tudo, havia sido feita uma aliança com Abraão, com Isaque e outra com Jacó, porém, Deus desejava agora fazer uma aliança com os filhos de Israel, ser seu Deus e eles, seu reino sacerdotal e povo santo. O que fica demonstrado nitidamente pelo escritor ao fazer uso da alternância de palavras: hebreus, Israel, filhos de Israel, exército de Israel, casa de Israel, congregação de Israel. Assim, não atentar para a alternância dos termos nos lugares devidos, não traz toda a riqueza e profundidade contidas no texto bíblico, afinal, os filhos de Israel passaram a ser teorreferentes, isto é, passaram a ser conhecidos como uma referência de um povo que serve ao Único e Verdadeiro Deus Criador de todas as coisas.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Estudo Plenitude. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: SBB, 2001.

BÍBLIA Hebraica Stuttgartensia. Editio quinta emendata. Barueri: SBB, 1997.

DAVIDSON, Benjamin. **Léxico analítico-hebraico e caldaico.** Tradução de Daniel de Oliveira e William Lane. São Paulo: Vida Nova, 2018.

GARDNER, Paul (Edit.). **Quem é quem na Bíblia.** Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2005.

HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

LOSCH, Richard R. **Todos os personagens da Bíblia de A a Z**. 2.ed. São Paulo: Didática Paulista, 2011.

PACKER, James I.; TENNEY, Merrill G.; WHITE JR, William. **O mundo do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2002.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema *Double Blind Review* (dupla avaliação cega, ou seja, autores e pareceristas permanecem anônimos durante o trabalho de edição), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail marivete@batistapioneira.edu.br

A Revista Ensaios Teológicos foi licenciada com uma *Licença Creative Commons*. O seu conteúdo é compartilhado no sistema Open Journal Systems, mas com determinadas restrições. A licença indica que há permissão para download e compartilhamento, desde que atribuam crédito à revista e ao autor de cada conteúdo, sem que seu conteúdo seja alterado e sem permissão para fins comerciais.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Resumo / Abstract

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

Texto principal

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte

tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subseqüentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

Referências

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

Resenhas

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.